Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

Luiz Gustavo Mendel Souza

No Caminho dos Mestres: Um estudo sobre Folia de Reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX

São Gonçalo
2012

Luiz Gustavo Mendel Souza

No Caminho dos Mestres: Um estudo sobre Folia de Reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadores: Prof.ª Dra. Marcia de Almeida Gonçalves
Prof. Dr. Rui Aniceto Fernandes

São Gonçalo
2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S731 Souza, Luiz Gustavo Mendel.
No caminho dos mestres: um estudo sobre Folia de Reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX / Luiz Gustavo Mendel Souza. – 2012.
155 f.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marcia de Almeida Gonçalves.
Orientador: Prof. Dr. Rui Aniceto Fernandes.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Folia de Reis – São Gonçalo (RJ) – Teses. 2. Cultura popular - São Gonçalo (RJ) – Teses. I. Gonçalves, Márcia de Almeida. II. Fernandes, Rui Aniceto. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 394.2(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura Data

Luiz Gustavo Mendel Souza

No Caminho dos Mestres: Um estudo sobre Folia de Reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 1 de agosto de 2012.

Orientadores: Prof.ª Dra. Marcia de Almeida Gonçalves
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ
Prof. Dr. Rui Aniceto Fernandes
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Banca Examinadora:

Prof.ª Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Prof.ª Dra. Sandra Mara Silva de Lima Mendes
Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos

São Gonçalo
2012

DEDICATÓRIA

À minha companheira, amiga, amante, noiva e mulher: Debora Simões

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter aberto todas as portas abertas e oportunidades concedidas e conquistadas.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Faculdade de Formação de Professores.

À CAPES, que me concedeu a bolsa de estudos.

Aos professores Rui Aniceto Fernandes e a Marcia de Almeida Gonçalves, pela paciência que tiveram comigo e por me incentivarem e me darem a base para o desenvolvimento da dissertação.

A professora Denise Barata e o seu marido, por me apoiarem a elaborar um projeto de mestrado quando não me achava preparado.

A professora Iza Quelhas, por todas as suas contribuições.

A professora Célia Tavares, pelas observações sempre valiosas neste meio acadêmico.

Ao professor Pedro Campos, por todas as nossas conversas descontraídas e seu apoio.

Aos meus amigos que me apoiaram no programa, Gabriel, Camila, Roze, Thiago, Gelson, Vinícius, Jussara, Renata, a Rosângela e aos demais que estiveram nesta empreitada por todos esses anos.

Aos meus amigos da graduação, Rafael Gomes, Rafael Frazão, Rafael Rocha, David, Nathaly, Diogo, Pedro, Felipe, Jorge, que sempre estiveram ao meu lado.

Aos amigos adquiridos na graduação, Mourão, Gabriel, Juliana, Juliene, Emerson, Mariana, Bruno e Suelen.

A minha mãe Iguimar, meu pai Antônio Paulo, minha irmã Izabel, meu avô Argeu e a cada um dos meus familiares, por todo apoio e por serem exemplos refletidos em todas as minhas conquistas.

Ao Mestre Fumaça, por me receber de braços abertos e iniciar uma amizade que já nos rendeu bastante.

Aos foliões da bandeira Nova Flor do Oriente por colaborarem e por não me fazer sentir um corpo estranho no grupo.

A Debora Simões, por ter me incentivado a cada instante de todos esses anos de trabalho indo às festas de arremate comigo.

25 de março
Um anjo que Deus marcou
De cima do alto do céu
Desceu um anjo do Senhor
O anjo desceu a terra
Na cidade de Nazaré
Nos pés da virgem Maria
Esposa de são José
A virgem estava rezando
Quando o anjo apareceu
Aquele anjo de Deus
Chegou a Maria e falou
Vós será anunciada
Para mãe de Salvador
Obra do pai
Pra obra do Espírito Santo
Que Pai eterno mandou

Profecia

Antônio José da Silva, Mestre Fumaça

RESUMO

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. *No Caminho dos Mestres*: Um estudo sobre Folia de Reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX . 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012.

O objetivo deste trabalho é a busca por um caminho que nos possibilite a análise da cultura popular que não se esgote em apenas um modelo dicotômico entre sagrado e profano ou entre erudito e popular. Com base nas categorias de análise de Chartier ? *representação*, *apropriação* e *prática* ? compreender as Folias de Reis como uma manifestação cultural que não se isenta de conflitos na produção de seus discursos, ritos e memórias. A partir dos estudos das memórias do Mestre Fumaça, entender estes folguedos como práticas que se formulam e reformulam se relacionando com as vivências dos foliões. Ao perceber a extensão da prática ritual como cultura, retomarmos antigas problemáticas que são relevantes no estudo do popular. Estas práticas se mostram relevantes no momento que não se encerram em si mesmas, mas repercutem no meio social, criam laços de identidade, modifica a realidade social. Estes estudos se encontram nas memórias do Mestre e os foliões da bandeira de Reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Folias de Reis. Memórias. Mestre Fumaça.

ABSTRACT

The objective of this work is the search for a path that allows the analysis of popular culture that is not exhausted in only a dichotomous model between sacred and profane or between classical and popular. Based on the categories of analysis Chartier - representation, appropriation and practice - understand the Folias de Reis as a cultural event that is not exempt from conflicts in the production of his speeches, rituals and memories. From the studies of the memories of the Master Fumaça, mirth and understand these practices that formulate and reformulate relate with the experiences of the foliões. Realizing the extent of ritual practice and culture, resuming old issues that are relevant in the study of popular. These practices are relevant at the time not come to an end in themselves, but passed on to the social environment, create bonds of identity, change the social reality. These studies are in the memories of the Master and the foliões of the foliões da bandeira de Reis Nova Flor do Oriente in São Gonçalo in the second half of the twentieth century.

Keywords: Folias de Reis. Memories. Fumaça Master.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Campo Grande, 17/05/2010, Debora Simões 31
Fotografia 2 - Campo Grande, 17/05/2010, Debora Simões 50
Fotografia 3 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2011, Debora Simões 51
Fotografia 4 - Av Presidente Kenedy, São Gonçalo, 12/09/2010, Mendel 53
Fotografia 5 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 53
Fotografia 6 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 54
Fotografia 7 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 59
Fotografia 8 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 60
Fotografia 9 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 60
Fotografia 10 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 61
Fotografia 11 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 61
Fotografia 12 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 61
Fotografia 13 - Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões 61
Fotografia 14 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 64
Fotografia 15 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 64
Fotografia 16 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 64
Fotografia 17 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 64
Fotografia 18 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 66
Fotografia 19 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 66
Fotografia 20 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 66
Fotografia 21 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 66
Fotografia 22 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 68
Fotografia 23 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 68
Fotografia 24 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 68
Fotografia 25 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 68
Fotografia 26 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 68
Fotografia 27 - Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões 68
Quadro 1 - Folias de Reis por região 78
Quadro 2 - Porcentagem de Folias de Reis por Região no Rio de Janeiro 80
Quadro 3 - População Recenseada e Estimada de 1900 a 1950 com a correspondente Densidade Demográfica 81
Quadro 4 - Referente ao crescimento populacional em relação a São Gonçalo e o estado do Rio de Janeiro 82
Gráfico 5 - Origem dos foliões 87
Fotografia 28 - Av Presidente Kenedy, São Gonçalo, 12/09/2010, Mendel 88

Quadro 6 - Árvore Genealógica 91
Quadro 7 - Relação de parentesco entre os foliões 92
Quadro 8 - Relação de foliões negros 113
Quadro 9 - Quadro Comparativo 118
Figura 1 - Vasco Fernandes (c. 1501 - 1503) 123
Figura 2 - Jorge Afonso (c. 1520-1530) 124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMABA	Associação de Moradores do bairro Almerinda
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	**NO CAMINHO DA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA**	30
1.1	**As Folias de Reis nos dias atuais**	31
1.2	**Discussão da historiografia das festas**	34
1.3	**Um pequeno histórico das Folias de Reis**	36
1.4	**Lugar Social: caminhos para não ignorar a representação**	42
1.5	**Apropriações e Representações**	48
1.5.1	Um caso de apropriação e representação: as práticas dos palhaços de reis	50
2	**NOS CAMINHOS DOS FOLIÕES: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA BANDEIRA NOVA FLOR DO ORIENTE**	55
2.1	**No caminho das Folias de Reis**	55
2.2	**A saída da Folia de Reis e o território da festa**	57
2.2.1	Jornadas ou Giros	59
2.2.2	Festas do Arremate	63
2.2.3	Folias e suas Hibridizações	69
2.3	**No caminho da memória e identidade**	72
2.3.1	A importância dos símbolos	72
2.3.2	Os integrantes e seu território	76
2.3.3	Contextualização das Folias de Reis em São Gonçalo e no Rio de Janeiro	77
2.3.4	A experiência migratória e a identidade cultural	80
2.3.5	Os foliões	84
2.3.6	Os laços de família	88
3	**NO CAMINHO DOS SANTOS FOLIÕES: APROPRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS ORIGENS MÍTICAS**	94
3.1	**No caminho das profecias**	95
3.1.1	Teorias e métodos na prática dos foliões: Representações e Apropriações	95
3.1.2	Estabelecimento das fontes ou a redistribuição do espaço	100
3.1.3	No Caminho das representações das origens míticas	109
3.1.4	No caminho dos Santos foliões	110
3.2	**No caminho do Rei Mago negro**	112
3.2.1	Folia de Reis e identidade negra	112
3.2.2	Tradição Oral e memória	115
3.2.3	Representando Baltazar: o Rei Mago negro	117
3.2.4	O Rei do Congo	121
4	**CONCLUSÃO**	128

REFERÊNCIAS 132
ANEXO - Tradição Oral do Mestre Fumaça 139

INTRODUÇÃO

Era um fato, todo o dia primeiro de janeiro, de cada ano, minha mãe chamava toda a família para ir até o portão de casa e ver a Folia de Reis passar. Para quem não conhece, ou nunca viu, este é um ritual estranho, um grupo de pessoas realizando uma marcha, parecida com a marcha militar, enfileirados em duas colunas com instrumentos como: pandeiros, violas, sanfonas, bumbos, pratos e caixas de guerra. Seguindo uma mulher que carregava uma bandeira com a estrutura de madeira, enfeitada com laços e fitas, contendo a imagem dos três Reis Magos e a Sagrada Família. No final destas duas fileiras, uma, às vezes duas figuras grotescas, fantasiadas com roupas de retalhos coloridos e máscaras carnavalescas, que muito se aproximavam das dos bate-bolas (perro), do Estado do Rio de Janeiro, eles seguiam a Folia de Reis gritando e implicando com quem estivesse na rua, eles também eram responsáveis por realizar acrobacias que mexiam com o imaginário das crianças, que acompanhavam o ritual.

Este folguedo sempre esteve muito próximo ao meu cotidiano, com frases que afirmavam que a Folia de Reis era uma festa tradicional de São Gonçalo, que esta era uma cidade que se encontravam muitas folias e coisas do gênero. Mas a realidade é que nunca me vi sendo mais que um mero expectador das saídas desta bandeira ao ouvir o som de sua marcha musicada ao longe, no dia primeiro de janeiro, pela minha rua.

Foi no período final da graduação que tive a oportunidade de realizar uma matéria ministrada pela professora Denise Barata que abordava a questão da identidade negra e suas manifestações de resistência, através das organizações sociais. Nesta matéria pude ver a festa como um elemento de compreensão do social e a contribuição desta na manutenção das identidades de determinados grupos; livros clássicos como, *O Império do Divino,* de Martha Abreu e a *Diáspora Negra no Brasil,* organizada por Linda Heywood, me fizeram desenvolver um olhar mais crítico para a análise dos festejos populares, superando o caráter de tradição. Foi com esta bibliografia inicial que me dispus começar a realização de um projeto que abordasse historicamente as Folias de Reis. Foi com algumas reuniões com o professor - que viria a se tornar meu professor co-orientador na dissertação, Rui Aniceto Fernandes - que pude ter na História Oral um caminho possível para analisar a Folia de Reis dentro do Programa de História Social. Com o projeto iniciado e um caminho a seguir, tinha

que procurar estabelecer uma relação de proximidade com o que seria, agora, meu objeto e tema.

A parte que achei que seria a mais difícil dentro da realização do projeto era a minha inserção nas Folias de Reis. Em um dia de sábado, comecei a andar pelas ruas do Mutuá, bairro de São Gonçalo, perguntando aos moradores se eles sabiam sobre o responsável pela Folia de Reis daquele local. Logo, a primeira pessoa a ser perguntada respondeu onde morava e que eu deveria chamar por Antônio Fumaça. Lá estava eu, na Rua Mutuá, número 136, em frente a um terreno grande, com muros de madeira. A casa e o terreiro do Mestre ficavam um nível abaixo da rua, tendo como acesso uma escada de cimento que levava direto ao terreiro. No mesmo terreno se encontravam as casas das filhas e de uma de suas netas, mesmo assim, tendo espaço suficiente no terreiro para a realização das festas do Mestre.

Ao chegar ao portão fui recebido pela filha do Mestre: Lucimar Barcellos, a Mazinha, que logo o chamou. O primeiro contato com o senhor Antônio José da Silva foi completamente aconchegante, um senhor negro e forte, de difícil definição de idade, pois aparentava estar bem de saúde, se aproximou com um sorriso no rosto e uma voz mansa, que logo me desarmou. Meio constrangido comecei a dizer que era estudante e se ele poderia me ajudar na pesquisa colaborando com algumas entrevistas, e se os demais praticantes de sua folia também poderiam. Todas aquelas palavras não passaram de mera formalidade, pois o Mestre já estava acostumado a receber em sua casa pesquisadores e jornalistas, se mostrando muito acessível e prestativo.

Uma das coisas que mais me impressionou, ao me aproximar do Mestre, era que ele não me tratava como um desconhecido, mas sim como alguém muito próximo. Aos poucos esta sensação foi se revelando como fato, pois o Mestre "Fumaça" conhecia bem mais as origens da minha família do que eu mesmo. Nas décadas de sessenta e setenta o senhor Antônio José da Silva e meu avô Argeu Cordeiro Mendel, tiveram muito contato na ida ao trabalho, pois como o transporte público era insuficiente neste período, eles tinham a hora marcada para pegá-lo. Era muito comum que os moradores deste bairro se encontrassem pela manhã. Meu avô teve uma história de vida muito parecida com a do Mestre, pois também seria um migrante do estado do Rio de Janeiro, mas enquanto o Mestre veio do município de Trajando de Moraes para São Gonçalo, o senhor Argeu teria vindo da cidade de Cardoso Moreira.

Outra coisa que me deixou intrigado foi sobre as características da minha família que nunca me atentei. É muito comum que se encontre nas casas deste bairro um quintal grande,

isso se deu pela questão dos loteamentos ocorridos em São Gonçalo, na década de 1950, que será abordado no capítulo 1 desta dissertação. Voltando às características das casas, nestes grandes quintais, foram aproveitados para a criação de horta e o plantio de vários tipos de árvores frutíferas, como manga, carambola, pinha, entre outros. Também tinham, e em alguns casos ainda tem, muitas ervas medicinais como: folhas de boldo, hortelã, louro e outras plantas utilizadas para estes fins. O Mestre Fumaça[1] me disse que havia passado muitas vezes na casa dos meus avós e pedido à minha avó algumas destas folhas para fazer remédios para seus filhos.

São tradições familiares trazidas da zona rural, como a criação de ervas medicinais no quintal de casa para atender necessidades que, infelizmente, o Estado, com o serviço público de saúde, não é capaz de sanar, que proporcionaram determinadas crendices como a de levar os filhos doentes às rezadeiras, ou então de acreditar na capacidade curativa de algumas ervas, características da Cultura Popular que permeiam estas zonas periféricas do meio urbano. Tais tradições estão tão relacionadas às nossas vidas que não nos permitimos ter o estranhamento.

A conversa inicial, assim como as demais, foi crucial para o desenvolvimento do projeto e para definir os caminhos da redação. O projeto inicial seria uma entrevista de perguntas e respostas que procurariam abordar a questão da patrimonialização da Folia de Reis e de sua Irmandade, em São Gonçalo, e outros assuntos afins. Mas o Mestre insistia em todas as nossas conversas em não se pautar nestas questões, e se referir às *profecias*, calcada no *fundamento* da Folia de Reis. Um assunto que eu admito, no começo, não me interessava muito. Mas com o passar do tempo, na terceira vez que fui à casa do Mestre, decidi gravar seus relatos sobre o *fundamento* e seu discurso sobre os três Reis Magos. Aquelas palavras demonstravam devoção, mas, além disso, trazia o sentido para a organização daquele grupo e suas funções. A missão de sair e levar a bandeira de Reis às casas dos devotos era muito mais que uma mera realização de um folguedo folclórico, pois para o Mestre e os demais foliões era uma missão designada pelos Santos Reis. As festas organizadas pelos foliões, segundo o Mestre, seria a mesma festa que os Reis Magos teriam realizado após a adoração ao Rei Menino e a garantia da continuidade desta tradição mitológica.

Ao ter noção da seriedade do que estava sendo relatado naquela entrevista, o foco da pesquisa mudou drasticamente. E o que seria um mapeamento das Folias de Reis em São Gonçalo começou a receber um recorte mais preciso. Com a contribuição das matérias

---

[1] Em respeito ao Antônio José da Silva e por preferir ser chamado por esta alcunha, nos referiremos a ele por mestre Fumaça.

realizadas no Programa de Pós Graduação em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, na linha de Identidades e Representações, a questão da identidade de grupo passou a ser valorizada e os ritos festivos foram analisados como ritos, com a finalidade de rememoração, construção e reconstrução da identidade deste grupo de foliões. Todas estas ferramentas serviriam para a manutenção da Folia de Reis. Estes elementos se revelaram como uma jornada densa de leitura que proporcionou o encaminhamento da pesquisa e o recorte na identidade de grupo, ao trabalhar com aqueles relatos e a repercussão deles nas memórias dos demais foliões da Bandeira, Nova Flor do Oriente, me fez perceber a necessidade de focar apenas neste grupo, pois ao acompanhá-lo em suas jornadas e festas do arremate, demandariam tempo, além de uma necessidade de instrumentalização na área da antropologia.

Para isto, uma extensa bibliografia sobre etnografias e teses em antropologia sobre a festa popular, foram de suma importância para a realização desta dissertação, o conjunto de textos foi adquirido em uma matéria realizada no Programa de Pós Graduação, em Antropologia Social no Museu Nacional, ministrada pela professora Renata Menezes.

Todas estas fases se manifestaram como degraus a serem superados e que revelaram um caminho totalmente novo para trabalhar a Folia de Reis. Uma contribuição no campo da História se afastaria um pouco do campo da devoção dos foliões, isto não significaria ignorar este fato. Mas há uma necessidade de focar em outros fatores que valorizem esta pesquisa no ramo da História, academicamente.

As Folias de Reis foram estudadas e rotuladas no campo do Folclore, mas recentemente tem recebido grandes contribuições nas instituições acadêmicas através de estudos valorosos em Antropologia. Alguns serão trabalhados nas próximas páginas, mas o diálogo intenso será realizado com uma publicação recente de um professor adjunto da Universidade Federal Fluminense, Daniel Bitter. Sua pesquisa também contribuiu para adquirir um novo olhar sobre estas manifestações religiosas.

Tradição gonçalense: discurso e patrimônio

O discurso de que a realização destes festejos em uma data específica foi capaz de mudar o cotidiano do município de São Gonçalo, está na elaboração da prova de seleção do magistério de 2007, realizada pela Fundação Ceperj, (Fundação Centro Estadual de

Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) prova de docente I:

> **18**. Uma das mais expressivas manifestações da cultura popular de São Gonçalo é também uma das mais antigas festas do catolicismo. Trata-se de:
>
> A) Auto de Natal
> B) Folia de Reis
> C) Cortejo de Nossa Senhora do Rosário
> D) Círio de Nazaré
> E) Procissão de São Pedro

Uma questão que muitas pessoas que fizeram este concurso reclamaram não saber, pois na realidade estes festejos tiveram seu auge nas décadas de 1960 e 1970, com a vinda dos migrantes das regiões rurais para a Região Metropolitana, tornando este festejo uma manifestação urbana.

De acordo com os dados que registrei ao ter contado com tais fontes, as catalogações das Folias de Reis pelo INEPAC oscilam entre os anos de 1978, 1993, 2003 e 2008. Estas são registradas tanto por parte da Divisão de Folclore, quanto por pesquisadores que disponibilizam o resultado de suas pesquisas para este órgão estadual. Porém, não existe, pelo menos no caso do município de São Gonçalo, um número exato de folias, se elas estão ativas ou inativas, qual o período de maior ocorrência, enfim, é o que nos faz acreditar que esta realidade se estenda para os demais municípios.

Nas décadas de sessenta, setenta e oitenta o município de São Gonçalo reteve um número significativo de Folias de Reis. Segundo o catálogo do INEPAC foram contabilizadas 9, mas o Mestre Fumaça relatou a existência de 12 folias na década de 60. Foi nesta mesma década surgiu, de forma não oficial, a Irmandade de Reis de São Gonçalo. A Associação de Irmandade dos Reis de São Gonçalo, fundada em 14 de maio de 1991 e registrada em cartório no dia 10 de julho de 1991, publicada no Diário Oficial em 9 de julho de 1991, tem sua sede no bairro Almerinda[2]. Atualmente, existem três mestres atuantes nas Folias de Reis, são eles: Mestre Waldecy Marcelino, do bairro Almerinda; Mestre Geraldo Borges Pinheiro, do bairro Rio do Ouro; José Antônio da Silva o Mestre Fumaça, do bairro do Mutuá. Segundo a pesquisadora Cristiane Araujo, a função desta Irmandade se define:

> Porém com um propósito primordial de unirem as forças dos grupos em um enfrentamento à não aceitação das autoridades policiais das suas saídas às ruas para cumprirem suas jornadas. Vivíamos ainda o período da ditadura militar e tal prática era vista como ameaça à ordem. Só

---

[2] Associação da Irmandade dos Reis de São Gonçalo. Sede: rua São João Colodino, 166 – São Gonçalo – RJ. Endereço da AMABA (Associação de Moradores do bairro Almerinda) Rua Cristiano Otoni, 423 - Bairro Almerinda São Gonçalo

> podendo sair as que tivessem autorização por escrito da delegacia local. Fato que só fora modificado por um decreto lei ainda vigente datado de 1986, através da professora, antropóloga e pesquisadora Cáscia Frade. (ARAUJO, 2009, p.70-71).

Estas manifestações religiosas tiveram o auxílio do governo através de leis que permitiam a sua realização. Como é o caso das seguintes leis abaixo, cedidas pelas administradoras do INEPAC:

> A Lei nº 1989 de 23/04/92 isenta os grupos de Folias de Reis da obrigatoriedade da licença especial expedida pelas Delegacias de Policia.
>
> Em **13/01/2005, A Lei nº 4509** passa a vigorar com a seguinte redação em seu Art. 1º -Ficam os grupos de Folias de Reis expressão de cultura popular das mais significativas do Estado do Rio de Janeiro, isentos da obrigatoriedade da "Licença Especial" expedida pelas Delegacias de policia, desde que organizados em associação, sem fins lucrativos e com objetivo de preservação, conservação e incentivo ao folclore brasileiro".

Quando foi questionado sobre esta fiscalização do governo no período da Ditadura Militar, e se houve alguma dificuldade nas saídas das bandeiras, o Mestre não se aprofundou muito no assunto. Sua resposta foi breve e logo se direcionou para a desarticulação dos foliões do município de Duque de Caxias na administração na Federação de Reis:

> Se você tiver mais de 50 anos não precisa mais não, se panha a permanente. Tinha uma federação em Caixas, de reisado. Mas o cara que fundou, morreu também. A federação ta lá ainda, mas foi caindo, caindo, caindo. Época do Leonel Brizola, foi ele que conseguiu isso lá para Caxias. Mas pelo fato, desse cara que morreu agora, ele não soube organizar. Gastou o dinheiro que recolhia dos consórcios, ta lá ainda, o salão foi a Prefeitura que deu, foi dado pela Prefeitura de Caxias, ta lá até hoje, mas vigorou não porque todo mundo se afastou e a maioria dos pessoal que ajudou a fundar morreram os nossos também desanimou, porque ele não soube organizar, foi mal organizado, ai, nós... aquilo dali é do Estado.[3]

O Mestre Fumaça nos forneceu a resposta e a mesma foi negativa sobre sua participação na fundação da Irmandade de Reis em São Gonçalo. Mesmo a atuação deste grupo sendo vista com maus olhos quanto à questão de guardar as bandeiras das Folias de Reis inativas, o Mestre questionou a preservação destas bandeiras, quando na realidade deveria passar por um processo de finalização da bandeira pelos familiares ou foliões. Sobre o ritual de terminação das bandeiras, esta parte da entrevista não foi autorizada pelo Mestre:

> Faleceu, ai acabou, a bandeira acabou. Ai essas bandeiras estão todas ali no bairro Almerinda, na sede de seu Waldecir. Em uma sede de moradores ali, esse Waldecir carrega *essas*

---

[3] SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

> bandeiras tudo para lá. Não sei o que ele vai arrumar com isso mais tarde... é... bobo em vez de dar terminação nessas bandeiras... [4]

Estas questões apontadas pelo Mestre que foram demarcando a pesquisa: a ausência de uma articulação política entre os próprios foliões, a organização de uma Irmandade de Reis em São Gonçalo que infelizmente se restringe a atender algumas necessidades particulares, fizeram com que as batalhas políticas tivessem à sua frente os intelectuais. Estas lutas políticas estariam expressas nos projetos de leis para a patrimonialização das Folias de Reis, uma manifestação política que visa o auxílio financeiro para que estes folguedos possam ter continuidade nos dias atuais.

A historiadora Martha Abreu, trata da necessidade de "que os historiadores precisam estar presentes nesse movimento de redescoberta e registro dos 'novos' patrimônios culturais imateriais para o Brasil" (ABREU, 2007, p.356). Pois o universo cultural esta permeado de conflitos, nós como historiadores temos que ter noção, que por mais democrático que seja o processo, este não se realiza sem conflitos e resistências.

O INEPAC forneceu um projeto de Lei, do Deputado José Nader, do ano de 2007, que tenta estabelecer a necessidade do Estado em entrar neste processo de patrimonialização. O afloramento destas manifestações políticas, expressas nos projetos de Leis, pode ser enquadrado como um furor folclórico contido nos registros dos bens imateriais. Mas na realidade eles se revelam como um viés, não apenas para as coletas destas manifestações, mas para a manutenção e garantia de um amparo político e financeiro para estas comunidades religiosas das camadas populares:

Autoria: Deputado José Nader

LEI N° 5.113 **DE 19 DE OUTUBRO DE 2007**

INSTITIU O REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL QUE CONSTITUEM PATRIMÔNIO CULTURAL FLUMINENSE

O Governador do Estado do Rio de Janeiro

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

---

[4] SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

Art. 1° - Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural fluminense.

Parágrafo único – Serão passiveis de registro:

I – conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II – rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade e do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III – manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV – mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas

Art. 2° - O Poder Executivo regulamentará a seguinte Lei.

Art. 3° - O processo de regulamentação desta lei deverá estabelecer mecanismos de participação da sociedade, do IPHAN e dos órgãos públicos oficiais municipais que tenham sob sua responsabilidade a preservação do patrimônio cultural no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2007

SÉRGIO CABRAL

Governador

Projeto de Lei n° 155/2007

Autoria: Deputado Mário Marques

Em um recente lançamento do livro *Folias de Reis em São Gonçalo: irmandade e patrimônio*, Verônica Inaciola Cruz traz fontes sobre o processo de patrimonialização das Folias de Reis e da fundação da Irmandade de Reis de São Gonçalo. Em suas considerações finais esta autora aponta a importância do investimento dos órgãos públicos para a manutenção destas manifestações religiosas: "O primeiro passo pode ser a cobrança da regulamentação da Lei 132/2008, para que esta não seja apenas mais uma do universo extenso do Legislativo, sem que efetivamente seja colocada em prática." (CRUZ, 2011, p.82). Este projeto de Lei de autoria do Vereador José Augusto Abreu data de 26 de março de 2008, diz:

> **Art. 1° -** Torna Patrimônio Cultural as Folias de reis existentes no âmbito do Município de São Gonçalo.

> **Art. 2° -** Cabe a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura o incentivo e a manutenção das atividades das Folias de Reis no Município de São Gonçalo.
>
> **Art. 3º -** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

A ausência dos foliões nestes processos políticos é perceptível, acaba por ser um campo de batalha da camada intelectual, como já foi mencionado acima. Segundo Inaciola a: "Resistência que se dá, conseguindo superar as dificuldades na vida através de suas práticas, isto é, dos seus rituais, suas crenças e devoção aos Santos Reis" (CRUZ, 2011, p.81). E este será o caminho a ser tomado nesta dissertação, um estudo sobre os foliões, sobre a narrativa de um Mestre e a relação do ritual com o seu cotidiano. As identidades que afloram dentro do ritual e seus devotos, pois, uma pesquisa sobre Folia de Reis no campo da História contribui para a compreensão das articulações destes grupos dentro da sociedade atual. Com as ferramentas de interpretação históricas podemos estudar como tais grupos mantem suas redes de sociabilidades e se apropriam desta festa para construir e reconstruir suas identidades.

Caminhos tomados

Desta forma, o caminho a ser tomado nesta dissertação é um estudo sobre a Folia de Reis com base nos relatos orais de um dos mestres das folias ativas em São Gonçalo. A princípio este trabalho iria se pautar no levantamento das informações dos foliões das quatro folias ainda ativas[5]e o número de migrantes: questão de gênero e parentesco, mas este já foi um tema trabalhado por Cristiane Guimarães Araujo. Com a minha inserção no mestrado pude converter este interesse para a questão da identidade dos grupos que realizam este folguedo religioso, porém me afastando um pouco da questão da religiosidade e me aproximando de algumas festas como locais de sociabilidade, o que pode nos aproximar dos objetivos deste projeto, que será apresentado mais a frente.

Um dos primeiros argumentos para o estudo da Folia de Reis em São Gonçalo, será o fato de este ser um dos municípios da Região Metropolitana, que, assim como os demais desta região, concentram um grande número de migrantes de outras regiões e até mesmo de outros estados. O que nos aproxima de uma relação com os demais grupos de foliões.

---

[5] No ano de 2010 morreu o mestre Lourival do bairro Mutuapira deixando apenas 3 folias ainda ativas.

A grande concentração de grupos de Folias de Reis na Região Metropolitana[6] mostra que estas manifestações religiosas, ditas como rurais, estariam se tornando um fenômeno urbano. Certamente estes números dialogam diretamente com o crescimento populacional que estaria acontecendo nesta região, e como estudaremos mais a fundo, em São Gonçalo a partir de 1950.

Com base nestas informações começamos a compreender a relevância de um estudo destes grupos de Folias de Reis, como grupos de identidades: um local de construção e reconstrução das experiências destes migrantes que se concentraram na Região Metropolitana em busca de melhores condições de vida. Mas isto não os exclui da construção da realidade deste espaço das cidades, destes locais que serão trabalhados como lugares de memórias[7] que constroem e reconstroem o cotidiano destas metrópoles, mostrando que festejos, antes tidos como rurais, podem coexistir no ambiente urbano.

E foi na próxima década que o mestre Fumaça fundou a sua bandeira, no ano de 1977, a bandeira Nova Flor do Oriente. Na década de 60 ele saía na folia do seu ex-sogro, Manoel Barcelos, com a bandeira Estrela da Guia, também no Mutuá. A bandeira do Mestre Fumaça se encontra atualmente sob o apoio de suas filhas e netas e os namorados e maridos destas. Os integrantes mais antigos, assim como o Mestre, são migrantes do estado do Rio de Janeiro. Estes são amigos próximos e ex-integrantes de bandeiras paradas.

Alguns fatores acabaram contribuindo para a escolha do Mestre Fumaça, e são exatamente os que proporcionaram as hipóteses desta pesquisa. Primeiramente, pelo fato deste grupo ser o mais antigo das bandeiras. Segundo, o Mestre Fumaça teria toda a sua vida envolvida com a Folia de Reis, começando desde criança, "*desde os seis, sete anos*"[8], e após ter sido palhaço na Folia de Reis de seu futuro sogro, mestre da folia da Flor do Oriente do Mutuá: Manoel Barcellos, teria sonhado e logo após erguido sua bandeira com seus filhos, a Folia de Reis Nova Flor do Oriente. Em terceiro lugar este Mestre tem seus familiares participando de sua folia, no caso, sua filha mais velha, Lucimar Barcelos José de Souza, casada com um folião de Campo Grande, Bruno da Conceição de Farias, que hoje colabora nas saídas da folia do mestre Fumaça. E por último os netos e netas do Mestre que também

---

[6] Cerca de 39,80%,163 folias.

[7] NORA, 1992.

[8] SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

contribuem com a responsabilidade de sair com a bandeira nos dias de jornadas e nas festas do arremate, mostrando o quanto estas ações que remetem a ancestralidade, através de um festejo popular, também se revelam um lugar de memória que se perpetuam através das vivências contidas nestes folguedos através das gerações:

> Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição, visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p.22).

Nestes três anos que tenho acompanhado o Mestre Antônio José da Silva, o Mestre Fumaça da bandeira Nova Flor do Oriente, pude perceber que para conseguir estudar suas memórias como fonte gerada pela colaboração deste, eu teria que me dedicar somente à sua folia. E como moeda de troca, pude utilizar as doações das 801 fotos tiradas nas festas de arremate e nos giros desta folia, além da inscrição deste Mestre no edital de premiação dos Mestres Populares, promovido pela Secretaria de Cultura do estado do Rio de Janeiro, a qual foi contemplada com a quantia de R$ 10.000,00 Reais (dez mil Reais).

Ao abordar o tema desta dissertação viso seguir o seguinte roteiro: no primeiro capítulo será apresentado as Folias de Reis como objeto de estudo da História, apresentando uma historiografia das festas, e como estas contribuem para um estudo do social, além de apresentar um levantamento bibliográfico sobre o que tem sido produzido a respeito das folias.

Desta forma, revelarei os motivos para a apropriação destes festejos no ramo da História Social, através do entendimento deste como uma forma de articulação popular para a manutenção das identidades dos foliões que se apropriam e representam-nas nestes folguedos.

Após esta discussão sobre a historiografia das festas – que é importante o estudo para compreendermos os grupos de identidade que existem nelas e como são usadas para a manutenção das comunidades festivas – Em um outro momento trabalharemos um pequeno histórico das Folias de Reis e a conjuntura que ocorreu seu desenvolvimento, logo após passaremos para uma abordagem que visa entender as potencialidades de inserir nas Folias de Reis as identidades dos grupos que a realizam, através de suas representações e apropriações.

Para a realização deste estudo, viso primeiramente tratar sobre a escolha do viés do estudo das Folias de Reis pela cultura popular[9], explorando os motivos pelo qual não nos enveredamos pelo folclore[10]. Em um segundo momento, explorar uma historiografia das festas e a relevância destas para a compreensão das identidades construídas e reconstruídas nestes espaços de sociabilidade e reafirmação das memórias comunitárias. Para a elaboração deste capítulo, será analisada a produção acadêmica sobre as Folias de Reis, além dos livros escolhidos para discussão sobre a abordagem do Folclore e Cultura Popular.

O segundo capítulo visa dar uma ênfase maior às identidades migrantes dos integrantes das folias, onde vamos focar na realidade do município de São Gonçalo e suas particularidades históricas em relação aos migrantes das demais regiões do Rio de Janeiro e de outros estados. Para tal, trabalharemos com os dados referentes ao crescimento populacional da cidade da Região Metropolitana e do Rio de Janeiro fornecidos pelo IBGE, além de algumas citações das entrevistas.

O importante em analisar este festejo popular sob uma ótica da ciência histórica é a possibilidade de compreender como estes festejos ditos como rurais permaneceram no território urbano. Na realidade, as realizações das Folias de Reis se revelaram ritos de recordação[11], re-presentificações de experiências que os foliões trouxeram consigo para o ambiente urbano, e que em muitos casos modificam a realidade das cidades. Estas experiências precisam ser interrogadas pelo historiador para que este possa estudar os *indícios* e *traços* contidos dentro deste objeto de estudo. Isto seria entender nestas festas, experiências que se revelam retrospectivas e esperanças.

Muitos dos laços de amizades são realçados nos momentos de espaços de sociabilidade que existem nas festas de arremate dos mestres. São nestas festas, após as realizações de suas devoções[12] que foliões de várias partes do Estado do Rio de Janeiro se encontram e relatam suas experiências pessoais ou as realidades difíceis em que suas bandeiras se encontram. Existem casos em que as bandeiras ajudam umas as outras concedendo instrumentos usados ou até mesmo a indumentária.

---

[9] CHARTIER: 1990.

10 A discussão será trabalhada entre os textos: ORTIZ: 1985 e VILHENA: 1990 e 1997.

[11] CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia.* Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

[12] Nestes momentos cada bandeira tem um espaço de tempo de 40 a 60 minutos cantando suas profecias na frente do altar, logo após o cumprimento deste rito o(a) bandeireiro(a) coloca a bandeira junto as outras no altar, onde ficam expostas.

O objetivo do terceiro capítulo será enxergar o sujeito através da construção do discurso e da estrutura da narrativa, com a pretensão de analisar as narrativas do *fundamento* das Folias de Reis do Mestre Fumaça, através das *profecias.* Os estudos das fontes orais serão tratados como apropriação e representação dentro da tradição oral, dando ênfase nos momentos em que o discurso do mestre e de seus foliões se relaciona diretamente com as experiências vividas e divididas por estes.

Neste capítulo serão estudadas as fontes orais e a aplicação da metodologia que nos ajudarão a validá-las, de forma que as tradições orais da origem mitológica dos santos Reis revelem seu caráter identitário, gerador de unidade entre os foliões. Desta maneira, este capítulo tratará na sua primeira parte de utilizar os três conceitos de Chartier: *representação, prática e apropriação,* criando chaves de leitura para analisar as memórias dos praticantes das Folias de Reis. Estas memórias estão contidas em sua narrativa, as chamadas *profecias* calcadas no *fundamento*[13] das folias. Ao nos aproximarmos da construção da sua narrativa poderemos compreender que a construção desse discurso[14] não deixa qualquer limitação entre sagrado e profano, mostrando o caráter ambivalente[15] dos três Reis Magos.

As apropriações e representações do Mestre e seus reiseros, serão trabalhadas através de um paralelo entre a estrutura da narrativa mitológica da tradição oral[16] com a estrutura e as funções da narrativa histórica de Jörn Rüssen. Pois será através desse paralelo que poderemos mapear na estrutura da narrativa o que será apropriado pelo entrevistado, quando este fala sobre sua prática. Estas representações são na verdade formas de percepção social que não são discursos neutros, se mostram como estratégias e práticas[17], desta forma mostrando suas identidades, produto de nossa pesquisa.

Neste capítulo nos aproximaremos das formas como os Três Reis são representados e dos argumentos contidos no mito que enfatizam o caráter forte das visitações realizadas pelos santos. O ato de levar os presentes ao menino Jesus se transforma na responsabilidade de levar a bandeira aos devotos, este rito, para além da religiosidade, nos levará a entender o

---

[13] Em relação às questões do *fundamento* e o que este representa para as folias um trabalho que possibilita um profundo diálogo com esta dissertação será o de Daniel Bitter: A Bandeira e a Mascara (BITTER, 2010).

[14] CERTEAU, 2007.

[15] BAKTHIN, 2010.

[16] Essas narrativa que remetem a ancestralidade serão tratadas como memórias deste grupo específico, não como verdade e sim tratada com objeto de estudo, como uma fonte. (NORA, 1993).

[17] CHARTIER,1990,p. 17.

caráter forte de união dessa comunidade de foliões. O ato de realizar as jornadas e as festas do arremate contém a responsabilidade da visita, da reciprocidade da ajuda entre os grupos de Folias de Reis, de criar laços de solidariedade entre si, esta certamente não se isenta de conflitos e disputas entre os foliões[18].

A segunda parte deste capítulo fará uma análise sobre a existência de uma ligação forte com a presença do Rei Mago negro e a identidade criada ao redor deste. Na realidade, não há uma descrição da existência de três Reis Magos do oriente, e sim a presença de três presentes oferecidos ao menino Jesus. Foi a tradição ocidental que estabeleceu que estes três reis fossem Gaspar, Baltazar e Belchior. E, será através de como estes personagens foram representados pela Igreja Católica no século XVI que estabelecerá uma íntima relação das apropriações feitas pelas irmandades negras e o mito do rei negro e sua identidade.

Na conclusão será apresentado como é possível encontrar na Folia de Reis espaços de construção e reconstrução de identidades destes foliões, seja presente nas suas memórias e narrativas, seja nos espaços de sociabilidade que este folguedo proporciona em suas festas. Na realidade, este ato de devoção pode se mostrar um verdadeiro ato comunitário devido às relações entre as folias, tanto na Região Metropolitana ou nas demais regiões do estado.

O resultado do acompanhamento da Bandeira Nova Flor do Oriente revela que muitos dos componentes mais antigos são na verdade migrantes dispostos a reconstruir no ambiente urbano, não apenas um espaço de recomeçar uma vida nova, mas de reviver experiências comuns de suas terras natais.

Metodologia e Fontes Utilizadas

As fontes disponíveis para mapear a atual conjuntura dos praticantes de reisados no Rio de Janeiro estão disponíveis no catálogo do INEPAC e as leis isentam os grupos de Folias de Reis da obrigatoriedade da licença especial expedida pelas Delegacias de Policia. Porém, a documentação sobre o município de São Gonçalo está desatualizada, mas isso não desvaloriza suas produções. Recentemente a Divisão de Folclore produziu um livro de

---

[18] Daniel Bitter aponta que: "Essa dimensão agonística aparece, de forma velada, nas festas de *arremate* e de modo mais visível em contextos de festivais folclóricos" (BITTER, 2010, p.145).

imagens e definições[19] das folias. As imagens foram de um encontro de Folias de Reis da Região Metropolitana no dia 20 de janeiro de 2008, que contribuiu com o levantamento de informações sobre os integrantes, e contou com a presença das três folias de São Gonçalo.

Conto com a contribuição de uma dissertação defendida no ano de 2009, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense, de autoria de Cristiane Guimarães de Araujo[20], que aborda o caso específico das Folias de Reis em São Gonçalo. Este trabalho traz levantamentos estatísticos e sociológicos sobre a questão de gênero e origem dos praticantes das quatro Folias de Reis do município[21].

Estes são alguns documentos e registros produzidos recentemente que abordam a realidade desse festejo cultural no município e que ajudam a reformular o projeto como fontes para as elaborações das questões. Questões estas que possibilitam trabalhar com a História Oral, principal recurso para o desenvolvimento desta dissertação.

A proposta deste trabalho é ler as profecias, fruto do *fundamento* das Folias de Reis, como um texto, como uma fonte. Este será o nosso objeto de pesquisa, um passo que poderá abrir um caminho para a compreensão das funções históricas que estão presentes nas narrativas dos praticantes de cultura popular. Refiro-me a estas narrativas como funções históricas, pois elas se constroem e re-constroem de acordo com uma estrutura que tem como consequência a criação de uma identidade. Esta estrutura gera, e é gerada, por uma prática cultural que se pauta em uma finalidade pedagógica, mostrando uma das faces da cultura popular: sua prática.

E para que possamos estudar as representações e apropriações presentes nestas práticas, nos aprofundaremos nas utilizações das fontes orais e analisaremos estas como um texto repleto de simbolismos e re-significações. Pois será através do recurso da História Oral que poderemos elaborar documentos, arquivá-los e produzir estudos referentes à vida social das pessoas[22]. Em nosso caso, o estudo destas fontes orais se tornariam necessários, pois a oralidade é uma das características mais marcantes da fonte folclore[23]. Dentre as modalidades

---

[19] COUTINHO, Delzimar do Nascimento; NOGUEIRA, Marcus Antônio Monteiro. *Folias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado.* Rio de Janeiro: INEPAC. 2009.

[20] ARAUJO, Cristiane Guimarães de. *Celebrações populares São Gonçalo – RJ*: folia de reis. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

[21] Nesta pesquisa a autora trabalhava com a folia do finado mestre Lourival, o mestre Lourinho.

[22] MEIHY. Luis Carlos Sebe B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 10

[23] THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998 p.15. Estamos trabalhando os conceitos chaves

de História Oral a ser trabalhada, iremos nos utilizar da Tradição Oral, em que poderemos estudar o esclarecimento ou opinião do entrevistado ou colaborador[24] sobre o evento definido[25]. Na realidade a escolha da Tradição Oral se dá pela própria ideia do projeto – trabalhar a folia de Reis em São Gonçalo – que trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo das comunidades[26] presentes nos participantes e nos mais antigos organizadores de folias. Podendo oscilar entre as outras modalidades, pois ao entrevistarmos os foliões precisaremos compreender que, em muitos momentos, os relatos destes nos trazem a luz à sua própria História Oral de Vida, que seria a narrativa do conjunto de experiências destes foliões[27], e muito da História Oral Temática. Seguindo este projeto de História Oral, trabalharemos com o Mestre da Folia de Reis (sede) em São Gonçalo (colônia) [28].

As contribuições dos foliões da bandeira Nova Flor do Oriente são muitas, nestes três anos que tenho trabalhado em campo, de 15/03/2010 até o dia de hoje, e pela afinidade que consegui conquistar com o Mestre Antônio José da Silva, Mestre Fumaça da Bandeira Nova Flor do Oriente, este se tornou o principal contribuinte para esta pesquisa. Pelo conjunto de oportunidades que tive, pude acompanhá-los nas suas festas de arremate e em suas jornadas ou giros, nestes locais de realizações de seus ritos consegui adquirir um acervo de 801 fotos, que possibilitam tanto o amadurecimento deste trabalho, quanto uma moeda de troca para a família do mestre que recebem as fotografias com muito bom grado.

A escolha deste estudo de caso específico, do Mestre Fumaça, se enquadra na necessidade de dar um valor maior às suas memórias e suas narrativas, conforme as várias visitações que fiz ao mestre até o dia da primeira entrevista, o mesmo insistia em relatar a mesma narrativa da viagem dos santos reis para adorar o menino Jesus. Com o passar do tempo com os cursos que realizei, pude adquirir um amadurecimento do tema proposto no projeto, que me fez criar um olhar apurado nas construções da narrativa do mestre, que ele dizia serem as profecias e que faziam parte do fundamento das Folias de Reis.

---

de Chartier, mas isso não nos impossibilita de utilizarmos algumas considerações sobre a validação dos estudos sobre folclore de Thompson.

[24] MEIHY,*opus cit*. p.28

[25] MEIHY,*opus cit*. p.51

[26] MEIHY,*opus cit*. p.53

[27] MEIHY,*opus cit*. p.45

[28] MEIHY,*opus cit*. p.41

Como as fontes a serem utilizadas aqui são fontes orais teremos a possibilidade de enquadrá-las em uma metodologia que aborde a subjetividade dentro da narrativa:

> Os antropólogos e historiadores que incorporam essa subjetividade e suas análises tendem a adotar duas abordagens diferentes. Uma focaliza o que os depoimentos revelam sobre a história social: as complexidades da vida cotidiana e as contradições inerentes às relações de poder. A outra abordagem se interessa mais pela formação das narrativas e pelos meios que estas formas narrativas empregam para influenciar a memória. (AMADO, 1998, p.156).

A escolha da metodologia nas fontes utilizadas se enquadra na abordagem que se interessa pela formação da narrativa e na estrutura da narrativa, que nos permitirá ver o sujeito desta, que influencia diretamente na memória. Julie Cruikshank que é o autor desta citação nos diz mais a respeito das tradições orais: "... não podem ser guardadas com a ideia de determinar seus significados retrospectivamente; seus significados emergem do modo pelo qual são usados na prática." (CRUIKSHANK, 1998, p.157). Será através desta escolha de abordagem da construção da narrativa que poderemos estudar os fatores que influenciam a memória e a construção da identidade do mestre e de seus foliões.

1 NO CAMINHO DA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

Este capítulo inicial visa tratar os caminhos para a utilização das Folias de Reis como um objeto da História. Para a realização deste feito vamos começar com uma discussão em termos genéricos sobre as Folias de Reis nos dias atuais, mostrando um pouco as definições sobre as festas como um lugar de devoção e de sociabilidade, com a responsabilidade de cada folião.

Em seguida, abordaremos uma historiografia das festas, proporcionando um viés para o estudo histórico deste tema. Teremos como embasamento às produções sobre as festas e suas contribuições para a compreensão do social e cultural em seus determinados recortes históricos. Após a apresentação deste, vamos dar prosseguimento fazendo um levantamento conjuntural sobre as Folias de Reis, sua origem e sua inserção na sociedade brasileira, a utilização desta para seus primeiros propósitos e a apropriação dos foliões e a sua visão como festejo popular.

A apropriação e representação serão os conceitos chave, não apenas para este capítulo, mas para todos os demais. Desta forma, estes conceitos serão trabalhados em detrimento de outros, os motivos serão apresentados no decorrer destas páginas. Este será o caminho para estudar a Cultura Popular e suas possibilidades

Na parte final, um exemplo será apresentado, sobre a Cultura Popular, para esta análise. O palhaço da Folia de Reis pode ser o elemento transgressor, mas a sua presença neste folguedo religioso católico pode apresentar características próximas da ordem e a manutenção da autoridade perante os foliões, tal como a figura do Mestre.

1.1 As Folias de Reis nos dias atuais

Foto 1: (Campo Grande, 17/05/2010, Debora Simões)

> [...] 'folias de reis', empreendimento festivo que ocorre em grande parte do território brasileiro, no qual homens, mulheres, crianças, jovens e idosos se envolvem intensamente em amplas teias de reciprocidades sociais. Esse empreendimento tem lugar em momentos especiais da vida coletiva, quando os laços de solidariedade, bem como as relações de natureza cósmica, se atuam de modo notável. (BITTER, 2010, p. 9).

E será com esta citação do trabalho de Daniel Bitter que começo a falar do festejo religioso como espaço de sociabilidade e suas estruturas. Estas características tornam a festa um empreendimento que se estende, não apenas aos grupos de cantores de reis, mas um sistema que envolve devotos, moradores das casas e vários tipos de pessoas que estabelecem algum tipo de relação fundamental com a Folia de Reis.[29] O antropólogo Daniel Bitter dá continuidade ao seu trabalho relatando que será através desta: "... abordagem permite deslocar o olhar objetificado sobre uma determinada manifestação cultural para as relações sociais, interações e alianças concretas com que, por meio dela, se constroem." (BITTER, 2010, p.11).

---

[29] BRANDÃO, 1981.

Tais relações sociais nos permitem ter mais liberdade para não limitarmos a pesquisa somente às saídas das folias nas jornadas ou nos giros, que tem sua definição como o período em que as Folias de Reis percorrem as cidades, vilas e povoados visitando casas, a convite dos devotos, onde cantam as *"profecias"* em frente a presépios, oratórios ou imagens de santos. O ciclo de apresentação das jornadas desses grupos começa à meia-noite do dia 24 de dezembro e vai até o dia 6 de janeiro, quando são louvados nos dias dos santos Reis Magos. No Rio de Janeiro esse período de jornadas se prolonga até o dia 20, quando se festeja o dia de São Sebastião, padroeiro da terra carioca, sendo a extensão do ciclo uma peculiaridade dos grupos fluminenses. Estas festas proporcionam a manutenção dos laços sociais onde os devotos e os foliões criam e recriam suas identidades dentro do rito religioso nesta data específica no ano.

Outra festa de caráter forte entre os foliões é a festa do "arremate" ou "remate", segundo a definição de Delzimar Coutinho:

> Conceitua-se "Remate' ou "Arremate' o encerramento solene feito pelos grupos de Folias de Reis, após o ciclo anual de apresentações. Caracteriza-se como festa de fartura em comida e bebida. Realizada geralmente na casa do Mestre em data previamente marcada. Excluindo-se o período da semana santa, cada grupo escolhe a data que mais lhe convier. Convida pessoas amigas, parentes e principalmente outras Folias de Reis, que comparecem uniformizadas. (...) Em decorrência do Remate, as apresentações das Folias de Reis acabam por estender-se por todo ano, extrapolando os limites tradicionais do ciclo natalino. (COUTINHO, 2009,p. 21).

São espaços da festa em que podemos nos apropriar para a realização da pesquisa, pois são neles que encontramos as extensões da festividade popular que não a limita a uma rotulação de sagrada ou profana. Espaços de sociabilidade que encontramos as ambivalências como, por exemplo, a seriedade de levar a bandeira:

> Símbolo máximo da Folia de Reis, vai sempre à frente do grupo, ladeada pelo mestre e pelo contramestre. Compõe-se de uma armação de madeira recoberta com tecido ou papel laminado, emoldurando uma estampa que pode representar a adoração dos Reis Magos, a Sagrada Família, a fuga para o Egito. Depois do Dia de Reis, a estampa de São Sebastião passa a figurar na bandeira. (COUTINHO, 2009, p.16).

Retomando Daniel Bitter, vemos que este elemento ritual seria responsável por: "... mediar, transmitir, ainda que de modo transitório, valores, saberes e conhecimentos perenes de vital importância para certos grupos." (BITTER, 2010, p. 156). E a existência de uma relação ambivalente deste elemento com a máscara e a figura do palhaço da Folia e Reis que teria seu

lugar de subversão, da desordem (ou de uma outra ordem) do contraste com a formalidade e da solenidade das cantorias dos foliões [30].

A partir do exposto, notamos que estas ambivalências são encontradas nos períodos de festas das folias, revelando seus integrantes. Como já foi mencionada, a primeira figura é o mestre da Folia de Reis, responsável por prover as necessidades materiais do grupo, do desempenho dos foliões e de guiar a cantoria, as chamadas profecias:

> [...] cânticos entoados pelos integrantes dos grupos de Folias de Reis diante de presépios, oratórios ou imagens de santos. Os textos, geralmente em quadras, costumam ser tradicionais ou de autoria do mestre e inspirados em histórias bíblicas do Antigo e Novo Testamentos. (COUTINHO, 2009, p.22).

A base para as profecias dos mestres é conhecida como *fundamento* das Folias de Reis:

> Fundamento constitui uma base permanente, percebida como imutável, permitindo que seja materializado de diversas maneiras, em diversos tempos e espaços. Sua difusão e transmissão entre os homens se dá por meio das palavras, dos gestos, dos cantos, da música etc. (BITTER, 2010, p.154).

O segundo personagem seria o contramestre, responsável pelo recolhimento dos donativos e complementar a cantoria. Existe o (a) encarregado(a) de levar a bandeira, esse seria o bandeireiro(a) ou alferes. Os demais foliões seriam os responsáveis em acompanhar os cantos dos mestres e tocar seus instrumentos. As figuras dos palhaços, que não cantam partes dos autos entoados pelos mestres, se limitam a emitir sons curtos e jocosos nos intervalos das cantorias, a autonomia destes personagens é dada quando estes entoam suas chulas ou trovinhas, como são conhecidas[31].

---

[30] BITTER, 2010.

[31] Estas definições são dadas no trabalho de Cácia Frade 1979.

1.2 Discussão da historiografia das festas

Algumas questões são fundamentais para iniciarmos nossa pesquisa, como por exemplo: por que estudar as Folias de Reis? O que os estudos destes locais de cultura popular, tanto religioso, quanto festivo, contribuiriam para a História Social?

Desde muito os estudos das festas tem se tornado um lugar de análise das ciências sociais, estas festividades podem ser analisadas como um lugar de disputa. Norbeto Luiz Guarinello em seu texto *Festa, Trabalho e Cotidiano* relata sobre os riscos de se ater em apenas determinadas características presentes nas festas. Como adotar os sensos comuns de características implícitas em determinadas festas, a partir de casos particulares, e tentar generalizar. A partir daí, ele cita as várias alternativas dispostas em uma bibliografia vasta que vai da interrupção da vida cotidiana, inversão desta, instauração do caos da natureza, negação da ordem social, subversão, até a alegria expressa no grotesco, presente no riso, entre outros. É importante ressaltar que este autor não nega a importância destes conceitos empregados na festa: "Tais definições não são, a rigor, incorretas. São, no entanto, incompletas, imperfeitas, na medida em que assumem festas particulares, ou características específicas de determinadas festas, como o parâmetro para julgar o que é, ou não, uma festa." (GUARINELLO, 2001, p. 970).

A proposta trazida por Guarinello é a realização de uma análise da festa, não como uma realidade oposta ao cotidiano, mas integrada a ele, vendo o cotidiano, não como uma dimensão particular da existência humana, mas como um tempo concreto de realização das relações sociais. Desta maneira ele traz a sua definição de festa, que será o nosso posicionamento nesta dissertação:

> Festa é, portanto sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (GUARINELLO, 2001, p.972)

As festas tem sido objeto da história cultural, um espaço que possibilita uma análise da religiosidade popular, sua relação dinâmica, a interação entre os ramos mais variados da

sociedade, além de locais propícios para articulação política. Também podem ser estudados como locais de conflitos sociais entre o popular e as autoridades, mas também das inter-relações entre estes. Supera definições limitadas de espaços de sociabilidades, ou de devoções, ou de transgressão, ou lúdico, ou ritual, mas se revela como conjunto destas características, o que possibilita a compreensão das possíveis contradições e enxergar os espaços de identidade comunitária. A historiadora Martha Abreu nos mostra o horizonte de possibilidades que a historiografia das festas nos revela:

> De uma forma ainda mais ampla, as festas – de caráter religioso, cívico ou carnavalesco – também foram valorizadas por esta historiografia como um atraente caminho para se reconhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações. (ABREU, 1999, p. 38)

Destas análises podemos citar estudos relevantes sobre festas e suas celebrações como formas de representações sociais que possibilitaram o reconhecimento de grupos de identidades presente nos ritos. Robert Darnton trabalha como um guia de um autor burguês anônimo do século XVIII de como uma procession générale em Montpellier pode ser útil para compreender como "a cidade representava-se a si mesma" através da expressão da essência social "suas mais importantes qualités e dignités". Seja nos estudos do caráter carnavalesco que Bakhtin estuda nos livros de Rabelais, seja o combate aos rituais pagãos e a tentativa da Igreja Católica reformada em secularizar os festejos populares estudadas por Peter Burke na Idade Moderna. Todos estes estudos mostram a importância das representações, contidas nas festas que nos aproximam do popular.

Já em terras brasileiras a compreensão dos festejos católicos foi essencial para os estudos das identidades presentes no grupo praticante, principalmente aos ritos africanizados. As festas se tornaram fontes de embates entre as autoridades e o povo na realização de seus festejos. Um exemplo seria o trabalho de Martha Abreu que se enveredou pelo estudo da trajetória da festa do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro, mediante ao complexo quadro histórico das transformações da sociedade brasileira no meado do século XIX. Tentando compreender como as transformações sociais conviveriam com as antigas festividades populares.

Marina de Mello e Souza realiza um estudo sobre reis negros no Brasil escravista e como essa corte negra assumiu uma variedade de significados e atribuições que as festas proporcionaram, mas sempre ligando as congadas às práticas de identidades que ligavam esta comunidade à África natal. Elizabeth Kiddy se afasta um pouco da tese de Mello e Souza no

momento em que esta autora americana foca como a autoridade do título de rei do Congo seria na realidade um: "triunfo de uma estratégia contínua de preservar a ligação com a África" (KIDDY, 2008, p.191).

Como muitas destas festas católicas foram entregues à responsabilidade de irmandades leigas, acabavam por torná-las sedes das circularidades culturais, onde muitos dos símbolos católicos foram reinterpretados e re-significados. Mary Karash em: *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)* aponta as influências religiosas que os africanos, mas precisamente vindos do centro oeste, teriam contribuído para as organizações dos festejos católicos no Rio de Janeiro. Outro trabalho importante utilizado para compreensão das origens africanas dos grupos que montaram o cenário social do Rio de Janeiro são os artigos presentes no livro: *Diáspora Negra no Brasil* organizada por Linda Heywood. Estudos como o de Robert Slenes: *'Malungo, Ngoma vem'* contribuiu para a melhor compreensão da identidade formada pelo tronco linguístico bantu. Através de tais estudos, pôde-se trazer à luz os rituais africanizados que se apropriariam de símbolos católicos e dariam uma nova re-significação a estes.

Martha Abreu e Hebe de Mattos produziram um importante documentário que trata o valor de se trabalhar com a memória de grupos descendentes da última geração de escravos e africanos no Estado do Rio de Janeiro, através de suas manifestações culturais que são um verdadeiro patrimônio cultural imaterial em: *Jongos, Calangos e Folias*.

Todos estes trabalhos mostram como as festas estão ligadas às práticas de representação das comunidades e seus laços de identidades. Estes estudos só se tornaram possíveis no momento em que assumiram a festa como um objeto de estudo da história e como ele pode ser trabalhado através das circularidades culturais e representações.

1.3 Um pequeno histórico das Folias de Reis

Para alguns estudiosos do tema, ela começa com o primeiro relato da aparição dos personagens principais nas passagens bíblicas que abordam o nascimento de Jesus Cristo, os chamados evangelhos da infância de Jesus, registrado por Mateus e por Lucas. Na realidade quem irá abordar a aparição de tais personagens será o livro de Mateus onde relata magos vindos do oriente, mas o texto bíblico não menciona quantos eram, nem mesmo os seus

nomes. Mas a quantidade dos magos será relacionada à quantidade dos presentes oferecidos ao menino Jesus – ouro, mirra e incenso. As tradições ocidentais irão se calcar em três reis: Gaspar, Baltazar e Belchior.

Outra perspectiva do surgimento destes personagens se daria por uma investigação de onde se encontram os restos mortais destes reis, que, atualmente se localizam na catedral de Colônia, Alemanha. Nela estariam desde 1164, e teriam sido levados para lá como despojos de guerra da conquista de Frederico Barbarrocha sobre Milão. Continuando uma busca de como os restos mortais teriam chegado a Milão, estudiosos acreditam que teria sido um presente da imperatriz Helena de Constantinopla, durante o século IV ou V. Anterior a esta origem estão apenas questionamentos.[32]

Por onde passaram os restos mortais destes Reis Magos, foram deixando em vários países, catacumbas, pinturas, altos-relevos, esculturas e retábulos em sarcófagos que mostravam a visita dos reis magos ao menino Jesus. Surgiram, a partir de então, muitos cânticos populares que retratavam partes das grandes peregrinações, que se tornaram muito importante em toda a Europa medieval, chamados Noëls na França, Villancicos na Espanha e Folia, em Portugal.

Além dessa origem mitológica cristã, temos também os caminhos para nos depararmos com o desenvolver das organizações dos festejos como os que conhecemos hoje. Primeiramente, é importante ressaltar que a conjuntura histórica pela qual a Igreja Católica passava, era extremamente complexa. E, para que possamos compreender as realizações destes ritos, seria importante que não nos limitássemos às delimitações dicotômicas, tanto o erudito/popular, quanto o sagrado/profano. Pois, em relação a esta problemática da delimitação, nós, neste projeto, nos aproximaremos da afirmação de Chartier:

> Estes cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão e sobrepostos (um letrado, o outro popular) mas como produtores de 'ligas' culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns nos outros como nas ligas metálicas. (CHARTIER, 1990, p.56-57).

A abordagem escolhida para retratar o período será a obra de Peter Burke: *Cultura Popular na Idade Moderna*. Este autor mostra as estratégias das reformas religiosas para trabalhar com a cultura popular tradicional no período das Reformas na Europa, mas que também mostrava: "sua maior clareza fora da Europa, onde os missionários, da China ao Peru,

---

[32] RIOS, 2006.

enfrentavam o problema de pregar o cristianismo num quadro cultural estranho." (BURKE, 1989, p.232). Este esforço dos fieis católicos mostraria, na verdade, uma ação para criar um limite entre o sagrado e o profano dentro da cultura popular:

> Ao longo do século XVI; porém os esforços esporádicos foram substituídos por um movimento de reforma mais coeso. Os ataques à cultura popular tradicional se tornaram mais assíduos, e multiplicaram-se as tentativas sistemáticas de retirar-lhe se 'paganismo' e 'licenciosidade'. (BURKE, 1989, p.241).

Mas que isso não excluía o que o autor define como "ideais positivos", este seria o movimento dos devotos ao tentar criar uma "nova cultura popular". Infelizmente Burke não contemplou as possibilidades do conceito de circularidade cultural – certamente por não criar um diálogo com Ginzburg – mas isso não retira de Peter Burke o mérito de seu trabalho, em ter se tornado um clássico para se compreender a complexidade do tema cultura popular. Burke aponta a impossibilidade de tratar a cultura popular como homogênea, seja no campo ou na cidade. Neste mesmo livro o autor já trazia à luz a participação do clero nas festas populares "à maneira tradicional, dançando e usando máscaras como os outros" (1989, p.239), revelando o caráter do "tempo alegre" de Bakhtin dentro deste universo festivo: deste universo "carnavalesco". O movimento realizado pela Igreja Católica reformada estava nos seus esforços para combater estes comportamentos e secularizar estes ritos, torná-los profanos. Mas como veremos nas próximas linhas os esforços irão se voltar mais para a conversão destas atitudes que na erradicação delas.

Peter Burke traz à luz um argumento para a elaboração das festas populares religiosas. O movimento realizado pelos reformados católicos estava mais interessado na dinâmica da doutrina da "adaptação" dos ritos populares que na aniquilação destes. Um dos exemplos era a destruição dos ídolos, mas na conservação dos templos pagãos, pois estes "seriam convertidos em igrejas". Outro seria a conservação de festas pagãs com os ritos adaptados aos cristãos. Neste mesmo âmbito os católicos se encontravam em uma batalha de duas frentes, o que fazia com que os católicos reformados reelaborassem suas estratégias de conversão, como adverte o autor:

> Para complicar as coisas os inícios do período moderno, os reformadores católicos estavam lutando em duas frentes: contra os protestantes que queriam reformas demais, e contra a imoralidade e a 'superstição'. A cultura da Contra-Reforma traz as marcas das duas lutas. Talvez seja útil descrever três elementos dessa cultura, em ordem: rituais reformados, imagens reformadas e textos reformados. (BURKE, 1989, p.253).

Neste mesmo período os novos rituais "adaptados" terão o seu auge mais teatral com a elaboração das estratégias de catequese nas missões jesuíticas e das outras ordens religiosas que empreendiam nas cidades e nos campos europeus no século XVII.

É dentro desta conjuntura que a Folia de Reis foi adaptada como forma de música e teatralização pelos padres jesuítas nas Américas para a catequese dos indígenas. José Ramos Tinhorão trata que os elementos festivos foram utilizados para um controle absoluto dos naturais da terra, mas que a todo o momento este exercício de dominação estava interligado ao elemento lúdico e festivo das folias. Ele relata que: "... todo o século XVI o seu trabalho [padre Manoel da Nóbrega] de catequese, determinado, inclusive, as formas de manifestações lúdicas e com caráter de folguedo popular" (TINHORÂO, 2000, p.24). Certamente, estas ações estão ligadas às heranças européias dos portugueses provenientes dos campos, Tinhorão mostra isso através das cartas de Pero Vaz de Caminha que relata as interações pelo meio das músicas e das brincadeiras entre os tripulantes das naus e os naturais da terra. O que estamos expondo aqui não é um posicionamento nosso para com este autor, apenas estamos nos apropriando das fontes e da pesquisa dele para que possamos dar base ao argumento das circularidades que haviam dentro da conjuntura do desenvolvimento deste folguedo.

Partindo para a abordagem de outro autor sobre as folias, Sebastião Rios explica que:

> [...] o termo folia já existia no século XVI – aparece, por exemplo, no Auto de Sibila Cassandra, de Gil Vicente – e denominava uma dança viva ao som de pandeiro e canto, representando os próprios Reis que vão adorar o menino Jesus. Sua origem está no drama sacro encenado nas igrejas no Natal, durante a Idade Média. (RIOS, 2006, p. 66).

Segundo Rios, os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta vão se apropriar das folias e de outras danças nas procissões e nos autos, e que muitos destes escritos estão "na língua geral". Tratando do mesmo assunto, Tinhorão mostra que as primeiras iniciativas dos padres jesuítas estão calcadas em uma política de "conversão do gentio" através da implantação da verdade única da fé cristã e que não esperava um encontro das diferentes culturas. Mas, este mesmo autor explica a necessidade dos jesuítas de se apropriar da língua e das práticas dos naturais da terra nesse primeiro momento:

> Dentro desse espírito, a participação dos naturais da terra não teria como realizar-se de forma criativa, embora – de maneira cruelmente irônica – a sua língua e sua música viessem a ser usadas nos primeiros anos da catequese como armas de aniquilação exatamente de sua cultura. (TINHORÃO, 2000, p.24).

Ao retomarmos ao Sebastião Rios, vemos seu relato sobre: "... a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre os colonos, negros-escravos e mestiços de toda a sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros" (RIOS,2006,p.67). Estes festejos vão complementar e fazer parte de um extenso calendário cristão no Brasil.[33]

Certo é de que estes festejos católicos gozavam de inúmeras possibilidades de interações entre os mais variados grupos de identidades, os que proporcionavam as circularidades culturais. Mas isto não quer dizer que elas não tenham tido conflito com as autoridades nas colônias, nem na sociedade de corte, muito menos na República. Os casos das visitações do Tribunal do Santo Ofício contemplam bem estes embates entre os festejos e as autoridades religiosas, em seu livro: *O diabo e a Terra de Santa Cruz*, Laura de Mello e Souza mostra que:

> As alegres missas promovidas pelos jesuítas no século XVI [...] As procissões festivas que o bem-pensante Peregrino comentava escandalizado também ilustram o lado alegre da religiosidade na colônia. Mas não foi só de cores, ritmos e ruídos que esta se constituiu. Por grande parte das lágrimas vertidas, dos temores, dos medos de perseguições foi responsável o Tribunal do Santo Ofício nas suas visitas à colônia brasileira. (SOUZA, 1986, p.100).

Um estudo que realiza um panorama importante para que possamos demarcar a Folia de Reis no tocante a este período de passagem entre a sociedade de corte e Brasil República é o de Tiago de Melo Gomes, *Para além da casa de Tia Ciata: outras experiências no universo cultural carioca, 1830-1930.* O trabalho deste historiador visa examinar os pressupostos da valorização das influências dos amigos de Tia Ciata e da comunidade baiana na formação do ambiente cultural carioca, mostrando as demais influências das festividades religiosas populares presentes no calendário católico que criaram uma esfera de possível aceitação para popularização do carnaval e do samba. Este trabalho valoriza os festejos católicos como um instrumento de interação social e um viés para a inserção das demais festas que se tornaram uma influência nacional, como é o caso do carnaval, além de questionar as origens mitológicas do samba e da imperiosa dominação dos baianos na formação do samba. Decerto que este auto não visa negar nem minimizar a influência do grupo baiano, mas reconstruir o contexto histórico em que este grupo apareceu.

---

[33] ABREU,1999.

Dentre as influências das festividades católicas presentes no recorte temporal pesquisado, Tiago de Melo Gomes, podemos ver a devida importância dada as Folias de Reis:

> Ao contrário do que possa sugerir a experiência de alguém que viva no século XXI, esse calendário festivo não era encarado por nenhum habitante da Corte Imperial como um resíduo folclórico distante da vida cotidiana daqueles anos. [...] Nesse contexto a Folia de Reis emerge como um evento particularmente relevante nas ruas da Corte, pois estatísticas mostram que ao longo do período joanino nenhum mês do ano teve tantas prisões por capoeira quanto dezembro e janeiro, os meses marcados pelo período da Epifania, que se encerra com a festa dos Reis Magos a 6 de Janeiro. (GOMES, 2003, p.183-184)

Os estudos utilizados por Tiago Gomes já se tornaram clássicos para a compreensão da cultura popular no período da passagem da Corte para o Brasil República, dentre eles se encontra uma pesquisa de farta documentação sobre a festa do Divino Espírito Santo em: *O Império do Divino festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*, de Martha Abreu. Esta tese abre os horizontes para a compreensão de como o calendário festivo religioso estava tão intrincado com a sociedade brasileira, também do movimento dos foliões e a interação com a sociedade nas realizações das folias. A análise desta historiadora está calcada em uma perspectiva histórica de um intenso diálogo com as diferentes conjunturas políticas da época, também referente às políticas de controle da festa do Divino e o processo de crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro. Traçando uma cronologia dos momentos de auge desta festa no campo de Santana e dos momentos de enfraquecimento destas folias, se encaminhando para uma política de controle da festa popular religiosa, na República.

A passagem para o Brasil República nos revela o declínio não só da festa do Divino Espírito Santo, como também das Folias de Reis e de outros festejos populares católicos. Outro estudo que vai nos mostrar claramente os sintomas do enfraquecimento das festas presentes neste vasto calendário religioso será o de Carlos Eugênio Líbano Soares, este historiador procura traçar um panorama das práticas de *capoeiragem* no território do Rio de Janeiro em um período semelhante ao de Martha Abreu, e as políticas de controle diante destas manifestações. A importância de citar este trabalho estaria no fato de que as ocorrências a respeito das atividades dos capoeiras na: "virada de um ano para o outro. Dezembro, janeiro e fevereiro, coincidem com as grandes festas do ano, como Natal, Dia de Reis e carnaval" (SOARES,2002,p.298).

Mais uma contribuição sobre o enfraquecimento das festas religiosas e o constante crescimento das festas cívicas e nacionais presentes no artigo de Líbano Soares:

> As festas também haviam passado por agudas transformações. O antes pelo domínio das festas religiosas, em que se destacavam as procissões e as novenas católicas, era agora disputado pelas festas cívicas e nacionais, comemorativas das datas magnas do Império consolidado após o turbulento período das revoltas regenciais. Os desfiles militares passaram a ser tão concorridos quanto as barrocas procissões do catolicismo colonial. (SOARES, 2002, p.293).

As citações de tais trabalhos servem para criar um viés para a compreensão da conjuntura em que todos os festejos religiosos presentes no calendário brasileiro se encontravam, em nosso caso: a Folia de Reis. A intenção deste levantamento conjuntural não é de realizar uma cronologia exaustiva das Folias de Reis, mas sim de criar um exercício que possa nos levar a um questionamento: será que a elaboração destes festejos religiosos foi exatamente uma estratégia que a limita no âmbito do sagrado ou do erudito da metrópole portuguesa? Ou será que as organizações destes folguedos já estão intimamente ligadas com os movimentos de relações entre o erudito e o popular desde sua origem?

1.4 Lugar Social: caminhos para não ignorar a representação

> Globalmente, desde há três séculos, no que concerne à França, a história religiosa parece marcada por duas tendências: uma, originária das correntes espirituais, fixa o estudo na análise das doutrinas; a outra, marcada pelas 'luzes', coloca sob o signo das superstições. Em última análise, teríamos, lá, verdades emergindo dos textos, e, aqui, 'erros' ou um folklore abandonado na rota do progresso. (CERTEAU, 2007, p.35).

Para que possamos começar uma discussão historiográfica sobre Folia de Reis, primeiramente, precisamos dar uma ênfase maior ao viés escolhido para a análise deste. Temos duas possibilidades: 1°, enxergar a Folia de Reis como *Folclore*; 2°, trabalhar a Folia de Reis como a realização de uma manifestação de *Cultura Popular*. O que apresentaremos neste capítulo são as conjunturas em que estas duas vertentes foram expostas e o momento do declínio de uma, na tentativa de institucionalização e a ascensão de outra, na historiografia atual.

Ao nos referirmos a Folia de Reis com o conceito de *Cultura Popular*, podemos começar com uma citação de Roger Chartier: "A cultura popular é uma categoria erudita". (CHARTIER, 1995, p.179), ou seja, nessa pequena referência já podemos encontrar uma grande armadilha dos estudos sobre o popular, que resume este a apenas uma categoria do erudito. Enfatizar esta característica, mostra pelo menos dois caminhos que podem ser

seguidos: o do delimitado (cultura popular) e o do delimitador (o erudito), trazendo a complexidade da abordagem do tema.

Se enveredarmos pelo caminho do delimitador, ou seja, pela classe dominante, nos colocaremos na posição do pesquisador que pode compreender o valor destas tradições populares que escapam àqueles que as possuem[34]. Isso seria nos posicionar como um antiquário ou um folclorista, que limita o folclore a uma mera sobrevivência, ofuscando a possibilidade de trabalhar as folias sob um aspecto de um texto ritual inserido em um contexto social[35].

Este tema se mostra muito intrincado, pois desde o início da formulação do termo *Folclore* existem embates sobre sua legitimidade. O termo foi cunhado pelo inglês William Jhon Thoms (1846) em um de seus artigos para uma revista referindo-se aos costumes e literaturas populares como um saber popular – daí o neologismo *Folclore*: Folk: povo; Lore: saber – e a forma de coletar, recolher e registrar os contos. Esses estudos nascem através destas coletas passando por vários períodos, desde os antiquários, perpassando por um investimento por parte dos românticos como oposição ao Iluminismo, através do historicismo do particular, o gosto pelo bizarro e pelo exotismo[36], sempre enfatizando as particularidades. Será a partir da segunda metade do século XIX que os estudiosos da cultura popular vão se denominar de folcloristas, com a criação da disciplina *Folclore* embebida dos pensamentos das Ciências Sociais desse período, como exemplo o positivismo e a publicação do livro de Darwin, Origem das Espécies. Porém, sem os aparatos teóricos para trabalharem o método folclórico, essa disciplina acaba por encontrar vários obstáculos como o fato de não haver delimitação entre objeto e disciplina, ou se restringir apenas no ato da coleta, tratando tradições populares como caráter científico, esvaziando-se de sentido. Terminando por cair no desuso: "Uma vez definido o campo epistemológico e as instituições legítimas nas Ciências Sociais, fica difícil para os folcloristas encontrarem espaço para o seu objeto de estudo" (ORTIZ, 1985, p.45).

No Brasil este tema já foi palco de debates acirrados sobre o objeto folclore, travados entre os anos 50 e 60 para a comprovação da sua cientificidade, tratando esta como matéria acadêmica. Encontramos uma síntese destes conflitos entre os folcloristas e os cientistas

---

[34] ORTIZ, 1985, p. 27

[35] THOMPSON, 2001, p.238

[36] ORTIZ, 1985.

sociais no trabalho de Luís Rodolfo da Paixão Vilhena: *Projeto e Missão.* Dentro deste quadro complexo uma figura de destaque travará diálogos contra essa pretensão científica requisitada pelos folcloristas, seria o sociólogo Florestan Fernandes. Em seus artigos, não combatia o folclore nem os folcloristas, mas: "... uma certa concepção que tomava a prática do folclore como 'científica'". (VILHENA, 1997, p.82). A base destes embates entre Florestan e os folcloristas estava na forma particular de estudar o objeto e não o folclore em si.

Luís Rodolfo da Paixão Vilhena vai abordar as tentativas fracassadas da via de institucionalização do folclore pelos folcloristas brasileiros, mostrando que: "... a inexistência de uma estrutura institucional que garantisse uma relativa autonomia em relação ao plano político contribuiu para a 'marginalização' dos estudos de folclore" (VILHENA, 1997, p.63). E como esta institucionalização é possivelmente o elo que produz a medição entre o intelectual e a sociedade inclusiva, a falta dele se mostra como um grande fator para os estudos deste tema se tornar objetos periféricos das ciências sociais. Temos um resumo que sintetiza bem este período no artigo: *Cultura imaterial e patrimônio histórico da nação* da pesquisadora Martha Abreu. Um trabalho que mostra a importância de colocarmos a discussão da patrimonialização no campo da história, e para mostrar o quadro complexo do período pós-guerra e os investimentos da UNESCO:

> Essas iniciativas ao folclore acompanharam de perto o movimento da Unesco, logo após a Segunda Guerra Mundial, que procurava implantar mecanismos para documentar e preservar as tradições, avaliadas como em vias de desaparecimento, diante da modernização acelerada. Manifestações culturais imateriais, vistas por intelectuais e políticos como próximas do desaparecimento ou condenadas pelo seu caráter distante de uma pretensa civilização e modernidade, não pareciam combinar com a idéia de patrimônio cultural que representasse alegoricamente a unicidade da nação, sua história e identidade. O folclore tinha lugar assegurado: no Museu do Folclore e nas campanhas em sua defesa. (ABREU, 2007, p.354).

Com a exposição acima podemos compreender a complexidade deste caminho e os motivos óbvios para não tomá-lo como rota para esta dissertação. Vemos que, desde sua criação, o folclore se tornou um lugar de conflitos para inseri-lo nas instituições, mas nem mesmo em seu auge este tema conseguiu embasamento teórico metodológico para ser alicerçado como matéria acadêmica. Deixando o seu lugar social longe das instituições, e é importante ressaltar que para Michel de Certeau: "A instituição não dá apenas uma estabilidade social a uma 'doutrina'. Ela a torna possível e a determina." (CERTEAU, 2007, p.70).

Voltando a questão das coletas, registros e preservação destes saberes populares, é importante ressaltar que muitos destes estudos folclóricos foram na realidade coletados e classificados pela base elitista da cultura. Um trabalho que vai dar um panorama sobre essa questão é o de Jacques Revel junto a Michel de Certeau e Dominique Julia: *A beleza do morto: o conceito de "cultura popular"*. Nesta obra vemos que o investimento na preservação, por parte dos antiquários e folcloristas, era uma forma de compensar o viés de extinção das tradições populares. Na realidade todo esse esforço para conservação do folclore mostraria o outro caráter em jogo, o da censura. O olhar voltado para os campos e para a pureza do popular era, na realidade, um subterfúgio para desviar a atenção do perigo que as elites enfrentavam nas cidades: as classes trabalhadoras, que estavam se articulando para poderem lutar por melhorias no ambiente de trabalho e por uma sociedade mais igualitária. Outro fator foi o investimento, na primeira metade do século XX, dos regimes populistas nesse caráter rústico do popular que fez com que os estudos sobre folclore caíssem em descrédito por parte dos pesquisadores: "Espontâneo, ingênuo, o povo é, uma vez mais, a criança. Já não aquela criança vagamente ameaçadora e violenta que se quis mutilar: o filho pródigo regressa de longe e reveste-se dos atrativos do exotismo". (REVEL, 1989, p.59).

Podemos iluminar nosso caminho através de uma análise que nos direcione para o viés do delimitado, do praticante de cultura popular. Para prosseguir por esse caminho, já temos em mente os perigos e ciladas que nos esperam, e podemos perceber que sob uma nova perspectiva compreenderemos o popular através de seus *não-ditos*, das construções de seus discursos[37].

Com esse quadro complexo sobre as formas de abordagem do popular que caíram em descrédito nos meios institucionais vemos que o caminho que poderemos tomar não seria outro a não ser um retorno ao método. E será por este viés que validaremos o estudo sobre Folia de Reis, retirando dela o rótulo de estudo folclórico e analisando este objeto através de suas *apropriações* e *representações*, conceitos cunhados por Chartier. Estas possibilidades são vistas no momento em que compreendemos que: "'Fazer história' é uma prática".[38] Esta perspectiva só será validada no momento que interagirmos com as demais ciências humanas, como a sociologia e a antropologia. Esta é uma análise feita por Thompson em seu artigo

---

[37] CERTEAU, 2007.

[38] CERTEAU,2007,p.78.

sobre *Folclore, Antropologia e História Social*, nela se encontra a importância de analisarmos textos folclóricos para melhor compreendermos a vida social, que estaria permeada por muitos rituais coletados pelos folcloristas. Este autor também relata a necessidade de trabalharmos estes rituais folclóricos como fontes, não se limitando a analisá-las como simples "sobrevivências". Pois estes ritos estariam inseridos em um contexto social, mostrando a sua relevância como fonte. Podendo assim, estudar os fenômenos que mudam as estruturas das organizações sociais por estas fontes folclóricas.

Entre os modelos possíveis para estudar a Cultura Popular vemos em destaque que três são os mais utilizados, o de Ginzburg, Chartier e Thompson. Estes autores visam compreender as sociedades através de um modelo que, como é o caso de Ginzburg e Thompson, pode ser considerado interclassista, mas que explica o pano de fundo social de determinado período histórico através dos contrastes e conflitos sociais. Ou através do estudo de Roger Chartier, que visa à compreensão do social e seus contrastes influenciados pelo plano cultural.

No caso de Carlo Ginzburg, vemos um estudo complexo em seu trabalho *O queijo e os vermes* que visa compreender a Cultura Popular em oposição à Cultura Letrada ou oficial, das classes dominantes, demonstrando a preocupação em enxergar o conflito de classes. Mas é importante ressaltar que este historiador mostra a existência de uma relação entre a classe dominante e as classes subalternas, o estudo se baseia em um moleiro friuliano condenado como herege pela Inquisição no século XVI. Este é o personagem principal do livro que possibilita a chave de leitura da Cultura Popular para Ginzburg: a *circularidade cultural. E*sta seria uma dinâmica que permeia a Cultura popular e a letrada, revelando a interação entre elas. Esta chave de leitura seria baseada na interpretação que Carlo Ginzburg deu ao estudo de Mikhail Bakhtin sobre *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Em resumo, seria um estudo das classes populares na França através de um letrado.

Outro modelo interclassista é o de Edward Thompson em sua obra *Costumes em Comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional,* Thompson busca compreender as resistências das classes subalternas através das leituras de seus comportamentos e atitudes. Estas se mostram verdadeiras manifestações da identidade social em desenvolvimento. Tais manifestações sociais se mostravam uma defesa das tradições familiares e comunitárias.

Ronaldo Vainfas em seu texto *História das mentalidades e História cultural* nos dá uma definição sobre o modelo teórico da Cultura Popular de Thompson:

> O campo teórico da cultura popular em Thompson valoriza, portanto, a resistência social e a luta de classes em conexão com as tradições, os ritos e o cotidiano das classes populares num contexto histórico de transformação. Vem daí o apreço do autor pela antropologia, capaz de ancorar interpretações verticalizadas de ritos e comportamentos comunitários, bem como por microtemas, a exemplo da festa, do charivari e outros que permitam iluminar a defesa das tradições e a insurgência social, processos simultâneos de construção de uma identidade popular no campo cultural. E vale dizer que, não obstante valorize o popular no estudo da cultura, Thompson admite relações entre a dita cultura das classes subalternas e a das classes dominantes, pretensamente hegemônica, esboçando uma noção de inter-relações reciprocas entre os dois universos culturais que, de certo modo, aproxima-se do conceito de circularidade formulado por Ginzburg. (VAINFAS, 1997, p.234).

A escolha do modelo para o estudo da Cultura Popular está reservada ao terceiro historiador: Roger Chartier. Pois, será através de suas chaves de leitura das práticas como *representação* e *apropriação* que poderemos chegar ao conceito de Cultura Popular. Para Chartier não há como ler a Cultura como uma categoria que afasta o popular do erudito, pois estas duas estão muito intrincadas em si e não se mostram de forma dicotômica. Segundo este autor, não há um afastamento, mas antes, uma aproximação destas duas culturas inviabilizando a leitura do popular e do erudito em campos opostos. Nas palavras do próprio autor:

> Estes cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão e sobrepostos (em letrado, o outo popular) mas como produtores de 'ligas' culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns nos outros como nas ligas metálicas. (CHARTIER, 1990, p.57).

Este será o caminho escolhido para a compreensão da Cultura Popular que será muito utilizado no segundo e terceiro capítulo desta dissertação. O estudo das Folias de Reis através da tradição oral é viabilizado se compreendermos o que está sendo apropriado e representado nesta prática cultural religiosa. Ao retomarmos Chartier, vemos que em seu discurso sobre os rumos possíveis para a compreensão do popular, temos duas possibilidades de rumos a serem tomados: o da visão do dominador e as de submisso ou astúcia da classe dominada, ou compreender as práticas ou discurso do popular como objeto de análise que mostrem sua autonomia:

> A resposta não é fácil e hesita entre duas alternativas: operar uma triagem entre as práticas mais submetidas à dominação e aquelas que usam de astúcia com ela ou a ignoram; ou, então, considerar que cada prática ou discurso 'popular' pode ser objeto de duas análises que mostrem, alternadamente, sua autonomia e sua heteronomia. O caminho é estreito, difícil, instável mas acredito que seja, hoje em dia, o único possível. (CHARTIER, 1995, p.13).

Tais caminhos são amparados pelas chaves de leitura da Cultura Popular por este autor, a Representação é a possibilidade de exibir uma presença, trazer o ausente representando este. Este elemento representado pode estar embebido de significações de identidades de grupo, o que possibilita a dinâmica das práticas populares e as apropriações. Ronaldo Vainfas enxerga a apropriação em Roger Chartier, o "centro" do conceito da Cultura Popular: "Chartier afirma que o objetivo da apropriação é 'uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais' [...] são sociais, institucionais, culturais" (VAINFAS,1997,p.230).

Dentro do que já foi exposto, podemos compreender os motivos de caminharmos na busca pela Cultura Popular através das chaves de leituras de Roger Chartier. Não deixando de lado as contribuições dos demais autores, mas nos posicionando diante das festas de Folias de Reis, de maneira que possamos compreender o território da festa, seus ritos, significados e importância para o grupo religioso e social que a realiza. Desta forma, vamos dar prosseguimento a esta dissertação relatando as organizações da festa, através de suas apropriações e representações contidas em suas práticas.

1.5 Apropriações e Representações

Como foram apresentados acima, estes trabalhos mostram como as festas estão ligadas às práticas de representação das comunidades e seus laços de identidades, revelando as circularidades culturais através das apropriações e representações. O tópico anterior mostra a conjuntura na qual a Folia de Reis foi elaborada, de forma que dentro deste folguedo católico podem ser observados os conflitos travados entre o que poderia ser tolerado e o que não poderia ser. Porém, isso não excluiu o caráter lúdico da festa religiosa, nem as potencialidades de inserir nela as identidades dos grupos que a realizavam.

Entendendo esta prática cultural como ideia de processo, um resultado, uma conquista[39]. Tentando captar o caráter heterogêneo e dinâmico da memória na realização do rito e o papel central deste na construção da realidade social destes integrantes do folguedo.[40]

---

[39] BOSI,1987, p.39

[40] BAUMAN e BRIGGS, 2008, p.187.

Aqui nós podemos nos guiar pelas ferramentas de interpretação da cultura popular de Roger Chartier. Pois este historiador se aproxima do ponto de construção de identidade de grupo como percepção do social quando relata sobre os jogos de tensão propostos dentro das representações:

> As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p.17).

A proposta apresentada aqui é entender as Folias de Reis como um texto, como uma fonte. Este será o nosso objeto de pesquisa, um passo que poderá abrir um caminho para a compreensão das identidades contidas nas memórias presentes e nas realizações destas manifestações culturais. Refiro-me a estas ações culturais como funções históricas, pois elas se constroem de acordo com uma estrutura que tem como consequência a criação da consciência de grupo. Esta estrutura gera, e é gerada, por uma prática cultural que se pauta em uma finalidade pedagógica, mostrando uma das faces da cultura popular: sua prática. Tais práticas se desenvolvem de acordo com sua capacidade de fazer o integrante sentir pertencente ao grupo. Se retomássemos o estudo de Durkheim, Formas Elementares da Vida Religiosa, poderíamos validar o caráter gerador de emoções que há dentro da prática religiosa, como a crença e a ação. Certamente não resumiríamos esta prática a um simples fruto da reprodução da sociedade, pois dentro dela existiriam outras características das práticas culturais religiosas como a devoção, o lúdico, o divertido e o transgressor.

Podemos ver que tais práticas são perpetuadas não como uma simples sobrevivência, pertinência, permanências e outros termos que denotam consequências, mas na realidade elas se tornariam tradições causadas pelas suas capacidades de serem sentidas, vividas se tornando na realidade, vivências e não sobrevivências. E para a sua perpetuação necessitaria de uma ligação com a vida dos participantes para que esses pudessem organizar e reorganizar determinados ritos, que só podem ser realizados se tiver alguma íntima relação com eles. Tais relações só podem ser enxergadas e analisadas se nos aproximarmos dos mestres e foliões para podermos dar voz a eles e estudar seus discursos: como são montados, como são submetidos, como são representados[41]. De maneira que não nos referiríamos a estas fontes como verdades, mas compreender a construção do discurso, suas ênfases, suas vivências.

---

[41] CHARTIER,1995, p.191

1.5.1 Um caso de apropriação e representação: as práticas dos palhaços de reis

Foto 2: (Campo Grande, 17/05/2010, Debora Simões)

Um exemplo a ser trabalhado sobre as práticas de apropriação e representação dentro das Folias de Reis, é a figura do palhaço. O livro utilizado para criarmos um diálogo neste tópico é o de Daniel Bitter: *A bandeira e a Máscara*, como o próprio título se refere, os objetos de estudo deste autor são os elementos rituais de destaque utilizados pelos foliões. Dentro deste estudo antropológico temos uma contribuição sobre as apropriações e representações contidas na figura do palhaço, uma tese que extrapola a questão do elemento transgressor da folia e gerador do caos. O palhaço é visto como portador de uma máscara cósmica que transita por vários territórios, ele seria detentor da responsabilidade de representar e afastar o mal deste folguedo.

Segundo este mesmo autor, o palhaço não é um fato universal, pois seria desconhecido nas folias das regiões ao norte de Minas Gerais e na região Centro-Oeste. Mas no estado do Rio de Janeiro ele seria uma figura obrigatória, criando expectativa nas casas visitadas e nas festas do arremate.

Este personagem também estaria no limite deste ritual, por ser um elemento transgressor, representaria a desordem e o caos, dentro da Folia de Reis. Na *Apostila do*

Professor do Museu de Folclore Edison Carneiro, o palhaço é descrito da seguinte forma: "... palhaços com roupas vistosas e máscaras aterrorizantes, que se identificam com o 'cão', 'Herodes', 'Exu', e outras entidades representativas do mal e da desordem" (43). Retomando Bitter: "No contexto das folias de reis, peno ainda que a liminaridade associada ao palhaço parece se aproximar da noção de 'sagrado', remetendo ao caráter ambíguo dessa categoria e à própria noção de sagrado impuro mencionada por Durkheim" (BITTER, 2010, p.174). O que denota a responsabilidade do folião portador da máscara de palhaço.

Estas características se encontram em um personagem ambíguo dentro de um ritual que visa levar as bênçãos das bandeiras aos seus devotos. Porém, o fato deste elemento representar tais qualidades negativas não significa que ele não tenha que passar por um ritual rígido. Antes das saídas e depois das entregas das bandeiras, os palhaços passam por um batismo ritual, onde a bandeira é passada por cima do corpo do palhaço pela bandeireira em um movimento em forma de cruz, este estaria ajoelhado ou deitado de bruços e sem as máscaras (BITTER, 2010, p.60). Este rito protegeria o folião que irá exercer um papel com tamanha responsabilidade: o de representar o mal, mas também o de trazer a diversão para a festa com o movimento de seu corpo ou com suas chulas, ou trovinhas.

Foto 3: (Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2011, Debora Simões)

As chulas são versos de memória ou no improviso, "o caráter desses versos é fortemente cômico, tendo muitas vezes o público ou mesmo o próprio dono da casa, como alvo de suas brincadeiras" (BITTER, 2010, p.57). Os versos são avaliados pelo público: se o palhaço é bom ou não nesta forma de repente. Nas festas do arremate, após as apresentações de todas as folias visitantes, os palhaços de todas as folias realizam uma espécie de confronto verbal, que em alguns casos acabam em confrontos corporais, como relatam alguns foliões.

Mas o importante aqui é notar as duas características principais dentro da Folia de Reis, primeiramente a oralidade será o instrumento que tantos os palhaços, quanto os mestres irão utilizar. Em segundo lugar, a coesão com estas palavras, é a sabedoria do mestre e do palhaço que são postas à prova em cada uma de suas apresentações O improviso se torna um elemento chave para a compreensão dos conflitos dentro das folias e da manutenção da autoridade dos mestres e também dos palhaços. A oralidade se mostra como um elemento necessário para o estudo da Cultura Popular, uma busca pela compreensão destes ritos através das apropriações e representações.

Um exemplo citado no trabalho de Daniel Bitter que incorpora todas estas características do improviso e da reponsabilidade de entoar versos coesos para a manutenção da autoridade da figura do palhaço está nos versos abaixo. A cena é descrita pelo antropólogo, na qual um devoto colocou duas notas ao chão em forma de cruz, de maneira a por à prova o conhecimento do palhaço para descruzar as notas e arrecadá-las:

> Oh meu pai todo poderoso/ Que este servo seja perdoado
> Que um homem em consciência/ Não põe dinheiro cruzado.
> Lembras que a cruz/ É símbolo abençoado
> Lembras que o dinheiro/ Foi o fruto do pecado
> Que o pai lhe perdoe/ Lá do seu trono de luz.
> Salve meus irmãos/ Não ponha o dinheiro em cruz
> Lembras que foi por dinheiro/ Que Judas traiu Jesus
> Já saudei sua cruz/ Ouça lá meus companheiros
> Onde foi crucifixado/ O bom Jesus verdadeiro
> Foi numa cruz de carvalho/ E não numa cruz de dinheiro
>
> (BITTER, 2010, p.189)

O domínio do conhecimento da bíblia do palhaço nesta situação é avaliado tanto quanto o conhecimento do mestre da folia. Nestes momentos vemos uma questão interessante, tanto o mestre quanto o palhaço se tornam figuras de destaque nas Folias de Reis, possuem uma responsabilidade muito grande, certamente merecedora do batismo simbólico citado anteriormente. É importante ressaltar que sobre esta questão de proferir os versos: “Estas narrativas colocam em foco um aspecto que me parece importante, a particularidade das posições das autoridades do mestre e do palhaço. De certo modo eles são comparáveis, equivalentes, numa espécie de simetria inversa” (BITTER, 2010, p.181).

Tal quais os mestres, os palhaços em suas apresentações também são acompanhados pelos instrumentos, podendo até mesmo comandá-los. Porém, o ritmo utilizado é muito mais rápido, e a organização dos foliões é totalmente diferente das saídas com a bandeira, não há as fileiras em forma de uma marcha militar, mas um semicírculo em volta dos palhaços. Nos

momentos em que os instrumentos são tocados, os palhaços podem realizar seus malabarismos, mostrando suas perícias em movimentos que podem ser perigosos. Esta seria outra forma da manutenção de sua autoridade. A foto abaixo mostra a organização citada dos palhaços e os foliões da bandeira do Mestre Fumaça na apresentação na XXVI Feira de Artes e Tradições Populares, na Av. Presidente Kenedy em São Gonçalo.

Foto 4: (Av Presidente Kenedy, São Gonçalo, 12/09/2010, Luiz Gustavo Mendel)

Ao acompanharmos a Folia de Reis, Nova Flor do Oriente, do Mestre Fumaça, tive a oportunidade de ver o Mestre Antônio José da Silva desempenhar o papel de palhaço de sua folia, devido a ausência de seus brincantes. Esta foto foi registrada na jornada do dia 8 de janeiro de 2011 no bairro de Barracão em São Gonçalo.

Fotos 5 : Mestre Fumaça exercendo o papel de palhaço em sua folia. (Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões).

Foto 6: Mestre Fumaça exercendo o papel de palhaço em sua folia. (Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões).

Este raro momento nos revela o quanto é latente este caráter popular do festejo religioso, ora visto como catolicismo popular, ora como folclore, ora como cultura popular, todas estas rotulações podem ser analisadas com as chaves de leituras de Chartier: as apropriações e representações contidas na prática ritual. O objetivo deste primeiro capítulo foi demarcar bem estas categorias de análise e utilizar um elemento da Folia de Reis para servir de exemplo deste popular, dentro do folguedo. Porém, o objetivo dos demais capítulos será o de expandir esta análise do popular para os demais foliões, atingindo também as figuras dos Santos e seus devotos. Analisando os espaços de sociabilidade, seus territórios, como locais de manutenção, de criar e recriar a identidade dos foliões.

2 NOS CAMINHOS DOS FOLIÕES: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA BANDEIRA NOVA FLOR DO ORIENTE

2.1 No caminho das Folias de Reis

> Aqui o elemento decisivo é a posse ou a privação de um *instrumento* capaz, ao mesmo tempo de 'reter as coisas em sua pureza' (...) Por um lado ale acumula, estoca os 'segredos' da parte de cá, não perde nada, conservando-os intactos. É arquivo. (CERTEAU, 2007, p.217).

Quem vê a realização da saída das Folias de Reis em suas *missões*[42] ao levar suas bandeiras no período dos *giros* ou *jornadas*[43], ao passar pelas ruas de um determinado bairro de São Gonçalo, ao encontrar aquelas pessoas de ambos os sexos fardadas com as cores fortes das folias e tocando os instrumentos de uma parada militar[44], sente em seu íntimo estar presenciando a realização de um festejo tradicional do município. As organizações destas manifestações culturais repletas de aparatos rígidos, pomposos e com características de conservadores, causam esta sensação, o que Hobsbawm trata de tradições inventadas: "O 'objetivo' e as características das 'tradições', inclusive as inventadas, é a invariabilidade. O

---

[42] Nas palavras do Mestre Fumaça as missões seriam a responsabilidade deixada pelos Santos Reis aos foliões e teriam sua origem mitológica:
Ai eles foram e foram acompanhando né. Ai eles começaram da praça pra lá, eles começaram a cantar e de alegria e de baterem até chegarem na casa de Baltazar. E cantando e o povo acompanhando. Quando eles chegaram na casa de Baltazar, ai levaram um tempo cantando pro povo, e o povo... Ai eles dançavam e os outros pulavam ai o nego falou assim:
-Você veja só essa visita que nós fizemos, que alegria para nós né. Veja só esse povo que folia que formou? Né? Que folia que formou? Mas formada por quem? Formada por nós três reis!
Ai batizou a missão. Então ai que tá a nossa origem e por ai vai, por ai tem muita coisa isso ai é a passagem que tem na bíblia dos magos. A passagem, na bíblia, na bíblia consta a vinda dos três magos que você vai ver a vida dos três reis magos, diz na bíblia. Então é isso ai que nós, então essa ai que é a origem da folia de reis, mas tem por ai é que vai. SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

[43] Uma definição válida para os giros ou jornadas está na dissertação de Wagner Chaves: "Ao visitar casas de *devotos*, cumprir votos e promessas de pessoas, visitar locais tidos como sagrados, a Folia está cumprindo sua *jornada*. Nos mais diferentes contextos, que vão desde uma pequena comunidade rural do norte de Minas Gerais até uma favela do Rio de Janeiro parece que a idéia de *jornada*, de imitação da viagem dos 3 Reis quando foram visitar o menino Jesus, é um elemento recorrente." (CHAVES, 2003, p.13)

[44] Mas com a presença da sanfona e em alguns casos os triângulos, pandeiros e violas.

passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas tais como a repetição" (HOBSBAWM, 1997, p.10).

Esta pequena descrição de uma saída da bandeira da Folia de Reis, mostrará um terreno fértil para a construção dos discursos dos mais variados lugares sociais[45] e suas perspectivas de abordagem. Primeiramente, podemos citar os jornalistas, pois suas descrições sobre o folguedo conseguem atingir um público vasto através de seu veículo de informação. Um exemplo seria o caso da produção da reportagem do dia 25 de setembro de 2006, no *O Globo*, de Luís Alvarenga, sobre a realização dessas festas no município de São Gonçalo. Nela o autor descreve como foi a sua experiência ao seguir estes festejos e fotografá-los e o encanto que foi descobrir este universo. Em um trecho sobre a folia do mestre Fumaça, o jornalista relata que: "além de todos os instrumentos e fardas da festa – acontece bem mais do que uma mera representação religiosa. O terreiro é palco, na verdade, de uma celebração à vida, à fé e à tradição"[46]. Com esta citação podemos ver o recurso do apelo à tradição utilizada pelo jornalista e o destaque para o forte traço no místico e no cosmológico, dentro da realização da folia.

Tais rotulações empregadas por estes veículos de informação contribuem para perpetuar e disseminar a visão destas práticas como manifestações tradicionais, mas existe uma ênfase muito forte na questão do desaparecimento dessas organizações culturais. Estas afirmações acabam sendo legitimadas e transmitidas nos mais variados meios sociais, o que nos faz compreender estes meios como: "formas [que] proporcionaram meios técnicos para 're-presentar' o tipo de comunidade imaginada" (ANDERSON, 2008, p.55). E que acaba por diminuir os estudos deste objeto no meio acadêmico, jogando as possibilidades de analisar para segundo plano, ou colocando na responsabilidade dos folcloristas.

Estes folcloristas também se embasam nestas rotulações de tradições sociais como forma de legitimar suas pesquisas, como é o caso livro lançado pelo INEPAC[47] sobre as folias na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Com definições sobre as folias e um grande acervo de fotos tiradas no dia 20 de janeiro de 2008 no Largo da Lapa, onde foi realizado o "Encontro de Folias de Reis da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro", que teve a participação de trinta folias da região. Neste encontro estavam presentes as três folias de São

---

[45] CERTEAU, 2007, p.67

[46] O Globo, 2006.

[47] COUTINHO, 2009.

Gonçalo, município entre as três[48] cidades que tem mais folias, entre os onze que estavam no evento.

A proposta apresentada neste capítulo é a de nos afastarmos destes tipos de rotulações e riscos de descrições e de tradições rurais, fadadas ao desaparecimento no meio urbano. Vamos sim, utilizá-las como fontes e analisar suas tradições orais e como são transmitidas, mas através de um estudo sobre as apropriações e representações contidas em suas práticas pelos seus praticantes.

Para que possamos dar prosseguimento a este estudo, viso apontar como estas tradições orais são transmitidas e como estas são construídas e reconstruídas, caráter forte da Cultura Popular[49], sendo um elemento importante para a criação e manutenção da identidade de grupo. Tal qual a memória, estas identidades são formuladas e reformuladas para a criação de elos de pertencimento a um determinado grupo.

2.2 A saída da Folia de Reis e o território da festa

> As Folias de Reis são organizadas em pagamento de promessas. Essas promessas quase sempre estão ligadas ao restabelecimento da saúde do próprio promesseiro ou de alguém afetivamente ligado a ele, geralmente um parente próximo. A duração da promessa é de sete anos, no mínimo, e a renovação dos votos faz-se sempre no mesmo prazo. (COUTINHO, 2009, p.10).

Entre os trabalhos sobre Folias de Reis os que mais se destacam, para as pesquisas do âmbito social e suas relações, são os mais recentes realizados no campo da antropologia. Estas dissertações e teses tem superado a questão do estudo sobre Folclore, apontado anteriormente, e focado no campo das interações sociais, e suas relações e contribuições para formação de grupo. Os mais recentes são os trabalhos realizados no Programa de Pós Graduação em

---

[48] O primeiro município seria o Rio de Janeiro com sete folias; o segundo lugar seria dividido entre Duque de Caxias e Nova Iguaçu com cinco folias; o terceiro seria dividido ente dois: Mesquita e São Gonçalo com três folias.

[49] Sobre a questão de como a Tradição Oral é um componente forte dentro da Cultura Popular Julie Cruikshank: "Se verificarmos como a tradição oral é utilizada na prática, veremos que, para a maioria das pessoas, ela não é um conjunto de textos formais: é uma parte viva, vital da vida "(CRUIKSHANK, 1998, p.159). Pois será através desta perspectiva de sistema de significados que poderemos contemplar as possibilidades de estudarmos as relações presentes na Folia de Reis.

Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. São eles Wagner Chaves [50] e Luzimar Pereira[51] e o último que esta dissertação visa se embasar e traçar um diálogo: o de Daniel Bitter[52].

A escolha pelo trabalho de Daniel Bitter será justamente pelo objeto de pesquisa dele e seu recorte. O objetivo deste autor é focar nos usos das bandeiras e das máscaras, nas festas de Folias de Reis, no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente na localidade da Candelária, uma das sub-regiões do Complexo da Mangueira. Mas, além de trabalhar com as representações destes objetos e suas mediações, Bitter nos mostra um estudo denso sobre os locais de atuação da Folia de Reis no território urbano, se distanciando das demais pesquisas citadas anteriormente.

Estes territórios são as festas, porém, o conceito de território teria que extrapolar a sua definição geográfica como a de um espaço físico. Este conceito de território é mais bem expresso por Marcel Roncayolo:

> Os limites físicos do território assumem um valor pelo fato da abrangerem espaço e sentimento de pertença, pelo que o interno e o externo se distinguem. Antes de exprimir pela ligação a um determinado lugar, a territorialidade é fundamentalmente uma relação entre homens. Deste modo, as comunidades territoriais reconhecidas como instituição, ou tão-só constituídas na prática, representam para o indivíduo um ponto de referência (RONCAYOLO, 1986, p.274).

Com esta definição de territorialidade, como um espaço de identificação, de pertencimento, pode ser aplicado nas festas de Folias de Reis, por estas gerarem um âmbito de rememoração[53]. Este conceito de como a prática pode influenciar na territorialidade é o que será trabalhado nas próximas linhas.

Partindo deste princípio podemos trazer as contribuições que Milton Santos traz ao estudo da geografia, ele começa a tratar o reconhecimento do espaço não mais como uma região e sim como uma área, interagindo com as demais ciências para: "... formular um sistema de conceitos (jamais um conceito!) que dê conta do todo e das partes em sua interação" (SANTOS,1996,p.63). A interação com as demais ciências se torna compreensível no momento em que notamos que, para Milton Santos, o homem desempenha o papel de

---

[50] 2003

[51] 2004

[52] 2010

[53] CATROGA, 2001.

agente do espaço. E são com essas ações do homem que se dão a alteração do espaço, pois: "A ação é o próprio homem. Só o homem tem a ação, porque só ele tem objetivo, finalidade" (1996,p.67).

No tocante a este capítulo, é importante focarmos em como as Folias de Reis interagem com um rigoroso calendário anual. E este calendário realiza um dos fatores importantes para gerar a identidade de grupo: a repetição. Ao retomarmos o trabalho de Daniel Bitter, vemos que no espaço de tempo de três anos, acompanhando a Folia de Reis, Sagrada Família da Mangueira, ele participou de 70 visitas da bandeira aos seus devotos. Bitter indica estes números como um aspecto importante das Folias de Reis, a repetição: "De tempos em tempos, repetem-se as visitas, os cantos, os agradecimentos, as festas, de tal modo que o fim de um ciclo de jornadas é apenas o marco inicial de um novo ciclo que se dará no ano seguinte, e assim por diante." (BITTER, 2010, p.46)

Estas saídas anuais seriam as jornadas ou os giros da Folia de Reis, que será explicado no tópico seguinte.

2.2.1 Jornadas ou Giros

Foto 7: Visitação do Mestre Fumaça à casa de seu folião sanfoneiro Jorge Máximo (Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões).

> A jornada ou giro de uma Folia de Reis é o seu ciclo de apresentação. Divide-se em duas etapas: a primeira compreende o período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, quando se canta em louvor dos três Reis Magos; a segunda, de 7 a 20 de janeiro, é dedicada a São Sebastião (padroeiro das cidades do Rio de Janeiro) a quem passa a ser dirigido os cantos. (COUTINHO, 2009, p.11)

Tal como a citação acima, as jornadas ou os giros ocorreriam dentro deste período ligado ao calendário da Folia de Reis. As saídas das bandeiras são organizadas de forma que obedeçam as datas. Estas saídas para as visitações dos devotos dos santos Reis se fazem a partir do dia 24 de dezembro, em algumas Folias de Reis estas visitações se dão até o dia 6 de janeiro sem interrupção, como é o caso estudado por Luzimar Pereira[54]. Porém, assim como no trabalho realizado por Daniel Bitter, na periferia do Rio de Janeiro, vemos que as visitações ficam restritas aos fins de semana, fazendo com que a bandeira entre em várias casas no mesmo dia.

Foto 8 e 9: Entrada da folia na casa. (Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões).

Estas visitas das bandeiras revelam a esperança e a devoção de quem abre suas portas para o recebimento da Folia de Reis. No dia oito de janeiro de 2011 no bairro do Mundel em São Gonçalo, a bandeira da Folia de Reis, Nova Flor do Oriente, foi levada à casa do folião responsável pela sanfona: Jorge Máximo. Em primeiro lugar, a folia toca pedindo entrada e a abertura das portas, após este momento a folia se posiciona e toca, reservando o intervalo dos instrumentos para o Mestre entoar suas *profecias*, logo, os instrumentos voltam a ser tocados. O mesmo procedimento se repete para a entrada da folia nos cômodos da casa, e, principalmente da bandeira. Mais uma vez podemos ver este elemento simbólico representando um objeto mediador entre homens e divindades, segundo Luzimar Pereira[55], extrapolando os domínios sociais. Podendo ser utilizada para conceder bênçãos e purificar os cômodos das casas em que entram (BITTER, 2010, p.139).

---

[54] 2009

[55] 2004

Foto 10 e 11: Mesa com o almoço preparado para receber a folia do Mestre Fumaça na casa de Jorge Máximo (Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões).

Logo assim que deixaram a casa de Jorge, os foliões se posicionam e retomaram o roteiro das visitações, se dirigindo para a casa de uma ex-integrante da folia de Mestre Lourinho. E o ritual se repete em todas as casas, o interessante é que as saídas das folias podem passar por algumas casas fora do roteiro, pois elas recebem convites nos locais de suas apresentações.

Foto 12 e 13: Visitas as demais casas. (Barracão, São Gonçalo, 08/01/2011, Debora Simões).

Estas visitações das Folias de Reis mostram que existe um complexo sistema de relações sociais que envolvem muito além dos foliões. Estas saídas das bandeiras de Reis

estão embebidas de devoção religiosa, pagamento de promessas, e busca por bênçãos e redenção, mas também envolve um conjunto de pessoas que estão nos bairros em que estão sendo organizadas, vizinhas das casas que recebem as folias, pessoas que colaboram com os mestres financeiramente para que estes continuem dando prosseguimento ao seu rito. Retomo uma citação de Daniel Bitter que vai de encontro a tal afirmação:

> Pesquisas de cunho mais analítico surgiram nas últimas décadas, a partir de uma visão sistêmica da cultura. Entre elas, vale mencionar especialmente o trabalho de Carlos Brandão (1977,1981), que contribuiu decisivamente para a percepção da folia de reis como um 'sistema de prestações totais', com base nas teorizações sobre trocas de dons desenvolvidas por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a Dádiva* (2003). Outro ponto salientado por Brandão, que considero extremamente relevante, é que a folia de reis não é apenas um grupo de cantores e instrumentistas, mas um sistema que envolve devotos, moradores das casas, vizinhos, enfim, pessoas com quem se estabelece algum tipo de relação fundamental. Essa abordagem permite deslocar o olhar objetificado sobre uma determinada manifestação cultural para as relações sociais, interações e alianças concretas que, por meio dela, se constroem. (BITTER, 2009, p.11)

Voltando à questão de analisar estas festas como um elemento modificador de território, vemos que a realização destes festejos, comumente rurais, foi capaz de refazer os movimentos da sociedade urbana, remodelando o espaço geográfico e suas organizações através de um movimento cultural. Este foi sendo reconhecido pela cidade e atribuindo uma nova identidade ao município, e dando um novo conteúdo para a sociedade, Milton Santos relata:

> Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organizações do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento social, as formas – tornadas assim forma-conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço (SANTOS, 1996, p.86).

Se focarmos no espaço geográfico como resultado de uma conjugação de sistemas de objetos, nesse caso, sistemas de ações, podemos nos permitir transitar do "passado ao futuro, mediante a consideração do presente" (SANTOS, 1996, p.81). As ações que causam as modificações teriam seus reflexos nas datas específicas das realizações da Folia de Reis. O período de jornada ou "giro" seria o ciclo de apresentação das folias que se estende da meia noite do dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro, dia dos Reis Magos. Mas no estado do Rio de Janeiro, os integrantes das folias de Reis, assim como os integrantes da bandeira Nova Flor do Oriente, são devotos de São Sebastião, santo padroeiro do estado, e como o dia do santo seria vinte de janeiro, as jornadas se estendem até esta data. Nesse período os foliões percorrem bairros do município para visitar a casa de devotos, e no caso do Mestre Fumaça, a

casa de ex-integrantes de folias, pertencentes à bandeiras paradas ou que não existem mais. Nessas visitas os mestres entoam cantos ao som dos instrumentos, tocados pelos participantes do folguedo.

Em contra partida, a realidade urbana vai modificando e remodelando as saídas das bandeiras de Reis, mas isso não significa que prejudiquem os devotos. Pois, os mestres se responsabilizam em organizar um roteiro que permita conciliar as visitações de maneira que atendam a todos.

Tal ambiente urbano permite a realização de outra festa da Folia de Reis, a festa do Arremate.

2.2.2 Festas do Arremate

> Conceitua-se 'Remate' ou 'Arremate' o encerramento solene feito pelos grupos de Folias de Reis, após o ciclo anual de apresentações. Caracteriza-se como uma festa de fartura em comida e bebida. Realizada geralmente na casa do mestre em data previamente marcada. Excluindo-se o período a semana santa, cada grupo escolhe uma data que mais lhe convier. Convida pessoas amigas, parentes e principalmente outras Folias de Reis que comparecem uniformizadas. (COUTINHO, 2009, p.21)

Toda a realização da festa é permeada por ritos muito bem estruturados, seguindo rigidamente um roteiro de preparação dos foliões para o recebimento das demais folias convidadas. É seguindo este roteiro que se dá a divisão do trabalho dos foliões e nós percebemos uma importante característica da Folia de Reis, primeiramente a importância da comida e do compartilhamento desta entre os foliões visitantes e a divisão social do trabalho (BITTER, 2010, p.68).

Todos os foliões contribuem na estruturação do local da festa, aprontando o terreiro, limpando e preparando as cadeiras e ornamentando o local, além de montar o altar, local próximo ao presépio, onde serão depositadas as bandeiras das demais Folias de Reis. As mulheres são responsáveis pela organização da festa e da preparação da comida (FRADE, 1979, p.40).

Foto 14 e 15: Mazinha na cozinha do Mestre Fumaça preparando macarrão para a festa do Arremate e a dispensa do Mestre Fumaça com o material a ser servido na festa. (Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões).

Foto 16 e 17: Terreiro da casa do Mestre Fumaça sendo preparado.Altar preparado esperando para o recebimento das demais bandeiras. (Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões).

Ao focarmos a presença da comida, tanto na festa do Arremate, quanto nas visitas dos giros das Folias de Reis, podemos correlacioná-las em sua importância às festas de matrizes africanas. No *Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo,* vemos a importância dada a fartura de comida nas agremiações do samba, que também se aplica aos demais festejos de matrizes africanas.

> A comida nas festas de samba do Rio de Janeiro reproduz – e atualiza – a dinâmica do comer/beber da tradição africana. Transcendendo a simples ação biológica de nutrir o corpo, constitui-se numa maneira de renovar a energia de toda a comunidade. Comer no samba equivale a viver, preservar, comunicar e reforçar memórias individuais e coletivas. (IPHAN, 2008, p.69).

Este dossiê também menciona o trabalho da professora Martha Abreu sobre a festa do Divino Espírito Santo, no século XIX, que revelaria como a fartura de comida pode representar "possibilidade de renovação, fim das enfermidades e distribuição de dons e graças a todos" (IPHAN, 2008, p.69). Um simbolismo que estaria presente nas matrizes africanas dentro dos festejos populares religiosos, que também poderiam ser aplicadas nas visitações das Folias de Reis.

Sobre as influências de matrizes africanas nas festas populares, podemos citar o trabalho de Martha Abreu e Hebe de Mattos, um documentário que trata a importância de se trabalhar com a memória de grupos descendentes da última geração de escravos africanos no Estado do Rio de Janeiro, através de suas manifestações culturais que são um verdadeiro patrimônio cultural imaterial, porém, pouco conhecido e estudado: *Jongos, Calangos e Folias*[56]. Esta pesquisa viabiliza a possibilidade de comparação destes festejos populares e seus elementos, no caso da festa do arremate, a comida.

A presença da comida extrapola as necessidades físicas, acaba por se tornar um elemento crucial da comunidade festeira. A importância da comida nas Folias de Reis é analisada como representações de farturas em vários planos, a abundância de alimentos estaria ligada à saúde, prosperidade e de outros domínios da vida social (BITTER, 2010, p.73). A necessidade de atender os demais foliões, devotos, visitantes, estaria intimamente com o papel mediador da comida.

O recebimento das demais Folias de Reis também seguem um roteiro religioso bastante rigoroso. Primeiramente, é rezada a ladainha com os foliões da bandeira organizadora da festa junto às pessoas convidadas, vizinhos, amigos, todos que estiverem no local, eles se organizam frente ao altar que já se encontra a bandeira do mestre anfitrião. Este rito é realizado pelo Mestre, ou contramestre, ou algum convidado especial. A reza da ladainha do Mestre Fumaça começou as dezenove e meia, e foi rezada pelo contramestre da bandeira, do finado Mestre Lourinho, José Soares. Este ato de rezar a ladainha se aproxima dos cantos dos foliões, não há instrumento, apenas canto à capela dos presentes regido pelo contramestre, a duração pode variar, mas o período reservado nesta festa foi meia hora, os santos envolvidos pelo canto foram os três Reis Magos, são Sebastião e a Virgem Maria.

---

[56] A proposta do DVD e o Acervo UFF/Petrobrás Cultural da Música Negra é expor a poesia oral e proporcionar o canal de discussão comunitária e política das diversas dimensões da vida social destes grupos. Servindo de instrumento para viabilizar mais estudos sobre o tema.

Foto 18 e 19: Altar preparado com o presépio, três velas, água. Pessoas juntos ao altar participando da ladainha ministrada pelo mestre José Soares. (Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões).

Foto 20 e 21: José Soares (Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões).

Após a realização da reza da ladainha, o altar fica à disposição do recebimento das bandeiras dos foliões visitantes. A Folia de Reis, Nova Flor do Oriente, se organiza ao ouvir o apito do Mestre Fumaça e se posiciona frente ao altar, a bandeireira Maria da Penha de Souza, leva a bandeira a cada um dos foliões, concedendo as bênçãos e o perdão[57]. Os palhaços da Folia de Reis também são incluídos neste rito, porém de maneira mais rígida, eles ficam

[57] BITTER, 2010.

ajoelhados com o rosto descoberto e a bandeira é passada por todo o seu corpo, em alguns casos os palhaços ficam deitados, não foi o caso que presenciei na festa de arremate do mestre. Retomando o trabalho de Daniel Bitter:

> O palhaço, a princípio associado ao Mal, representando os soldados de Herodes, está sujeito a uma transformação, tornando-se piedoso e passando a adorar também o menino Jesus. Como notei anteriormente, o ritual de entrega da bandeira é também o momento em que os palhaços pedem perdão, ajoelhando-se sem as máscaras diante da bandeira. Trata-se, afinal, de um ritual de conversão religiosa, um batismo simbólico, com efeitos morais. Ai reside precisamente sua ambivalência simbólica. Nota-se que o comportamento do palhaço pode apresentar-se de forma acentuadamente contrastada, sendo que a presença ou a ausência da máscara determina, em grande medida, seu caráter, seu simbolismo, bem como seu status. (BITTER, 2010, p.178).

Após a realização deste rito de distribuição das bênçãos da bandeira, os foliões se posicionam mais uma vez para saírem do terreiro e se direcionarem ao encontro das folias visitantes.

Com a folia na rua, mais uma vez presenciamos a realização de um rito importante, a folia anfitriã se coloca posicionada à frente da folia visitante para a topagem das bandeiras[58], que seria o cruzamento destas, a troca das bandeiras entre as folias e a concessão das bênçãos entre os foliões. Todas estas ações são realizadas pelos bandeireiros (as) que cruzam estes elementos, trocam as bandeiras e passam-nas em cada um dos seus foliões. Após a realização deste, as bandeiras são devolvidas aos seus respectivos grupos de origem e são levadas em direção ao altar anfitrião. Ao colocarem as bandeiras no altar o grupo visitante se posiciona para cantar suas profecias, regidas pelo mestre ou contramestre de sua folia, estas práticas duram um período de quarenta minutos ou uma hora. Após a realização da entrega da bandeira ao altar, a folia anfitriã ou visitante se posiciona para receber as demais folias, que se posicionam por ordem de chegada. Em seguida, os visitantes são recebidos por uma mesa extensa e são alimentados pela Folia de Reis, anfitriã. Na festa do arremate do Mestre Fumaça chegou a receber doze folias, com uma festa que durou a noite toda.

---

[58] BITTER, 2010.

Foto 22 e 23: Folia de Reis Nova Flor do Oriente se posicionando para começar a receber as demais folias.

Foto 24: Distribuição das bênçãos e o perdão da bandeira.
Foto 25: Folia de Reis os Três Reis Guiados por São Jorge de Itaboraí.
(Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões).

Foto 26: Cruzamento das Bandeiras.
Foto 27: Distribuição das bênçãos da bandeira visitante.(Mutuá, São Gonçalo, 04/12/2010, Debora Simões).

2.2.3 Folias e suas Hibridizações

O realizar das folias, seja no período de jornada ou no período de festas de arremates, seriam então esse exercício da memória. Exercício este feito pelos mestres ao entoar as profecias em forma de um canto triste, que traz à tona toda essa narrativa histórica que estaria ligada não só aos praticantes, mas também às pessoas que os recebem em suas casas, ou aos foliões que os recebem em seus terreiros, nas festas do arremate, nos mostrando que esse exercício da memória é um ato de alteridade[59]. Esse exercício teria todo um teor narrativo que gera não apenas a formulação, mas também a reformulação da identidade desse grupo de devoto dos santos reis.

Estas são as características da formação de uma comunidade, com suas identidades e ritos de memória, e, ao rememorar, referir-se ao passado, geram a imposição da repetição, caracterizando a invenção das tradições [60]. Mas o interessante em ressaltar tal formação comunitária, é, que, mesmo em meio a um mundo globalizado, focado no investimento de novas indústrias culturais, impulsionados pelas tecnologias de informação, uma característica dessa pós-modernidade, como a compressão do tempo-espaço[61], temos a organização de um grupo que não se prepara focando a geração de renda, mas sim pelo simples fato de atuar na sua prática de devoção. Segundo Leobardino Vianna, existe uma grande diferença entre as saídas das Folias de Reis ,do campo, para as cidades, em suas palavras:

> *A folia de Reis lá na roça é uma devoção e aqui é uma diversão, aqui pros camaradas é uma diversão, eles não leva a sério. Mas lá na roça agente fazia uma promessa pros santos reis de fazer uma novena, pra chover pra plantar na roça. Fazia aquele andorzinho e botava o santo ali e se aia rezando em nove casas, eu ia na casa do senhor hoje e rezava lá, e deixava aquele andor lá , santo lá e ia juntar o pessoal naquela casa, depois no outro sábado, ia sair daquela casa e ia na outra casa e deixava na outra casa, ai saia dali e rezava em outra casa, deixava na outra casa, até chegar nas nove casas, mas antes chegar nas nove casas chovia ai agente ia plantar roça, fazer tudo, acabava de fazer novena, mas já não era preciso mais, compreendeu? Que já tinha chovido, quer dizer que isso se trata promessa.* [62]

---

[59] CATROGA, 2001, p.17.

[60] HOBSBAWN, 1997.

[61] HARVEY, 2004

[62] VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 10 de mar. 2012.

A diferença campo/cidade está presente nos discursos, tanto do contramestre Leobardino Vianna, quanto no do Mestre Fumaça. A dinâmica da vida na cidade faz com que estes festejos tenham que se readaptar e se reorganizar com a realidade de seus integrantes, mas sempre permitindo ser uma prática festiva que está alicerçada em apropriações e representações de seus mestres e foliões.

Segundo esta lógica, muitas vezes as saídas das bandeiras enfrentam a dura realidade de muitos foliões que acabam por estar à mercê de suas profissões, mas, mesmo assim, os participantes adéquam suas práticas religiosas com suas possibilidades. Muita das vezes a saída para as jornadas se limitam apenas em um dia na semana, geralmente no domingo, pois muitos dos participantes trabalham até no sábado:

> *Só que o pessoal do interior, eles cantam reis, tipo assim, lá em minas tem pouco tempo eles saiam assim dia 24 de dezembro ai sai e vai embora, aonde eles param aqui, quem dá comida para, para os outros comerem, interior né. Mas nas cidades, por exemplo, o povo não pode fazer isso porque eles tem o compromisso de trabalhar, pois na cidade é... de segunda até sábado, até sexta a maioria tudo tem compromisso então as pessoas que gostam coitadas, e uma vez muitos né, não podem, um é motorista de ônibus, outro é vigia, outro trabalha de porteiro, como que eles podem cantar reis. Então, o nosso reis aqui é aproveitado por pessoas assim, aposentadas, pelas pessoas assim de menor e agente vai catando assim, aquelas pessoas que gostam que tenham condições de acompanhar, né. Então aonde que as pessoas vai, gosta e quer manter aquela responsabilidade, forma aquele grupo só que tem lugar as vezes que tem pessoas as vezes, vamos supor assim aqui em São Gonçalo por exemplo, nós tínhamos doze folias de reis, vindo de anos atrás, doze folias de reis.*[63]

O que nos mostra que não existe uma essência imutável nesta tradição, na realização do giro ou jornada dos foliões. Podemos ver que estas tradições vão se desenvolvendo de acordo com o meio social. Seriam fatores como estes que possibilitariam os "hibridismos", mas Stuart Hall nos alerta que este fenômeno não se referiria a indivíduos híbridos, mas: "Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade" (HALL, 2003, p.71).

Isso sem mencionar as dificuldades que estes grupos passam mediante as suas realidades. Em muitos dos casos o grupo de foliões está intimamente ligado à figura do mestre, se este não se mobiliza para a organização de sua folia, os demais do grupo, perdem a sua motivação e o grupo se desfaz. Em mais um relato do Mestre Fumaça podemos perceber isso:

> *Aquele dono morreu, mas tadinho u... filho que morreu.... que ficou como mestre, já está com oitenta e tantos anos, tadinho já não tem mais condições de ta ai assim de fazer aquele*

---

[63] SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

> *trabalho de ajeitar as coisas, de procurar... em dia de festa procurar... as pessoas que ajudam época de giro você tem que ira na casa de fulano de Bertrano, para arrumar um giro, para se arrumar do jeito que agente pode, mas você sabe né, chega um tempo né, que se acaba... e disse Jesus: tudo tem o seu tempo né, quer dizer o tempo de cada um vai se acabando. Eu por exemplo tô ai ainda, tô levando, mas um dia também vai acabar né. Os anos vaio passando, eu vou esgotando, vou acabando...*[64]

Pois, além das dificuldades de acesso entre as moradias dos foliões – no caso do mestre Fumaça que é morador do bairro Mutuá; o senhor Leobardino Vianna, morador do bairro da Engenhoca; o senhor Nélio dos Santos, morador do bairro do Rio do Ouro; Geraldo Martins, morador do bairro do Méier; Jorge Soares, morador do bairro do Mundel – que mesmo sendo moradores do mesmo município, que é o caso da maioria, teriam que pegar mais de uma condução, pelo fato dos bairros serem distantes do centro de São Gonçalo. Muitos dos foliões são de baixa renda, assim como o Mestre Fumaça que é aposentado, mas que ainda trabalha para complementar a sua renda mensal, alguns dos outros integrantes trabalham como trocadores de ônibus, diaristas, segurança, ou no comércio. Todo este âmbito enquadra-se na dificuldade de manter uma Folia de Reis, pois além do período das jornadas, que exige muito dos foliões. Isto seria esperar a chegada de cada folião, organizar a bateria, ajudar na passagem, oferecer algum alimento, muitos destes gastos recaem para o próprio dono da folia, que é muita das vezes o próprio mestre:

> *Ah muito difícil, isso é uma coisa muito difícil, muito suada, muito sacrificada, você vai em uma festa de reis que você vai saber do que se trata, vê o que as pessoas passam, ajudar um e outro e para você se movimentar ai par sair você tem que estar se movimentando e tem que contar com as pessoas que gostam e as vezes você marca dom dez, vem cinco. Você tem que estar preparado com o dinheirinho para pagar aquela condução. É uma coisa muito sacrificada, meu filho. Muito sacrificada, e hoje nesse tempo que nós estamos passando nesse povo de hoje, tá ficando cada vez mais sacrificado o centro espírita reclama, tem suas contas para pagar...* [65]

---

[64] SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

[65] SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

2.3 No caminho da memória e identidade

2.3.1 A importância dos símbolos

Para a compreensão da formação dos protagonistas das Folias de Reis, trajetória de vida, é necessário a análise de como este se relaciona com os valores da sociedade e grupo. Além de apontar como este se situa e o modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como projeto[66]. Como Catroga mostra em seu trabalho sobre *Memória, História e Historiografia*: a vivência temporal é um ato de alteridade, mesmo que a recordação seja um exercício individual, é necessário que haja uma interação entre os sujeitos para que ocorra o desenvolvimento da identidade, e que esta se estabeleça como memória de grupo, pois seria um produto social.

> Na modernidade, o núcleo social em que paradigmaticamente, se concretizou a assunção da herança como norma, ou melhor, como dívida, foi a família. (A memória do eu é sempre, em primeira instância, uma memória de família). E é a este nível que melhor se poderá surpreender os laços que existem entre *identificação, distinção, transmissão* e a sua interiorização como *norma*: recordar o espírito de família porque é necessário preiteá-lo, retransmiti-lo e reproduzi-lo. (CATROGA, 2001, p.27)

Para a construção de uma identidade de grupo são necessários os ritos de interiorização das normas, e para que isto aconteça é imperativo que estes atuem como ritos de recordação, capazes de re-presentificar o ausente, de trazer à tona os sentimentos de pertencimento ao grupo. Porém, ao retomarmos Fernando Catroga, vemos que este aponta para a necessidade de nos atermos nas minúcias contidas nos ritos de recordação e esquecimento, pois:

> É indiscutível que a recordação alimente a epistemologia ingênua, em que se confunde a *representação* com o real-passado, isto é, com a *passeidade*, espécie de efeito mágico em que a palavra dá ser ao que já não é. E se esta característica a distingue da imaginação, convém lembrar, porém, que ambas remetem para um 'objeto ausente'. Mas, enquanto que a representação estética pode ter, ou não, referencialidade, o ato de recordar pretende subordinar-se ao princípio de realidade, que exige que as evocações, apesar de conjugarem no

---

[66] CATROGA, 2001, p.20.

> tempo passado (anterioridade), mobilizem argumentos de veridição, tendo em vista garantir fidelidade do narrado, mesmo que a sua fiança seja o juramento do próprio evocador. (CATROGA, 2001, p.22).

Estas são características presentes nas Folias de Reis em termos de interiorização de narrativas que remetem à ancestralidade através da oralidade e dos símbolos presentes no rito. As tradições orais serão transmitidas com este intuito de verossimilhança que se restringe à questão da devoção dos foliões e de seus mestres.

Ainda segundo este mesmo autor, a memória só pode desempenhar sua função social através de ritos, liturgias centradas nos reavivamentos , que os traços-vestígios do que não existe, pode causar. Estes ritos estão intimamente ligados às expectativas de futuro, que estão alicerçados em suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias.

Desta forma, este será o nosso posicionamento: entender a memória como instância construtora e significadora de identidades, certo é, que a construção dessa memória é envolvida em um diálogo entre o que será esquecido e o que será lembrado, não isentando esta de relações de poder. Pois, é relevante lembrarmos que: "O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo" (POLLAK, 1989, p.10).

Os lugares de realizações destes ritos se tornam espaços para re-memorações, re-presentificações, comemorações. Nestes espaços das Folias de Reis se encontram a essência para a criação de unidade do grupo que a realiza.

Longe de representar a história e as suas problemáticas de reconstrução de um passado que não existe mais, a memória se difere em muito desta ciência. Pois a memória é a "vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações" (NORA, 1993, p.9).

Dado o exposto, a vulnerabilidade da memória faz com que esta seja moldada pelos grupos que vão encontrar nas liturgias a capacidade de criar coerência e perpetuar o sentimento de presença e de continuidade, em uma espécie de protesto, de fundo metafísico, contra a finitude da existência (CATROGA, 2001, p.28). Neste ponto, o estudo das práticas rituais se faz necessário para a compreensão de como estes elementos são cruciais na construção da memória.

As práticas rituais estabelecem narrativas sobre heróis ou eventos que são transmitidos através de gestos, posições dos corpos, sentimentos compartilhados, além da oralidade. Em seu período de realização são vistos como distintos dos eventos cotidianos, pois seriam mais formais, menos variáveis, mais solenes. Neste ponto vemos que existe uma distinção entre o

cotidiano e o período da realização do rito. Nas palavras de Roberto Da Matta esta separação é: "nítida entre um domínio no mundo quotidiano e outro: o universo dos acontecimentos *extra-ordinários*. A passagem de um domínio a outro é marcada por modificações no comportamento, e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais" (DA MATTA, 1979, p.38). Esta seria a distinção do formal e informal, da solenidade e festa.

A realização do rito como festa religiosa é, antes de qualquer classificação, feita por membros da camada popular. Podemos ter complicações ao nos limitarmos a essas dicotomias. Primeiramente, sabemos da existência destas definições e que em determinados momentos das folias elas operam, mas isso não significa que se estabeleçam a todo o momento. Pois dentro deste folguedo católico existe o período de informalidades dos foliões, caráter que pode se aproximar do *tempo alegre* de Bakhtin.

Desta forma, viso trabalhar a analise destes rituais festivos com a definição de festa por Norberto Luiz Guarinello:

> Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na festa de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (GUARINELLO, 2001, p.972).

E será através desta definição do lugar da realização do rito que exploraremos os elementos que geram a unidade deste grupo, pois os ritos de recordação, particularmente os comemorativos, tem efeitos holísticos e desempenham funções de sociabilidade que ultrapassam o problema da fidelidade (CATROGA, 2001, p.25.).

Dentro dessa mesma perspectiva podemos analisar o valor simbólico dos elementos presentes nos rituais, que extravasa as qualificações que limitavam estes símbolos em apenas acessórios e superficiais, tal qual Durkheim define em seu estudo clássico: *As formas elementares da vida religiosa*[67]. Não estamos desqualificando este estudo, de forma alguma, pois este clássico é importante para podermos entender a capacidade de produção de sentimentos dentro do rito. Este poder de fazer aflorar sentimentos dentro do indivíduo e fazê-lo pertencente à sociedade vai ser analisado de outra maneira pelos estudiosos da atualidade, mas é importante ressaltar ainda neste estudo de Durkheim, a ênfase dada à criação da

---

[67] 2003.

periodicidade destes ritos, que refletiriam o caráter social e a renovação e recriação da própria crença.

Voltando para a análise dos símbolos, vemos que estes elementos se tornam um fator determinante para coletividade, essencial para o desenvolvimento de identidade e unidade do grupo. Mas, para que isto ocorra, são necessárias atuações diretas dos sujeitos dentro desse ritual, para que estes possam agir em comum, pertencer ao grupo através das divisões das responsabilidades presentes nos grupos. Tais processos são elementos transformadores destas atuações em formalização e ritualização através desta repetição, dando um caráter cíclico ao ritual.

São estes fatores que contribuíram para o estudo de Eric Hobsbawn e Terence Ranger: *A Invenção das Tradições*. Nesta obra encontramos a definição destes elementos rituais como portadores de valor prático para a formação de unidade de identidade, para as comunidades analisadas, projetando também para a formação dos rituais nacionalistas. Tais valores práticos integrariam o simbólico a uma linguagem séria, gerando um valor para a sociedade, um valor histórico. Da mesma forma que em Durkheim, é necessário a periodização do ritual, mas para Hobsbawn o caráter prático destes símbolos se aproximaria do cotidiano, dando a ideia de sempre ter existido, através da imposição pela repetição.

São estas características que possibilitam a criação da identidade, será através da repetição regular e coletiva dos rituais que criará e recriará a unidade do grupo, gerando nos participantes o sentimento, neste caso o mais importante, a *vivência*. Será essa sensação de pertencimento que proporcionara a identidade dos sujeitos, a unidade dentro desta coletividade, no caso a ser estudado: a Folia de Reis e seus foliões.

Os rituais e símbolos a serem estudados estão contidos nas narrativas que são proferidas pelo mestre da folia e que repercutem nas entrevistas dos demais integrantes do grupo, estes se referem às realizações de seus rituais – tanto as jornadas, quanto as festas do arremate – como *as missões deixadas pelos Três Reis Magos*[68]. A realização destas festas é apropriada pelos foliões como um ato de devoção, mas que também representaria um ato de unidade, de manutenção do grupo.

Estes estudos sobre as *apropriações, representações* e *práticas* dos foliões serão desenvolvidos ao longo deste capítulo, a nossa principal preocupação é analisar as entrevistas

---

[68] VIANNA, Leombardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

através de uma perspectiva histórica, com as chaves de leitura da Cultura Popular[69], que Roger Chartier nos proporciona. A nossa base para a metodologia no trabalho com as fontes, será a de História Oral[70], tendo como base para as entrevistas a história oral temática, pois esta vertente possibilita caminharmos entre a história oral de vida e a tradição oral, que permeia todos os praticantes deste folguedo.

2.3.2 Os integrantes e seu território

> As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto da história cultural levada a pensar completamente a relação tradicionalmente postuladas entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou se desviando. (CHARTIER, 1990, p.27-28).

Para que possamos compreender as categorias de entendimento presentes nos discursos dos foliões precisamos estabelecer algumas aproximações das realidades destes. Pois, como todas as categorias intelectuais ou psicológicas são figuras historicamente produzidas, se torna necessário relacionarmos estes discursos com os quadros sociais em que os reiseros estão envolvidos. Estes quadros estão intimamente ligados às suas representações que se refletem ou, em determinados momentos, desviam em suas práticas.

Desta forma, os próximos tópicos abordarão o contexto, que São Gonçalo estava inserido na segunda metade do século XX, recebendo um intenso fluxo de migrantes. Além de apontar como esse movimento migratório estabelece um diálogo direto com o número

---

[69] Que analisa a Cultura Popular através dos códigos de expressão, sistemas de representação que se estabelecem como "ligas" culturais que não demarcam solidamente a cultura popular da cultura erudita, mas sim a relação entre elas. (CHARTIER, 1991, p.56).

[70] Na realidade a escolha da História Oral Temática se dá pela própria idéia do projeto (trabalhar a folia de Reis em São Gonçalo), e por poder oscilar entre as outras modalidades, pois ao entrevistarmos os mestres das folias precisaremos compreender que, em muitos momentos, os relatos destes nos trazem a luz a sua própria História Oral de Vida, que seria a narrativa do conjunto de experiências destes mestres, e muito da Tradição Oral, que trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo das comunidades presentes nos participantes e nos mais antigos organizadores de folias.

expressivo de Folias de Reis nos centros urbanos, mostrando as potencialidades destas festas como um lugar de identidade e de enraizamento, em um novo território.

2.3.3 Contextualização das Folias de Reis em São Gonçalo e no Rio de Janeiro

> Apostando que ainda há espaço para mais uma incursão teórica, pretendo discutir aqui para que serve a história oral, partindo do pressuposto de que ela não é a solução para tudo. Tenho uma forte convicção de que, na história oral como qualquer outra prática científica, devemos, digamos assim, evitar o desperdício. O que quero dizer com isto? Que só se deve recorrer à metodologia da história oral quando os resultados puderem efetivamente responder às nossas perguntas e quando não houver outro tipo de fonte disponível – mesmo entrevistas já realizadas – capaz de resolver as perguntas. Só assim creio que o investimento de tempo e de recursos pode vir a ser compensado. (ALBERTI, 1996, p.1)

Começo este tópico com a citação acima para mostrar a importância da abordagem das demais fontes que dispomos sobre Folias de Reis, em São Gonçalo. Para evitar que esgotemos as possibilidades da metodologia da história oral como a de qualquer ciência, temos aqui um levantamento de informações, que as fontes do INEPAC e de algumas pesquisas nos proporcionam, tanto sobre as folias, quanto o município abordado e sua relação com a Região Metropolitana e o Rio de Janeiro.

Um trabalho de suma importância para o nosso aprofundamento neste assunto é a dissertação de mestrado, de ciência das artes, de Cristiane Guimarães de Araujo: *CELEBRAÇÕES POPULARES EM SÃO GONÇALO* – RJ: FOLIA DE REIS, uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação, em Ciência da Arte, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Arte, que estabeleceremos um diálogo.

Segundo o levantamento feito por esta pesquisadora no ano de 2008 no INEPAC, mostra que "mesmo sem a exatidão dos números das folias em todo o estado, nota-se o registro de mais de 400 grupos (entre ativas e inativas)." [71] Os quadros1 e 2 que serão mostrados abaixo é resultado desta catalogação que reforça o argumento da professora Cássia Frade sobre Folia de Reis: "Acreditamos ser o Estado do Rio de Janeiro a região mais rica em grupos de Folia de Reis, pelo menos em número e variantes desses bandos religiosos." [72]

---

[71] ARAUJO, 2009, p.42
[72] FRADE, 1979, p.41

Quadro 1: Folias de Reis por região

Região Metropolitana	Região Serrana	Região Noroeste
Belford Roxo – 8 Caxias – 31 Guapimirim – 1 Itaboraí – 6 Magé – 8 Mesquita – 3 Nilópolis – 1 Niterói – 1 Nova Iguaçu – 32 Paracambi – 3 Queimados – 6 Rio de Janeiro – 46 São Gonçalo – 9 São João de Meriti – 6 Tanguá – 2 Total: 163	Bom Jardim – 12 Cantagalo – 6 Carmo – 4 Cordeiro – 8 Duas Barras – 17 Macuco – 3 Nova Friburgo – 22 Petrópolis – 6 Santa Maria Madalena-6 S. Sebastião do Alto – 7 Sumidouro – 6 Teresópolis – 6 Total: 103	Cambuci – 1 Itaocara – 15 Itaperuna – 12 Laje de Muriaé – 9 Miracema – 13 S. Antônio de Pádua – 8 São José de Ubá – 1 Total: 59
Região Centro Sul	**Região Norte**	**Região Médio-Paraíba**
Paraíba do Sul – 5 Três Rios - 4 Vassouras – 14 Total: 23	Campos – 1 Macaé – 1 São Fidélis – 2 Total: 4	Barra Mansa – 4 Miguel Pereira – 1 Rio Claro – 1 Rio das Flores – 8 Resende – 1 Valença – 27 Volta Redonda - 6 Total: 48

Região Baixada Litorânea	Região Litoral Sul-fluminense
Cabo Frio – 2 Casemiro de Abreu – 2 Rio Bonito – 1 Silva Jardim – 1 Saquarema – 1 Total: 7	Mangaratiba – 2 Total: 2

Fonte: INEPAC

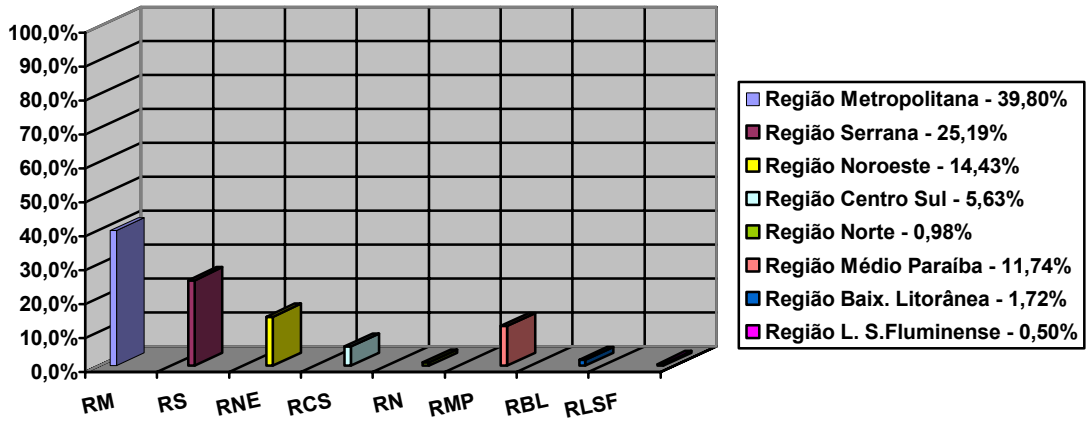
De acordo com os dados que registrei ao ter contado com tais fontes no INEPAC, as catalogações das Folias de Reis oscilam entre os anos de 1978, 1993, 2003 e 2008. Estas são registradas tanto por parte da Divisão de Folclore, quanto por pesquisadores que disponibilizam o resultado de suas pesquisas para este órgão estadual. Porém, não existe, pelo menos no caso do município de São Gonçalo, um número exato de folias, se elas estão ativas ou inativas, qual o período em que houve maior ocorrência destes festejos na cidade, e o que nos faz acreditar que esta realidade se estenda para os demais municípios.

Por isso a necessidade de criarmos um paralelo com a pesquisa de Cristiane Araujo, pois além desta pesquisa ter contemplado o município de São Gonçalo, ela tem seus dados atualizados pautando no levantamento das informações dos foliões das quatro folias ainda ativas[73], o número de migrantes, questão de gênero e parentesco.

Se analisarmos a tabela abaixo feita com os dados do INEPAC pela Cristiane Araujo vemos esta concentração de grupos de foliões na região metropolitana e como ela pode dialogar com a história da região e sua concentração de empresas, de serviços especializados e mão-de-obra.

[73] No ano de 2010 morreu o mestre Lourival do bairro Mutuapira deixando apenas 3 folias ainda ativas. Informação concedida pelo mestre Antônio José da Silva, Mestre Fumaça.

Quadro 2: Porcentagem de Folias de Reis por Região no Rio de Janeiro



Fonte: ARAUJO, 2009

Como podemos perceber, o grande número de concentração de grupos de Folias de Reis, na Região Metropolitana (cerca de 39,80%: 163 folias) mostra que estas manifestações religiosas ditas como rurais, estariam se tornando um fenômeno urbano. Certamente estes números dialogam diretamente com o crescimento populacional que estaria acontecendo nesta região, e como estudaremos mais a fundo, em São Gonçalo, a partir de 1950.

2.3.4 A experiência migratória e a identidade cultural

> Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja identificada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão 'mundano', secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa de retorno redentor (HALL, 2003, p.28).

A realização de *práticas* como as saídas das Folias de Reis carregam uma identidade cultural. *Representam* para este grupo uma oportunidade de criar e recriar, em um novo local, em um novo território, experiências que retomam suas vidas. Tais como a experiência da pobreza e o subdesenvolvimento que obrigam as pessoas a migrar para áreas urbanas causando o espalhamento, citadas por Stuart Hall, também traz as oportunidades de uma promessa de retorno redentor. Estas são compartilhadas nas práticas culturais, que representam e se apropriam de todos os recursos presentes neste novo território.

Sendo assim, estas agremiações de festejos religiosos remontam experiências que foram vivenciadas nos locais de origem de cada folião. A realização das saídas das bandeiras, sejam nas visitações às casas dos devotos, sejam nas festas do arremate dos mestres, enfim, estes são locais que expressam a religiosidade, mas também a manutenção da identidade deste grupo. É o território em que as vivências são experienciadas pelos integrantes das Folias de Reis.

Os números que serão apresentados nas próximas páginas diagnosticam a realidade do município de São Gonçalo, e para que possamos estabelecer uma relação entre este recorte local para com o restante dos municípios do estado do Rio de Janeiro, vamos nos pautar em alguns estudos que trabalham a conjuntura histórica desta cidade.

Um trabalho que exibe um panorama de São Gonçalo é a dissertação de Renato Freire. Este pesquisador busca refletir as representações e os planejamentos de âmbito político sobre esta cidade no período de 1950 a 1954. Freire mostra que com o crescimento econômico acompanhado da explosão demográfica, começou a redefinir dentro deste território, no período abordado. Ao abordar as características deste município nas primeiras décadas do século XX, vemos a passagem de uma cidade abastecedora do município do Rio de Janeiro e de Niterói, com produtos agrícolas, mas que no final da década de 1910, começou a receber indústrias. O vertiginoso crescimento populacional se torna notório quando vemos em números contabilizados pelo IBGE:

Quadro 3: População Recenseada e Estimada de 1900 a 1950 com a correspondente Densidade Demográfica

ANOS	HABITANTES	DENSIDADE DEMOGRÁFICA
1900	19 298	84,64
1920	47 019	206,22
1940	89 528	392,66
1950	127 276	558,22

Fonte: IBGE

Ao continuarmos utilizando a dissertação de Renato Freire, vemos a importância de relacionarmos estes fenômenos urbanos à conjuntura histórica sobre a questão do crescimento populacional em São Gonçalo:

> Não se pode perder de vista as mudanças de ordem internacional ocasionadas pela crise capitalista de 1929 e a II ª Grande Guerra que, dentre outras repercussões na localidade, acelerou o processo de expansão da área urbana de São Gonçalo, já que a exportação de laranja foi afetada contundentemente. As indústrias que viam se instalando foram alvos de transferências de capitais vindos da agricultura que, fazendo baixar o preço da terra, favoreceu a inversão imobiliária. Paralelamente, a crise agrícola liberou a quantidade de mão-de-obra em outras regiões do país, além das imigrações européias e asiáticas que se deslocaram para a Capital Federal em busca de uma nova vida. Essas migrações e imigrações resultaram na procura de moradias no Rio de Janeiro, causando uma "crise da habitação" na cidade. Estes migrantes e imigrantes caracterizam–se por possuírem poucos recursos, não se instalando na área central da Capital Federal [...] década de 1950, a cidade de São Gonçalo, detentora de indústrias e recebendo um grande fluxo migracional (FREIRE, 2009, p.32-33)

Ao chegarmos à segunda metade do século XX podemos realizar um paralelo do crescimento populacional do município de São Gonçalo com o estado do Rio de Janeiro. Segundo os dados estatísticos do IBGE se torna notória a concentração de pessoas no estado, o que denota a intensa migração que está ocorrendo no Brasil.

Quadro 4: Referente ao crescimento populacional em relação a São Gonçalo e o estado do Rio de Janeiro

Localidade	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2011[74]
Rio de Janeiro (Estado)	5.612.946[75]	8.994.802	11.291.631	12.807.706	14.391.302	15.989.929	16.112.697
São Gonçalo	244.617	430.271	615.351	779.832	891.119	999.728	1.008.064

Fonte: IBGE

A realidade deste município da Região Metropolitana se compara aos dos demais próximos ao Rio de Janeiro, possibilitando um jogo de escalas entre a realidade destes, em relação ao crescimento demográfico. Um estudo que utiliza um levantamento de dados sobre São Gonçalo, mas focado na questão da formação docente, é o organizado pela professora da Universidade Federal Fluminense, Clarice Nunes. Um relatório final de pesquisa: *Das políticas públicas à história da formação docente e às memórias dos professores do estado do Rio de Janeiro (Volume 1).* Um projeto de fôlego, se preocupando em alicerçar a pesquisa em dados elaborados de forma bem densa, acabando por se tornar uma fonte importante para a

[74] No ano de 2011 foi realizada uma estimativa, a cada 10 anos o IBGE fica responsável de realizar o censo, após o resultado deste o órgão produz a estimativa anualmente até o próximo censo.

[75] Esse valor se dá devido à soma do Rio de Janeiro 3.367.738 mais o Estado da Guanabara que somava 2.245.208.

compreensão da realidade do município de São Gonçalo. Dentro deste trabalho vemos a importância de relacionar o município de São Gonçalo a outras cidades do Rio de Janeiro que partilham da mesma realidade:

> Remetem às complexas representações sociais, representações essas privilegiadas nesta apresentação inicial da cidade, existe uma proximidade de estilos de vida entre São Gonçalo e regiões com as quais politicamente não se limita, aqueles municípios da Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, Nilópolis, São João do Meriti e Duque de Caxias). Esses cinco municípios, São Gonçalo incluído, estão dentre os mais densos do ponto de vista demográfico dentro do estado e do país. A população desses municípios, quase na sua integralidade, aparece classificada como urbana, concentrada em atividades dos setores secundário e terciário. Destacam-se na inserção no comércio e serviços. Apresentam famílias com uma renda abaixo de cinco salários mínimos em sua maioria (72% delas, aproximadamente) e limitadas formas de acesso a serviço de infra estrutura urbana. (NUNES, 2007, p.22)

Este é o quadro social, no qual os foliões estão inseridos, e isso repercute em suas práticas e representações, de maneira que algumas tradições deste festejo religioso sejam reapropriadas. Como é o caso das jornadas, que antes nas regiões rurais seriam executadas de 24 de dezembro a 20 de janeiro, agora nas regiões urbanas são reorganizadas e apropriadas à maneira dos foliões gonçalenses, que na realidade seriam a de todos os foliões da Região Metropolitana do estado.

Voltando aos números, vemos o quanto o crescimento populacional nas grandes cidades, em busca por melhores condições de vida, foi acompanhado pelas transferências destes festejos das zonas rurais para as regiões urbanizadas. Não ocasionando necessariamente a dispersão e, concomitantemente, o fim destes folguedos religiosos. Na realidade vemos que o que foi ocasionado, foi o processo de realização destas práticas identitárias em um novo território, uma prática de enraizamento. Vemos que:

> [...] certas práticas, que desempenhavam um papel fundamental no estabelecimento de laços sociais e da formação de uma cosmovisão e de um *ethos* particular naqueles contextos, continuam a ocupar um lugar central nos espaços urbanos, tornando-se também um instrumento de afirmação de presenças culturais e de busca de formas mais efetivas de inclusão social. Nas cidades, com uma frequência cada vez maior, essas manifestações extrapolam limites 'locais' e passam a trafegar por contextos de maior visibilidade e publicidade, como é o caso, por exemplo, dos festivais folclóricos. (BITTER, 2010, p.82)

Desta forma, podemos compreender que em alguns casos estas festas podem receber oportunidades de serem realizadas em outro território, além das jornadas e as festas do arremate.

Vale à pena ressaltar que estes eventos folclóricos não são uma novidade, pois tais eventos foram apoiados pelo "Movimento Folclórico", do período de 1947 a 1964. E foram patrocinados pela Comissão Nacional do Folclore, criada em fins de 1947, vinculada ao

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, do Ministério do Exterior, ligado também a UNESCO[76].

2.3.5 Os foliões

> A identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. (HALL, 2003, p.30).

Entender a existência dessas manifestações culturais no século XX é tentar compreender os fatores que as proporcionam: como a própria identidade dos foliões. Essa identidade se tornaria clara se analisarmos a origem dos integrantes mais antigos da Folia de reis, Nova Flor do Oriente, cujo dono e Mestre é o Antônio José da Silva – Mestre Fumaça, de 70 anos. Essa folia se mantém com a participação das filhas e netas do Mestre Fumaça. Os integrantes mais antigos seriam: o senhor Leobardino Viana, de 84 anos, Nélio dos Santos Bilac, de 60 anos, Geraldo da Silva, com 54 anos, Niraldo Martins, de 70 anos, e Jorge Soares Maximo, de 51 anos. Além de todos os foliões citados acima, temos a participação da Maria da Penha de Souza, de 58 anos, bandeireira do Mestre.

Fora a família do Mestre, que é *nascida e criada no município de São Gonçalo*[77], e o caso do senhor Jorge Máximo, natural do Espírito Santo, todos os demais integrantes são migrantes de outras regiões do estado do Rio de Janeiro, como é o caso do Mestre Fumaça, que nasceu em Trajano de Moraes e que saiu fugido da sua cidade natal para *tentar a vida no circo*, onde diz ter trabalhado de *toureiro (...), e foi lá que me deram o apelido de Fumaça, Fumacinha na época.* Organiza e sai com a sua folia, e diz: *... há 28 anos e nunca tive problema não. Há 28 anos que eu saio e nunca tive problema não,* e que pratica o reisado desde os sete anos, mas:... *primeiro foi como folião na folia dos outros, aí aos 14 anos passei a sair de palhaço, na folia de um, na folia de outro, do meu sogro*[78].

---

[76] VILHENA, 1997.

[77] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2011.

[78] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2011.

O senhor Leobardino Vianna, também é nascido em Trajano de Moraes, e veio para a cidade de Niterói em 1957, ele era *contramestre da folia de Reis do senhor Trajano, na Engenhoca* (bairro de Niterói)[79]. Já o Sr. Nélio dos Santos Bilac, teria nascido no município de Cardoso Moreira, e este diz que veio *para cá com uns 22 anos*[80]. O senhor Geraldo da Silva, vindo da cidade de Campos dos Goytacazes, o senhor Niraldo Martins, veio de São Fidélis ,e o senhor Jorge Soares Máximo é *capixaba de Cachoeira de Guapimirim*, mas que teria *vindo de lá com sete anos*[81].

Em entrevista ao genro do Mestre Fumaça, Bruno da Conceição de Farias, de 30 anos, casado com a Lucimar Barcellos José de Souza, a *Mazinha*, relata ter nascido em Campo Grande, mas que seu pai e tios teriam vindo de,... *Meu pai que é de Itaocara..., quer dizer de Laranjais*[82].

Também nascida em Campo Grande, Maria da Penha de Souza, relata: *Nasci em Campo Grande, mas minha família veio de Friburgo, Canta Galo*[83]. Nestes dois últimos casos, temos a afirmação destes dois integrantes, de terem começado a participar das folias através das influências de seus parentes, o que contribui para a afirmação das experiências familiares, que serão transmitidas através das Folias de Reis.

Além destes foliões, na segunda entrevista com o Mestre Fumaça, ele relatou sobre a existência de mais folias além das encontradas no catálogo do INEPAC. Foi nesta entrevista que podemos citar mais um exemplo de migração interna no estado do Rio de Janeiro:

> *-Manoel Gabriel? Conheceu?*
> *-Conheci... esse Dinho que o você escreveu ai, esse Dinho mais o Dutra ai, é assim quer dizer era uma família, eram parentes. Esse Manel Gabriel era o mestre da jornada, esse Dinho mais o Dutra era... eles montaram né, eles montaram né, uma jornada, e o responsável era esse Manel Gabriel, ele era o mestre. E veio passando de família, que na verdade era o primo dele, depois foi outro primo, ele era palhaço esse Manel Gabriel, ai depois que eles morreram ele passou a ser mestre.*
> *-Ele era da onde? Esse Manel Gabriel?*
> *-De Santo Antônio de Pádua, os pais deles trouxe ele pra aqui...*[84]

---

[79] VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[80] BILAC, Nélio dos Santos. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[81] MAXIMO, Jorge Soares. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[82] CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[83] SOUZA, Maria da Penha. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[84] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

Outro caso relatado pelo Mestre Fumaça foi o do seu ex-sogro, senhor Manuel Barcellos. Este teria sido mestre da folia do Mutuá, do qual Antônio José da Silva foi *palhaço, o finado Manuel Barcellos,* que teria *vindo de Canta Galo*[85].

Todos estes tem em comum o fato de serem migrantes e exercerem o seu papel de foliões. Isso nos mostra a necessidade de criarmos uma sensibilidade para o fator do território. A respeito da difícil definição de território e as suas abrangências, retomo Marcel Roncayolo, sobre o conceito de território, aonde a identidade recriada no território estaria mais ligada à cultura que a estrita localização física:

> A crise hoje chegou, quer a territorialidade seja definida como um complexo de comportamentos, de representações e sentimentos, quer as organizações territoriais como instituições, pode ser interpretada a vários níveis de depende de causas diversas. A crítica da urbanização limita-se, por vezes, a considerar as formas físicas, o urbanismo, enquanto seria mais justo que tratasse a mobilidade e do tipo de relações sociais que provoca. A mobilidade e o seu contrário, o enraizamento, não podem ser apreciados como valores absolutos. Ambos se referem a uma condição social e só se tornam significativos nas relações entre grupos e entre indivíduos e grupos. As respectivas posições não são exclusivamente determinadas por causas territoriais, mas é quase sempre através do território que se avaliam e se concretizam. (RONCAYOLO, 1986, p.286).

Ao voltarmos para os dados da pesquisa de Cristiane Araujo, também encontramos a predominância dos foliões vindos do interior do estado do Rio de Janeiro. Provavelmente, assim como o caso da Folia de Reis, Nova Flor do Oriente, do Mestre Fumaça, os números das pessoas nascidas na Região Metropolitana são os pertencentes à segunda geração dos migrantes, por isso, nascidos nas grandes cidades. Partilham da mesma crença e dos mesmos rituais de seus parentes e, através deste folguedo, de suas vivências. Vendo os resultados abaixo, é notório que o número de pessoas vindas do interior do estado do Rio de Janeiro, reafirma a nossa teoria de reconstrução das identidades comunitárias, na Região Metropolitana. Fazendo parte do processo de enraizamento no território urbano, através das articulações destes grupos, dentro das Folias de Reis.

---

[85] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

Quadro 5: Origem dos foliões

Folia De Reis Bandeira Estrela Nova Do Oriente - Bairro Almerinda
Nascidos no Interior: 11 Nascidos na Região Metropolitana: 7 Nascidos em outros Estados: 1
Folia De Reis Bandeira Flor Do Oriente - Bairro Rio do Ouro
Nascidos no Interior: 11 Nascidos na Região Metropolitana: 6 Nascidos em outros Estados: 0
Folia De Reis Bandeira Estrela Do Oriente - Bairro Santa Isabel[86]
Nascidos no Interior: 7 Nascidos na Região Metropolitana: 4 Nascidos em outros Estados: 1

Fonte: ARAUJO, 2010.

Ao nos concentrarmos nestas práticas culturais, como construção e reconstrução da identidade destes indivíduos, no âmbito urbano, vemos as possibilidades de entender estas, como práticas de enraizamento, destes, nas cidades. Isto seria recriar a sua identidade, o seu território, em outra localidade, tendo nestas relações sociais um lugar para rememorar e vivenciar suas experiências. Estes são os espaços que as Folias de Reis proporcionam aos seus integrantes, é o seu território sendo reconstruído nos terreiros dos mestres, ou na casa dos donos das folias, se preparando para as suas saídas no período de jornadas, ou então, nos recintos dos devotos que abrem suas portas de suas casas para a entrada da bandeira, recebendo as bênçãos dos mestres. Também é nos terreiros das festas do arremate, que se preparam para redistribuir as dádivas recebidas naquele ano para todas as folias mais próximas. Criando através deste festejo religioso um território, uma comunidade passível de se tornar espaços de sociabilidade e de solidariedade. Como relata a filha mais velha do Mestre Fumaça, Lucimar Barcellos José de Souza, a "Mazinha", se estes espaços proporcionam a criação de amizades e interação com outras Folias de Reis: *Tem e muito e*

[86] Esta bandeira não é mais atuante, pois no ano de 2010, ano da elaboração desta pesquisa, o mestre Lourival, mestre Lourinho, morador do bairro de Mutuapira, veio a falecer. Após a morte do mestre alguns foliões deixaram de sair, Jorge Soares Máximo, o responsável por tocar sanfona, é proveniente desta bandeira.

vem os amigos que a gente conhece a anos e através destas festas conhecemos outros grupos novos, que a gente faz mais amizade e vem as nossas festas que a gente convida[87].

2.3.6 Os laços de família

Instrui o menino no caminho que deve andar, e até quando ele envelhecer não se desviará dele[88]

Foto 28: (Av Presidente Kenedy, São Gonçalo, 12/09/2010, Luiz Gustavo Mendel)

Como tratado anteriormente, os laços existentes entre identificação, distinção, transmissão e a interiorização como uma norma, são recordadas dentro do espírito de família. Este é o âmbito em que os ensinamentos são passados de geração para geração, porém, isto não exclui a possibilidade de inserção de outros personagens nas comunidades de foliões.

Dentro das Folias de Reis estes laços familiares tem sido um dos fatores determinantes para as perpetuações destes folguedos. Dentro da bandeira do Mestre Fumaça, temos as

---

[87] SILVA, Lucimar Barcellos José de. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[88] Provérbios 22:6

participações de suas filhas e netas, além dos namorados delas. Os relatos de suas duas filhas e de seu genro, Bruno da Conceição, casado com Lucimar Barcellos reforçam este argumento:

> Bruno da Conceição de Farias: *Ainda saio com o pai Waldir de Campo Grande. [...]Saia em outra folia, ai minha esposa já saia com ele, então eu resolvi ajudar ele. [...] Minha família também sai, tenho irmãos, primos sobrinhos*[89].
> Lucimar Barcellos José de Souza: *Ah através do meu pai que fundou a jornada dele, agente saia na do meu avô que era sogro dele, ai depois meu pai fundou a dele*[90].
> Maria da Penha de Souza*: Ah a muito tempo, saia na de Joaquim do meu tio. [...] Saia desde 10 anos na folia de Seu Anísio lá em Campo Grande eu era pastorinha*[91].
> Vera Lúcia Barcellos José dos Santos: *Por que eu gosto, tinha o do meu avô, meu tio também teve. Ai chegou uma época que meu pai ia parar, mas agente chegou e falou assim se começou não vamos deixar parar né*[92].

Maria da Penha é sobrinha do Mestre Fumaça. Na Folia de Reis ela tem a função de bandeireira, diz ter sido convidada pelo mestre para exercer tal cargo: *Ele foi lá em casa me chamar, ai eu fui e dei uma mão a ele, adoro. A quanto tempo eu não sei não, isso eu não boto na cabeça*[93].

De acordo com o Mestre, a participação de sua família foi o fator mais importante para a criação de sua jornada. Pois, devido a alguns desentendimentos entre ele, que exercia a função de palhaço da folia, na época, com seu ex-sogro, mestre da Folia de Reis do Mutuá, teve como consequência a saída de Antônio José, desta bandeira. Fumaça relata que houve um diálogo, diretamente, com seus filhos para a criação da Folia de Reis, Nova Flor do Oriente:

> Mestre Fumaça: *Quando eu fui formar minha folia ai eu sentei assim... conversando, com essa ai que é a mais nova, aquela ali e o filho falecido, o filho que morreu. Ai ele perguntou assim, nossa roupa vai ser que cor, ai respondi: -Nossa roupa? Nós somos brasileiros, vamos usar uma roupa brasileira. Ai ela falou assim, um faz a cor da calça a outra faz a cor do blusão. Ai essa ali falou assim podia ser amarelo, mas não vai ser tudo amarelo não, bota a calça verde. Ai depois que ele ali* (Manoel Barcellos, ex-sogro do mestre) *faleceu, ele ali usava vermelho e preto, ai nós falamos vamos mudar, vamos fazer uma lembrança do avô, ai eu falei vamo ai colocamos vermelho e branco e tamo ai lutando. São Sebastião é a cor de são Sebastião mesmo*[94].

---

[89] CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[90] SILVA, Lucimar Barcellos José de. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[91] SOUZA, Maria da Penha. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[92] SILVA, Vera Lúcia Barcellos José de. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[93] CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[94] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

Após a morte de seu ex-sogro, Mestre Fumaça pode contar com a participação de dois foliões integrantes da sua ex-bandeira, mas que por problemas com bebidas: *Depois que ele morreu teve dois que vieram, mas bebiam muito. Depois saíram*[95].

Atualmente, a bandeira do Mestre conta com a participação de suas filhas e netos. No livro: *Peregrinos do Sagrado*, o INEPAC relata que: "A garantia e continuidade da tradição está na presença das crianças e jovens que integram o grupo"[96]. Isso nos aponta o quanto estas vivências contidas nas Folias de Reis são transmitidas, não apenas para a segunda, mas para a terceira geração também. Dentre os participantes temos a atuação do filho de Lucimar Barcellos e Bruno da Conceição, Carlos Maguino Barcellos de Souza, de 17 anos, que atua como palhaço da folia. Os outros dois palhaços seriam bisnetos do Mestre, Kaique Barcellos Maximino, de três anos, filho de Ilcimar Barcellos, filha do primeiro casamento de Lucimar Barcellos, o outro palhaço seria Cauã Barcellos, de seis anos, filho de Valdirene Barcellos, sobrinha do Mestre por parte de sua ex-mulher. Uma neta instrumentista é a Joice Barcellos dos Santos, de 15 anos, filha de Vera Lúcia Barcellos José dos Santos.

Um desenho da árvore genealógica atuante na Bandeira do Mestre Fumaça, ficaria da seguinte maneira:

---

[95] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[96] COUTINHO, 2010, p.61

Quadro 6: Árvore Genealógica

Antônio José da Silva			
Filhos			
Lucimar Barcellos José da Silva	Vera Lúcia Barcellos da Silva	Paulo Marcelo da Silva[97]	Paulo César da Silva[98]
Netos			
Ilcimar Barcellos de Souza Jocimar Barcellos de Souza Carlos Maguino Barcellos de Souza	Verônica Barcellos José dos Santos Joice Barcellos José dos Santos Sidney Barcellos José dos Santos	Não tem filhos	
Bisnetos			
Kaique Barcellos Maximino (Filho de Ilcimar Barcellos)		Cauã Barcellos (Filho de Valdirene Barcellos[99])	

Retomando aos números da pesquisa de Cristiane Araujo, referente a um levantamento entre os foliões dos demais grupos reiseros, de São Gonçalo , volto a trazer os resultados de sua pesquisa, quando esta faz a seguinte pergunta: você possui algum parente em algum grupo de folia de reis (não necessariamente naquele do qual pertencia)?

O resultado das respostas está no quadro a seguir:

[97] Na teve a participação dos filhos deste na bandeira do Mestre Fumaça

[98] Falecido no ano de 2010, não deixou filhos.

[99] Sobrinha do Mestre por parte da ex-mulher.

Quadro 7: Relação de parentesco entre os foliões

Folia De Reis Bandeira Estrela Nova Do Oriente - Bairro Almerinda
Não: 6 Sim: 13 Já tiveram: 2
Folia De Reis Bandeira Nova Flor Do Oriente - Bairro Mutuá
Não: 2 Sim: 15 Já tiveram: 1
Folia De Reis Bandeira Flor Do Oriente - Bairro Rio do Ouro
Não: 6 Sim: 10 Já tiveram: 1
Folia De Reis Bandeira Estrela Do Oriente - Bairro Santa Isabel
Não: 9 Sim: 3 Já tiveram: 0

Fonte: ARAUJO, 2010.

Os números apontam que a presença de familiares nestes festejos é um fator predominante. A participação da família se torna um caráter importante para a manutenção, não só das identidades, mas também das memórias destes foliões, além das transmissões das experiências, das vivências que se perpetuam nestes folguedos, de uma geração à outra, revelando estas manifestações culturais, uma tradição.

Os apontamentos demonstrados neste capítulo revelaram a necessidade de um aprofundamento nos territórios das festas realizadas pelas folias, mostrando nestas, espaços de trocas e de sociabilidade. Pois foi analisando estas festas que compreenderemos tais manifestações culturais como instrumentos de manutenção de grupos em um território urbano, através da construção e reconstrução da identidade dos foliões.

Aproximamo-nos das formas como os Três Reis são representados, e dos argumentos contidos no mito que enfatizam o caráter forte das visitações realizadas pelos santos. O ato de levar os presentes ao menino Jesus se transforma na responsabilidade de levar a bandeira aos devotos. Este rito, para além da religiosidade, nos levou a entender o caráter forte de união dessa comunidade de foliões. O ato de realizar as jornadas e as festas do arremate contém a responsabilidade da visita, da reciprocidade da ajuda entre os grupos de Folias de Reis, e de criar laços de solidariedade entre si. Esta certamente não se isenta de conflitos e disputas entre os foliões[100].

Outro objetivo deste capítulo foi revelar a identidade dos foliões, seu território, seus laços de parentesco e suas origens. Outro ponto abordado foi mostrar estas práticas como ritos de recordação de uma comunidade que criam nas Folias de Reis, laços de sociabilidade para construir e reconstruir suas identidades, possibilitando o enraizamento desta comunidade migrante, em um território urbano. Para dar uma ênfase maior às identidades migrantes dos integrantes das folias, focamos na realidade do município de São Gonçalo e suas particularidades históricas em relação aos migrantes das demais regiões do Rio de Janeiro e de outros estados. Para tal, trabalharemos com os dados referentes ao crescimento populacional da cidade da Região Metropolitana e do Rio de Janeiro, fornecidos pelo IBGE, além das entrevistas.

E por último foi dada a importância dos parentes na manutenção do rito, pois sem este apoio familiar não haveria como o Mestre Fumaça ter tido estrutura para dar continuidade às saídas da bandeira, Nova Flor do Oriente.

---

[100] Daniel Bitter aponta que: "Essa dimensão agonística aparece, de forma velada, nas festas de *arremate* e de modo mais visível em contextos de festivais folclóricos" (BITTER, 2010, p.145).

3 NO CAMINHO DOS SANTOS FOLIÕES: APROPRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS ORIGENS MÍTICAS

O capítulo anterior teve como objetivo trazer à luz quem são os foliões, seu território, seus laços de parentesco e suas origens, além de iluminar as identidades destes praticantes. Outro ponto abordado foi mostrar estas práticas como ritos de recordação de uma comunidade que criam nas Folias de Reis laços de sociabilidade para construir e reconstruir suas identidades, possibilitando o enraizamento desta comunidade migrante em um território urbano.

Esta primeira parte do capítulo trabalhará com um estudo das memórias contidas nas profecias entoadas pelo mestre da Folia de reis, Nova Flor do Oriente: Antônio José da Silva – Mestre Fumaça. Além de tratar como os demais foliões se apropriam destas para a sua utilização na vida prática[101]. Na realidade essas profecias fazem parte de uma narrativa da formação do próprio grupo e um conjunto de orientações para a comunidade de foliões, estas seriam características próximas às categorias de uma narrativa histórica que possibilitam a formação da consciência histórica[102]. Essa narrativa faria parte do *fundamento*, a carga identitária do grupo de reiseros, estudados mais a frente.

Compreender, através da oralidade, como a imagem dos Santos Reis é apropriada, pelo Mestre e seus foliões. Entendendo estas como tradições orais, que foram passadas de uma geração a outra, com a finalidade de representar e transmitir as experiências, vivências de uma comunidade reisera católica. As análises de tais vivências são importantes para a realização das pesquisas, porém, estas não seriam como um conjunto de textos intocados e inalterados, mas sim uma sequência de apropriações e representações. Sobre tais cuidados que devemos tomar, Julie Cruikshank nos alerta que: "A cultura não é um conjunto empírico de características passadas intactas de uma geração a outra; e sim, criativamente reconstruída a

---

[101] A utilização das narrativas para a criação de uma consciência crítica e a utilização desta como orientação para a vida prática são as categorias de Jörn Rüsen.

[102] Rüsen, 2007.

cada geração para solucionar problemas sociais e políticos do presente". (CRUIKSHANK, 2005, p.164)

Desta forma, pode-se perceber que existe muito mais que uma perspectiva simplista de sobrevivência nas realizações das Folias de Reis. Estas trazem consigo todo um aparato religioso que está embebido de significados, que podem possibilitar a unidade na identidade dos grupos que as realiza[103].

3.1 No caminho das profecias

3.1.1 Teorias e métodos na prática dos foliões: Representações e Apropriações

> A utilização das técnicas atuais de informação leva o historiador a separar aquilo que, em seu trabalho, até hoje esteve ligado: a construção de objetos de pesquisa e, portanto, das unidades secundárias de compreensão; a acumulação dos 'dados' (informação secundária, ou material refinado) e sua arrumação em lugares onde possam ser classificados e deslocados; exploração é viabilizada através das diversas operações de que este material é susceptível. (CERTEAU, 2007, p.85).

Assim como a citação que Michel de Certeau, trata acima, esta parte deste capítulo, visa apontar as metodologias utilizadas para a análise do objeto. Como o objetivo deste capítulo é entender as narrativas do Mestre como representação e fruto de sua apropriação, tais quais seus foliões se apropriam também, contaremos com as chaves de leitura de Roger Chartier: "representação e, fazendo surgir a diferença do modelo ao seu desvio"(CERTEAU, 2007, p.85).

Desta forma, a proposta a ser apresentada aqui será a de ler a narrativa contida nas profecias, fruto do *fundamento* das Folias de Reis, como um texto, como uma fonte. Primeiramente, vamos compreender o que seria o *fundamento,* segundo Daniel Bitter:

> O *fundamento*, por sua vez, constitui uma base permanente, percebida como imutável, permitindo que seja materializado de diversas maneiras, em diversos tempos e espaços. Sua

[103] Elizabeth Kiddy realiza um estudo dos significados nas festas de reis do Congo que nos possibilitam uma nova perspectiva no caso da Folia de Reis, onde a realização destes ritos religiosos seria uma forma de promover unidade e identidade. Adaptando velhas tradições a novas circunstâncias.

> difusão e transmissão entre os homens se dá por meio das palavras, dos gestos, dos cantos, da música etc. (BITTER, 2010, p.154).

Este autor está se referindo diretamente ao *fundamento* contido na materialidade dos objetos rituais contidos na folia de Reis, pois essa seria a sua preocupação na produção deste livro. Mas é importante ressaltar as demais extensões do *fundamento,* pois nele estaria o exercício da memória: as *profecias*.

O caminho escolhido para nos aproximarmos das apropriações do Mestre e de seus foliões será o de entender as ênfases dadas por estes em seus relatos sobre suas experiências e representações ao que se refere à história dos três Reis do Oriente: a hagiografia contida nas profecias. Para trabalhar as subjetividades dos foliões – suas apropriações e representações – no relato destas tradições orais, é importante ressaltar como estas podem ser trabalhadas através da integração entre suas histórias de vida e suas experiências dentro das Folias de Reis. Segundo as palavras de Julie Cruikshank, sobre as formas possíveis de se trabalhar estas tradições orais, como um instrumento em História Oral:

> Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepção de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. (CRUIKSHANK, 2005, p.126).

E continua a nos relatar que para evitar os erros, como o de comparar os depoimentos orais aos documentos escritos, tais quais os primeiros folcloristas, esta autora nos alerta para deixarmos de lado esse desejo de encontrar os relatos originais, autênticos ou acurados e focar no que a tradição oral realmente faz e como ela é usada. Pois:

> Os depoimentos orais, segundo Rosaldo, devem ser ouvidos no contexto específico em que são feitos. Não são documentos a serem estocados para uma recuperação posterior. São formas culturais que organizam a recepção, não 'recipientes de fatos em estado bruto', porque todos os fatos são culturalmente mediados. [...] As tradições orais não podem ser guardadas com a idéia de determinar seus significados retrospectivamente; seus significados emergem do modo pelo qual são usados na prática. (CRUIKSHANK, 2005, p.157).

Percebemos o quanto são presentes estas vivências nos relatos dos foliões e do próprio Mestre Fumaça. Quando entrevistados sobre as oportunidades de criar laços de amizades dentro dos festejos de Folias de Reis, tanto na festa do arremate e nas jornadas, todos são objetivos ao relatar os significados de suas práticas, geralmente oscilam entre o ato da devoção e o fato de poder reencontrar os demais grupos de foliões:

> Mestre Fumaça: *As folias são isso ai! É visitar, levar a bandeira aos amigos! Realizar as missões deixadas pelos Santos Reis*[104].
> Leobardino Vianna: *É bom esse momento de devoção e poder compartilhar com os mais próximos com os amigos das outra folias*[105].
> Nélio dos Santos Bilac: *As festa é o momento de aproveitar e reencontrar os amigos das outras folias, prestar a devoção, de agradecer aos Santos Reis por mais um ano*[106].
> Geraldo da Silva: *É bom, sabe? É muito bom esse momento de devoção, poder festejar, prestar a devoção aos Reis Magos, rever os companheiros*[107].
> Niraldo Martins: O momento *de devoção aos Reis e de gratidão. Também de festejar com os foliões*[108].
> Jorge Soares Máximo: *Rapaz, como é bom! Ter a oportunidade de fazer as festas, sair com a bandeira, tocar, encontrar os amigos. A Folia de Reis é isso ai, rever os amigos e aproveitar as festas com eles*[109].
> Bruno da Conceição: *Festa do Arremate é quando agente faz a entrega, agente faz a nossa jornada durante o giro e marca uma data no final do giro para realizar a nossa festa, enquanto chamamos amigos de outros grupos, outras folias para festejar junto com agente*[110].
> Lucimar Barcellos José de Souza: *A para mim é uma emoção muito grande, para mim é uma gratificação muito grande. Melhor ainda, porque a cada arremate é uma conquista, uma vitória ara gente é sinal de mais uma ano que agente conquista,que é muito sacrifício colocar a jornada na rua embaixo de sol de chuva. Quando chega o dia de arremate é um momento de alegria pra gente*[111].
> Maria da Penha de Souza: *Significa visitar as casas, é porque eu sou devota. Ah, é todo ano né que agente te que realizar a festa do Santos Reis, agente tem que fazer né! É a oportunidade de visitar os amigos*[112].
> Vera Lúcia Barcellos José dos Santos: *Pra mim significa uma grande devoção. Dia da festa é o momento mais emocionante pra gente que tem de encontrar as outras folias*[113].

A predominância dos relatos sobre devoção e as possibilidades de visitar os demais grupos de foliões nos mostra o quanto é importante a necessidade de sentir-se pertencente ao grupo. De poder compartilhar as experiências dentro deste rito para o grupo de foliões, seja o de comemorar entre os pertencentes da mesma bandeira, quanto com as demais bandeiras de Folias de Reis. São estes fatores que contribuem para a criação e manutenção dos laços sociais, seja de solidariedade quanto o de devoção. Este estudo se concentra no caráter

---

[104] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

[105] VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[106] BILAC, Nélio dos Santos. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[107] SILVA, Geraldo da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[108] MARTINS, Niraldo. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[109] MÁXIMO, Jorge Soares. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

[110] CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[111] SILVA, Lucimar Barcellos José de. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[112] SOUZA, Maria da Penha. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[113] SILVA, Vera Lúcia Barcellos José de. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

gerador de identidade do grupo através da realização das Folias de Reis e o compartilhamento de suas narrativas e memórias como ritos de recordação.

Este é o nosso objeto de pesquisa, um passo que poderá abrir um caminho para a compreensão das funções históricas que estão presentes nas narrativas dos praticantes de cultura popular. Refiro-me a estas narrativas como funções históricas, pois elas se constroem de acordo com uma estrutura que tem como consequência a criação da consciência histórica. Esta estrutura gera, e é gerada, por uma prática cultural que se pauta em uma finalidade pedagógica, mostrando uma das faces da cultura popular: sua *prática*. Tais práticas se desenvolvem de acordo com sua capacidade de fazer o integrante sentir-se pertencente ao grupo. Se retomássemos o estudo de Durkheim: *Formas Elementares da Vida Religiosa,* poderíamos validar o caráter gerador de emoções que há dentro da prática religiosa, relacionando a dinâmica da crença e a ação. Certamente não resumiríamos esta prática a um simples fruto da reprodução da sociedade, pois dentro dela existiriam outras características das práticas culturais religiosas, como a devoção, o lúdico, o divertido, o transgressor.

Podemos ver que tais práticas são perpetuadas não como uma simples sobrevivência, pertinência, permanências e outros termos que denotam consequências, mas, na realidade, elas se tornariam experiências de uma comunidade internalizada por este ritual. Causadas pelas suas capacidades de serem sentidas e vividas se tornando na realidade, *vivências* e não *sobrevivências*. E para a sua perpetuação necessitaria de uma ligação com a vida dos participantes para que esses pudessem organizar e re-organizar determinados ritos, que só podem ser realizados se tiver alguma íntima relação com eles. Tais relações só podem ser enxergadas e analisadas se nos aproximarmos dos mestres e foliões para podermos dar voz a eles e estudar seus discursos, como são montados, como são submetidos, como são representados[114].

O primeiro passo será nos aproximarmos das categorias de Jörn Rüsen como embasamento teórico para entender a importância da estrutura utilizada na construção da narrativa histórica, nas profecias do Mestre Fumaça. Ao nos aproximarmos de Rüsen, estaríamos apenas criando um paralelo com as categorias deste autor na questão das estruturas utilizadas na construção da narrativa da Historiografia. Sabemos que seus estudos não contemplam a História Oral, mas isto não invalida a nossa apropriação historiográfica destas categorias para analisarmos as profecias.

---

[114] CHARTIER, 1995, p.191.

Segundo Rüsen, a narrativa tem a função de criar um terreno propício para a formação da consciência histórica, também ligada ao processo de formação identitária do grupo. Essa:

> [...] formação seria o conjunto de competências necessárias para interpretação do mundo e de si próprio. [...] que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário. (RÜSEN, 2007, p. 95).

Como veremos adiante as citações das narrativas do Mestre mostram a aproximação das profecias com a interpretação de mundo, ou seja, o que se aproxima do caráter pedagógico das profecias junto à representação na narrativa.

Ao nos referirmos à construção das profecias vamos tentar criar pontes entre essa narrativa histórica do mito dos três Reis Magos e a vida dos integrantes, vendo a utilização desta na prática: a *vivência*. Entendendo esta prática cultural como ideia de processo, um resultado, uma conquista[115].

Em resumo, como o ponto aqui apresentado é trabalhar as memórias formadoras de identidade nas Folias de Reis, o trabalho será: 1°, trabalhar as *profecias* do Mestre Fumaça calcada no *fundamento* desse folguedo, como narrativa histórica do mito, analisando sua estrutura como a principal forma de formação de consciência histórica; 2°, analisar as variações e ênfases dadas pelo mestre a algumas partes específicas de suas representações em suas narrativas e sua ligação com o que foi apropriado: o *fundamento* da Folia de Reis; 3°, vendo que dentro dessas práticas rituais estão as formas de se *apropriar* e *representar* o sentido da realização destes festejos com suas histórias de vida, jamais ignorando, mas também não nos aprofundando no caráter religioso do folguedo.

Na próxima parte do trabalho serão apresentadas as narrativas do *fundamento* e a forma como serão tratadas. Nos concentraremos em utilizar a leitura dessas narrativas através das metodologias aqui apresentadas. A proposta é buscar um modelo, neste caso, comparando aos padrões de uma narrativa histórica, para encontrar os desvios dentro da narrativa do Mestre. Não dando um caráter científico para essas narrativas que remetem a ancestralidade, mas criar um padrão para que esta narrativa mitológica possa ser estudada.

---

[115] BOSI, 1987, p.39.

3.1.2 Estabelecimento das fontes ou a redistribuição do espaço[116]

> O trabalho é 'científico' quando opera uma redistribuição do espaço e consiste, primordialmente, em se dar um lugar, pelo 'estabelecimento das fontes' – quer dizer, por uma ação instauradora e por técnicas transformadoras. (CERTEAU, 2007, p.83).

O realizar das folias, seja no período de jornada ou no período de festas de arremates, seriam então esse exercício da memória. Exercício este, feito pelos mestres ao entoar as *profecias* em forma de um canto triste, que traz à tona toda essa narrativa histórica que estaria ligada não só aos praticantes, mas também às pessoas que os recebem em suas casas no período de jornada, os foliões que os recebem em seus terreiros nas festas do arremate nos mostrando que esse exercício da memória é um ato de alteridade[117]. Esse exercício teria todo um teor narrativo que gera não apenas a formulação, mas também a reformulação da identidade desse grupo de devoto dos santos Reis.

Como esta parte do trabalho se concentra na exploração das narrativas sobre o *fundamento* das Folias de Reis, nos focaremos mais nas fontes orais do Mestre, e como este representa e se apropria de suas narrativas. Teremos algumas contribuições das fontes orais dos demais foliões também.

Na primeira entrevista concedida pelo Mestre Fumaça, temos o relato sobre o seu conhecimento das *profecias* calcadas no *fundamento*, suas explicações sobre a história dos santos Reis e a formação das folias tem toda a estrutura que pode ser analisada como a estrutura de uma narrativa histórica (Rüsen, 2007), e será com essa perspectiva que trabalharemos as memórias do Mestre.

A narrativa histórica é amparada por uma racionalidade que estaria ligada ao raciocínio argumentativo, uma operação mental de constituição de sentido, todos estes aparatos são conceitos de Jörn Rüsen. Destacaremos as noções de consciência histórica, formação histórica e da própria narrativa histórica, que compõe a prática de construção e

---

[116] Esse subtítulo é uma citação de um dos subtítulos utilizados por Michel de Certeau em CERTEAU, 2007, p.81.

[117] CATROGA, 2001, p.17.

reconstrução da identidade. Aproximar a narrativa histórica das *profecias* do Mestre Fumaça nos ajuda a compreender a formação da Folia de reis Nova Flor do Oriente, e como já relatamos anteriormente, através da narrativa desse mestre podemos nos aproximar dos demais grupos de folia de Reis, não somente do município, mas também do estado, devido ao encontro dessas folias através das festas do arremate, de cada mestre ou dono de folias, realçando as possibilidades dos jogos de escalas[118].

Tais ensinamentos orais contem a estrutura próxima a da narrativa histórica, apresentando um início, um meio e um fim. No caso da história dos Reis Magos, em sua descrição na bíblia e no *Offictium Steallae*[119], tem seu início no anúncio aos Reis, a viagem seguindo a estrela, o encontro com Herodes, a adoração ao menino, a entrega dos presentes, o sonho revelador e a volta por outro caminho. A narrativa histórica das *profecias* do Mestre Fumaça também segue esta cronologia.

Mas não podemos deixar de mencionar que Rüsen também trabalha com os processos de formação histórica, no processo da constituição da consciência histórica. Aqui a característica que mais se enquadra com a narrativa do Mestre Fumaça seria o da formação compensatória que satisfaz as carências de conhecimento, não pelos meios científicos, mas através da arte[120]. Nesse caso, o ato de exercer a função de um mestre da Folia de Reis.

O que encontramos na fonte oral concedida pelo Mestre será, em nosso caso, a própria "práxis" dessa narrativa:

> Quero tratar da "práxis" como função específica e exclusiva do saber histórico na vida humana. Isso se dá quando, em sua vida em sociedade o sujeito têm de orientar historicamente e têm que formar sua identidade para viver - melhor: para poder agir intencionalmente. Orientação histórica da vida humana para dentro (identidade) e para fora (práxis) – afinal é esse o interesse de qualquer pensamento histórico. (RÜSEN, 2007, p.87).

Na narrativa do Mestre Fumaça vemos os quatro eixos constituintes do sentido narrativo que são: a percepção, a interpretação, a orientação e a motivação[121]. Será com a articulação desses quatro eixos que possibilitaria a constituição do sentido narrativo, e com as

---

[118] REVEL, 1998.

[119] RIOS, 2006, p.65-76.

[120] RÜSEN, 2007, p. 96.

[121] LUCCINI, Marizete; OLIVEIRA, Sandra Regina; MIRANDA, Sonia Regina. Na esteira da razão histórica: olhares e diálogos com a obra de Jörn Rüsen. In: ZAMBONI, Ernesta. *Digressões sobre o ensino de História.* Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007, p.19-71.

três condições que necessitam estar na narrativa histórica: a estrutura de uma história, a experiência do passado e a orientação da vida prática. Estas características nos ajudam a refletir sobre as relações que os foliões tem consigo mesmos e com o mundo. Sem mencionar como esta relação pode ser pensada na perspectiva do tempo. Estas características podem possibilitar a formação de uma consciência histórica, que seria a constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória que vai além da vida prática[122], esta seria importante para a formação histórica:

> Sua eficácia diz respeito a um conjunto de competências para orientar a vida prática, que pode se descrito como a "competência narrativa" da consciência histórica. Ela é a capacidade das pessoas de construir sentido histórico, com a qual organizam temporalmente o âmbito cultural da orientação de sua vida prática e da interpretação de seu mundo e de si mesmas. Essa competência de orientação temporal no presente, mediante a memória consciente, é o resultado de um processo de aprendizado. A formação baseia-se no aprendizado e é, simultaneamente, um modo de aprendizado [...]. A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade consiste em (re)elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre de novo (ou seja: produtivamente), na orientação histórica dessa mesma vida. (RÜSEN, 2007, p. 103-104).

Dentro dessa narrativa podemos ver o eixo da percepção, que situa o transmissor com as expressões de tempo, como: *quando o messias nascesse; quando Jesus nasceu* e *que Jesus já era nascido.* Como se pode notar neste trecho da narrativa do mestre:

> *Então, os magos, nasceu ali, os três reis foram avisados pelo anjo que quando o messias nascesse, que eles ia... que seria, visasse que os pastores iam ser avisados depois. Portanto quando Jesus nasceu o anjo foi a Belém, avisou os pastores, dalí foi ao Oriente e avisou os reis magos, os magos foram avisados, Belém... em Jerusalém, lá no Oriente que Jesus era nascido*[123].

O eixo da motivação também pode ser encontrado com facilidade na narração do Mestre Fumaça, pois esse folguedo que eles realizam, tem seu cunho religioso, e esta seria a missão dada aos foliões pelos santos Reis, mas este será um assunto abordado mais a frente:

> *Nós temos responsabilidade com o nome de Deus, o nome dos magos né, que nós rezamos para os três reis magos em nome de Jesus, que aquilo dalí foi a visita de Jesus quando nasceu, quando veio ao mundo determinou, mandou o profeta Jeremias anunciar que seu filho vinha ao mundo para ensinar o povo o caminho da salvação.*[124]

---

[122] RÜSEN, 2007, p.104.

[123] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

[124] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

Ao mapearmos as narrativas do Mestre Fumaça, realizando um paralelo com os instrumentos metodológicos de Jörn Rüsen, da narrativa histórica, poderemos nos aproximar das chaves de leitura de Chartier para com esta fonte oral. Pois as representações e apropriações dos sujeitos deste folguedo se mostram nas ênfases dadas em determinadas características dos santos Reis e no ordenamento de suas missões, trazendo à tona o caráter lúdico e humano destes *santos Reis* que os aproximam de seus foliões:

> *Que nas terras deles lá todo mundo que tem um trabalho, uma graduação é um rei um trabalho de um rei, aqui no nosso país é diferente, aqui é diferente, tipo aqui em São Gonçalo, a Aparecida Panisset, ela é prefeita né? Lá na terra deles é o rei prefeito, vamos supor assim e tem uma coroa, tipo médico eles trabalham com uma coroa. Tipo uma deputada ela também é um rei deputado tal, tal. Aqui, tipo deputado João, deputado Manel, deputado Chico, deputado Jusé, né? Lá na terra deles era tudo rei, então tinha os três reis, o rei Baltazar, rei Gaspas e o Berquior, Berquior era do Egito da aldeia negra, lá da terra deles... mas... Baltazar que era mais forte, mas estudos, tinha mais alguma coisa a dizer ai eles foram reunir com eles para provava aquele mesmo trabalho que eles acharam no céu deles, mas o trabalho deles lá na terra deles, como é que fala, como é o nome desses homens que fazem... "amanhã a tarde chove"? "terça feira sol, pá, pá" eles fala... é meteorologista. Na terra deles é que falam era um rei meteorologista, mas em um outro sentido outra palavra estrangeira lá, então por isso que eles são conhecidos como reis existe ai*[125].

Em muitos momentos da narrativa podemos compreendê-la como eixo da orientação para a vida prática: "A estrutura de uma história, a experiência do passado e a orientação da prática que, articuladas, possibilitam que a relação dos homens consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada, na perspectiva do tempo." (LUCCINI, 2007, p.55). Podemos ver o caráter migratório na narrativa do Mestre que se relaciona diretamente com a realidade dele e com a dos demais foliões vindos de outra região do estado do Rio de Janeiro. Estas se refletem na articulação narrativa, na construção do discurso do Mestre Fumaça, sobre a origem dos Reis magos:

> *Ai agente vamos voltar... daí pra frente que vem a tradição dos magos. Que o anjo desceu aos pastor de Belém, adorando o menino, tratando visitando, foi avisar os magos lá no Oriente nas terra do Oriente. Ai já era coisa longe! Pra você ver, era tão perto que eles fizeram em doze dias, andaram por doze dias, fizeram montados em camelos, sabe por quê? Porque camelo era o bicho que mais aguentava em viagem, e a distancia era tão longa que... La naqueles tempos não tinha condução né. E eles andavam por intermédio de cavalo e essas coisas assim, ai quer dizer eles foram, ai... eles foram, mas só que eles foram, mas só que os*

---

[125] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

> *três reis não era tudo do Oriente, no Oriente morava o rei Baltazar. E o reis Gaspas era de uma país e o Berquior era do país dos negro das terras negras do Egito.*
> *Ai, quer dizer eles trabalhavam, cada um com o seu serviço, dizia assim, encontrou dava nos astros comunicava que aguardassem que ia vim o filho de Deus os messias que ia ensinar o povo o caminho da salvação, todos os três achou. Ai os outros dois... ai então essa parte é assim por exemplo, você sabe que assim: em São Gonçalo tem um médico... bom mesmo assim na medicina... não tem o médico formado, faz clinico geral o cara estuda ele entende de tudo né? Ai, vamos supor assim, um cara de coração... do não acha nada no coração do cidadão, ai o cara tá sentindo alguma coisa, ai ele vem ao clínico geral perguntando isso assim, assim ,assim, quer dizer, o cara do clínico geral, o cara é mais especializado ele sabe de tudo ele é mais do que ele, ai ele faz esse pain... Assim foi o caso do... dos magos.*
> *Um que veio de lá para encontrar o outro que o prazo estava vencido e o outro veio de lá, ai então o Baltazar que era o mago lá do oriente ele era mais diligente no trabalho deles... então: você sabe? Os três reis... até não é bom dizer essa parte, não é bom porque você pode dá essa gravação e depois descobrir o mistério, toda a arte tem um mistério, sabe por que eles eram reis?*[126]

Na primeira parte da fonte podemos ver as orientações para a vida prática na identificação dos Reis magos como homens que enfrentaram as dificuldades para poderem adorar o rei menino, essa narrativa se aproxima com a difícil realidade que se encontram os foliões:

> *Ah muito difícil, isso é uma coisa muito difícil, muito suada muito sacrificada, você vai em uma festa de reis que você vai saber do que se trata, vê o que as pessoas passam, ajudar um e outro e para você se movimentar ai par sair você tem que estar se movimentando e tem que contar com as pessoas que gostam e as vezes você marca dom dez, vem cinco. Você tem que estar preparado com o dinheirinho para pagar aquela condução. É uma coisa muito sacrificada, meu filho. Muito sacrificada, e hoje nesse tempo que nós estamos passando nesse povo de hoje, ta ficando cada vez mais sacrificado o centro espírita reclama, tem suas contas para pagar...*[127]

Essa descrição seria sobre a realização de sua jornada, que se estende do dia 24 de dezembro ao dia 6 de janeiro ou dia 20 de janeiro[128]. Esse fragmento da primeira entrevista realizada com o Mestre Fumaça nos mostra a estrutura necessária para que possamos compreender a história, e sua *representação*.

Voltando à descrição dos Reis Magos, outro fator que podemos observar é a articulação de uma narrativa histórica, está no distanciamento entre os Reis do Oriente, o fato de cada rei morar em países diferentes, mas isto não os impediu de dar prosseguimento a sua missão. Este também se aproxima da realidade de muitos dos foliões que moram no mesmo município, mas em bairros distantes com muita dificuldade de acesso, às vezes tendo que

---

[126] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

[127] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

[128] No Rio de Janeiro, pelo fato da maioria dos foliões serem devotos de são Sebastião, as folia de Reis são realizadas até o dia 20 de janeiro, dia do santo.

pegar dois ônibus diferentes, como é o caso de Nélio dos Santos, que mora em Rio do Ouro, tornando a realização das folias: *uma coisa muito difícil*. Ou até mesmo em municípios distantes como o caso do folião Geraldo da Silva, que mora no bairro do Méier, no Rio de Janeiro. Como podemos ver, a realização destes festejos e seus significados se reproduzem nas *vivências* de cada um dos praticantes que *apropriadas,* na Folia de Reis. "A consciência histórica é a constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória, que vai além dos limites de sua própria vida prática". (Rüsen, 2007, p.104).

O plano da orientação para a jornada dos reis se tornar uma folia, na narrativa do Mestre Fumaça, se daria pela necessidade dos reis magos se aproximarem das moradias e pedirem para passar a noite. A música tem um valor importantíssimo na realização das folias de Reis, pois será através dela que existirá uma aproximação direta com os moradores que recebem a bandeira em suas moradas:

> *Então, ali que os outros dois vieram e se encontravam ele ali, ai eles conversaram e diz assim:*
> *-Já está tarde, não vamos tomar seu tempo e ficar aqui!*
> *-Nós vamos se recolher lá para casa que lá agente...*
> *Ai eles foram lá para a casa dele quando conversaram, conversaram e quando viu já era onze horas da noite, e falou assim:*
> *-Já estána hora da gente desposar.*
> *Ai deram alimentação a eles... deu alimentação a eles, eles se alimentaram, ai quando eles dormiram, eles sentiu aquele estalo, estalou o teto da casa dele. Aquele clarão diferente clareou a casa dele e dali clareou lá a cidade. E eles ficou assim:*
> *-Poxa! Clareou a cidade como assim? É muita distância!*
> *Ai o povo... ai falou assim... ai levantaram... Ai o Baltazar disse assim... o Berquior o rei:*
> *-O anjo nos disse a nós que a estrela ia vim avisar, olha ela ai, já nasceu o messias.*
> *[...]*
> *Herodes era quem dava as leis do mundo, então tudo que as pessoas quisessem saber, viajavam e perguntava (a ele), porque ele é que dava as leis do mundo naquela cidade, aquela, naquela, naquela e naquela e tudo era o reis Herodes.*
> *Ai eles foram embora para lá. Ai quando chegaram lá eles foram viajando e passaram uma parte da Judéia e foram, foram, foram, gastaram mais ou menos uns seis dias andando de camelo de noite e de dia. Ai eles paravam assim e perguntava as pessoas a noite e como eles saiam para a viagem, ai eu vou...*
> *Mas quando eles saiam para a viagem, ai eu vou... mas ai falou assim:*
> *-Quem que vai dar sinal de quando chegarmos na cidade de nos reconhecer?*
> *Ai disse Baltazar:*
> *-Eu tenho aqui uma caixa, um triângulo e uma viola e ai nós fazemos assim que agente faz com os amigos!*
> *[...]*
> *Ai que, que ele fez, ele garrou e deu ao negro o triângulo, o Baltazar, o Gaspas levou uma caixa e o Baltazar levou a viola, porque ele que tocava a viola.*
> *Então, o dia eles perguntavam e a noite eles chegavam nas casas da Judéia nos deserto nas casinhas assim para não caminhar errado eles cantavam, normal né? Eles cantavam e perguntavam:*
> *-Como que nós fazemos para nós chegar até Belém?*[129]

[129] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

Ao focarmos na construção do discurso, podemos ver a representação contida,que a narrativa estabelece de forma dinâmica, dentro da *profecia*, o esforço do Mestre em se aproximar com a sua realidade e a do entrevistador. Esta *representação* mostra o que foi *apropriado* dentro da narrativa mítica dos Reis Magos, além de representá-la de maneira pedagógica e interativa, mostrando como essa relação entre o Mestre e a estrutura de sua narrativa não é estática, ou seja, ela sempre terá esse caráter de construção e re-construção da narrativa.

As narrativas do *fundamento*, sejam nas *profecias*, sejam nas práticas culturais, gozam do prestígio da legitimidade histórica, dentro do grupo de foliões. O que garante a coerência dentro destas práticas é o fator que proporciona a transmissão desta tradição oral. As apropriações dos foliões estão nas suas próprias explicações para as realizações das festas que seriam o cumprimento das missões entregues pelos santos Reis. "O *fundamento* necessariamente estabelece a ponte entre o objeto e o passado imaginado no presente. Assim, a *bandeira* pode ser vista também como portadora de memória e dos fatos passados, ligando-os diretamente ao presente dos homens que agora a manipulam" (BITTER, 2010, p. 162).

> Bruno da Conceição de Farias*: Significa que agente vai cantando o nascimento do menino Jesus nas casas que aceitam agente, agente sai cantando para eles, mostrando a devoção que agente gosta e que agente está seguindo*[130].
> Lucimar Barcesllos José de Souza: *A para mim é uma emoção muito grande que agente ta louvando os três reis com meu esposo falou, que foi o nascimento de Jesus, para mim é uma gratificação muito grande*[131].
> Maria da Penha de Souza*: Significa visitar as casas, é porque eu sou devota. A é todo ano né que agente te que realizar a festa do santo reis, agente tem que fazer né, os santos marcou, são Sebastião e os três reis*[132].
> Leobardino Vianna: *Botar a folia na rua é fazer as missões deixadas pelos Santos Reis*[133].

Mas que poderia ter alguns de seus fragmentos enfatizados pelos mestres em suas narrativas de maneira performática, um exemplo é o foco que o Mestre Fumaça vai dar ao Rei mago negro, na conversa com o rei Herodes:

> *... Ai o guarda foi lá e chamou, ai foi o nego*
> *-Sim senhor, bom dia.*
> *Ele falou assim:*
> *-Até você nego, velho desse jeito cansado entrar nessa, nessa bobeira ai.*

---

[130] CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[131] SILVA, Lucimar Barcellos José de. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[132] SOUZA, Maria da Penha. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[133] VIANNA, Liobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

> *E disse:*
> *-É, que posso fazer minha conversa é nisso, minha conversa é a mesma.*
> *Ai levou ai... foi isso ai...*
> *-Eh, bom, eu não sei... novo rei, que rei? Rei nesse mundo que eu conheço sou eu, eu quem dou as leis, eu não to sabendo disso!*
> *Ai falou assim:*
> *-Como vocês fizeram pra chegar até aqui?*
> *Eles falou assim:*
> *-Até aqui a sua casa viemos seguindo a estrela.*
> *-Vieram seguindo a estrela?! Agora cadê essa estrela?*
> *-A não, até agora ela sumiu.*
> *Ai o que eles falou para eles então:*
> *-Já que vocês seguiram a estrela até aqui vocês voltam e seguem a sua estrela, se caso ela aparecer, e se vocês achá o novo rei e adorar ele, quando voltar avisa que eu também quero adorar.*[134]

Notamos aqui a aproximação do Mestre Fumaça com a figura do Rei Mago negro, em seu discurso, no caso dos outros reis ele não descreve tanto quanto este personagem. O Mestre em sua narrativa mostra um apego à figura deste rei, que em determinados momentos, podemos perceber, que ele se descreve nela. O fato da ênfase do Mestre na figura deste rei denota, não que existam modificações no *fundamento*, mas sim a *apropriação* do Mestre Fumaça.

Outro exemplo dessa representação está na descrição lúdica da utilização dos instrumentos, pelos santos Reis:

> *Mas quando eles saiam para a viagem, ai eu vou... mas ai falou assim:*
> *-Quem que vai dar sinal de quando chegarmos na cidade de nos reconhecer?*
> *Ai disse Baltazar:*
> *-Eu tenho aqui uma caixa, um triângulo e uma viola e ai nós fazemos assim que agente faz com os amigos!*
> *Como eles diziam assim, uma palestinha:*
> *-Agente faz assim uma palestinha.*
> *Ai que, que ele fez, ele garrou e deu ao negro o triângulo, o Baltazar, o Gaspas levou uma caixa e o Baltazar levou a viola, porque ele que tocava a viola*[135].

A narrativa do período de jornada dos Reis Magos possibilita os foliões se identificarem com as suas próprias realizações através de todo aparato argumentativo, sobre a forma de aproximação dos santos Reis nas casas, e como eles eram recebidos. Estes atos de Reis Foliões estão presentes nos discursos dos reiseros, a exemplo o que de Bruno da Conceição: *nas casas que aceitam agente [...] que é os santos que agente sai cantando com a*

---

[134] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

[135] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

folia e os três Reis que é os santos das folias, da bandeira e quanto eu puder sair eu vou sair.[136]

Mais um fator que chama atenção são os atos muito próximos da realidade, vivida pelos foliões em atos, como chamar o rei Herodes *batendo palma na casa* dele, ou até mesmo a informalidade na forma como os personagens conversam na narrativa do Mestre Fumaça, podemos ver que este: "É o plano da interpretação do percebido mediante a articulação narrativa" (Rüsen,2001,p.155). É neste plano que podemos captar as *apropriações* presentes em suas *representações*. Dos santos Reis significar *alegria* para Jorge Soares Máximo, ou então de *muita felicidade pular nas folias* ,para o Nélio dos Santos Bilac.

Esses trechos das *profecias* são marcados fortemente pelo eixo da interpretação, ou seja, uma aproximação da memória do mestre para desenvolver uma sensibilidade maior para com esta narrativa. Pois estes relatos não seriam apenas uma representação, mas sim uma re-presentificação, mostrando que o lugar da memória não se encontra no passado, mas sim no presente[137].

Outro ponto a ser abordado é a *representação* da construção da figura do palhaço, da folia de Reis, na narrativa do *fundamento* ele encontra lugar na figura dos soldados do rei Herodes, que foi enviado para seguir os três Reis, mas que se encantava pelas músicas entoadas pelos Magos:

> *Ai o soldado de Zerodis gostou dá música ficava dançando pra lá e para cá (...) aonde eles (os reis magos) iam chegava e cantava ele ia lá e dançava ficava pulando em volta dele... a pessoa que chegava não aceitava, em vez de dar atenção a eles, dava atenção aquele palhaço que ficava lá dançado em volta deles pulando.*[138]

Dessa maneira, como a missão destes três Reis Magos é a de anunciar o nascimento de Jesus, eles não excluem a figura de um elemento transgressor, como é a do palhaço. Nesta representação do Mestre Fumaça, que também é a dos demais mestres, ele se apropria dela de maneira que a inclui como elemento importante para a realização do festejo. O palhaço é legitimado tendo seu lugar na festa dentro das narrativas míticas, recebendo suas restrições como a de não passar à frente da bandeira, ou a de não entrar na casa de determinados

---

[136] CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. . Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

[137] CATROGA, 2001.

[138] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

devotos, a de representar o mal e, portanto, ter que passar por um rito de passagem para usar e retirar a máscara:

> O *palhaço*, a princípio associado ao Mal, representando os soldados de Herodes, está sujeito a uma transformação, tornando-se piedoso e passando também a adorar o menino Jesus. Como notei anteriormente, o ritual de *entrega da bandeira* é também o momento em que os *palhaços* pedem perdão, ajoelhando-se sem as *máscaras* diante da *bandeira.* Trata-se, afinal, de um ritual de conversão religiosa, um batismo simbólico, com efeitos morais. Aí reside precisamente sua ambivalência simbólica. Nota-se que o comportamento do *palhaço* pode apresentar-se de forma acentuadamente contrastada, sendo que a presença ou a ausência da *máscara* determina, em grande medida, seu caráter, seu simbolismo, bem como seu *status*. (BITTER, 2010, p. 178).

Todo esse aparato lúdico não se distancia, antes se aproxima do *tempo alegre*[139], que cria essas possibilidades de festejos religiosos populares. Esse caráter ambivalente que está nas *representações* populares, revela que o sagrado não se restringe apenas às virtudes do santos heróis, mas está na aproximação que estes tem com seus interpretes. Certeau relata que: "A vida dos santos traz à comunidade um elemento *festivo*" (CERTEAU, 2007, p.271). O ponto crucial que aproxima os festejos religiosos populares com o "carnavalesco" de Bakhtin, não apenas nas festas de carnaval, mas nas festas populares.[140]

3.1.3 No Caminho das representações das origens míticas

O ponto final desta narrativa seria a explicação para a existência da folia, além do ato de realizar a jornada com os foliões, também se encontra na *profecia* do Mestre Fumaça. Nela podemos encontrar a ordenança no *fundamento*:

> *Ai quer dizer, foram embora né. Ai como nasceu à folia... Ai como chegaram no Oriente [...] Ai eles foram e foram acompanhando né. Ai eles começaram da praça pra lá, eles começaram a cantar e de alegria e de baterem até chegarem na casa de Baltazar. E cantando e o povo acompanhando. Quando eles chegaram na casa de Baltazar, ai levaram um tempo cantando pro povo, e o povo... Ai eles dançavam e os outros pulavam ai o nego falou assim:*
> *-Você veja só essa visita que nós fizemos, que alegria para nós né. Veja só esse povo que folia que formou? Né? Que folia que formou? Mas formada por quem? Formada por nós três reis! [...] Ai batizou a missão. Então ai que tá a nossa origem e por ai vai.*[141]

---

[139] BAKHTIN, 2010, p.185.

[140] BAKHTIN, 2010, p.191

[141] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

A representação das realizações das missões pelos santos Reis e o retorno destes para suas terras de origem, estabelecem um elo com as origens mitológicas das folias e as representações em suas bandeiras. Ao retomarmos Certeau, podemos perceber que essa narrativa hagiográfica se estabelece como, *um documento sociológico:*

> Por um lado, a 'vida de santo' articula dois movimentos aparentemente contrários. Assume uma distância com relação às origens (uma comunidade já constituída se distingue do seu passado graças à distância que constituiu a representação deste passado). Mas, por outro lado, um retorno às origens permite reconstruir uma unidade no momento em que, desenvolvendo-se, o grupo arrisca dispersar. Assim como a lembrança (objeto cuja construção está ligada ao desaparecimento dos começos) se combina com a 'edificação' produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão. Assim se diz um momento da coletividade partilhada entre o que ela perde e o que ela cria. (CERTEAU, 2007, p.269)

Esta parte da narrativa é importante, pois trata da apropriação do Mestre a respeito da existência de várias bandeiras de Folias de Reis, no *fundamento.* Segundo Luzimar Pereira[142] a *bandeira* uma e várias ao mesmo tempo. Ao retomarmos o estudo de Daniel Bitter, vemos que mesmo com a existência de contradições que se contrastam no plano do rito, com a multiplicidade das *bandeiras,* pode-se encontrar nas narrativas dos mestres o embasamento que o *fundamento* dá para o encontro de várias folias. Isso não isenta as *bandeiras* de conflitos entre seus mestres, resolvendo seus impasses através do seu conhecimento sobre a profecia nos encontros.

3.1.4 No caminho dos Santos foliões

> A vida do santo é uma composição de lugares. Primitivamente ela nasce num lugar fundador transformado em um lugar litúrgico e não cessa de reconduzir para ele como para aquilo que é finalmente a prova. O percurso visa o retorno a este ponto de partida. O próprio itinerário da escrita conduz a visão do lugar: ler é ir e ver. (CERTEAU, 2007, p.277).

Ao fim desta parte do trabalho vemos que as contribuições das mais variadas formas de leituras das fontes e a relação que estas tem com os participantes das Folias de Reis, nos permitem dar um primeiro passo para a compreensão desta manifestação popular. O foco

---

[142] 2004

dado na narrativa da vida dos santos se aproxima da vida do narrador revelando sua apropriação, revelando um dos elementos aglutinador e aproximando o festejo religioso com os grupos de foliões. O realizar das Folias de Reis seria a manutenção deste grupo de migrantes que se reencontram nas visitas dos foliões nas casas dos devotos – muitas dessas casas visitadas, são casas de ex-integrantes de bandeiras de Folias de Reis, paradas – nas festas do arremate, nas festas de cultura popular, realizadas pelos municípios do Rio de Janeiro e até de outros estados. Essa é a possibilidade de enxergar estes festejos para além da devoção – que não se exclui da análise de forma alguma – mas como espaços de sociabilidades, que possibilitam interação entre as folias. Um caso interessante é ver que uma das filhas do Mestre Fumaça é casada com um filho de um integrante da Folia de Reis, bandeira Estrela da Guia, de Campo Grande, que mostra o quanto essas folias se relacionam e os fatores que as mantém, até os dias de hoje.

As saídas das bandeiras dessas folias se pautam nas missões dos Santos Reis que teriam a responsabilidade de visitar e presentear o Deus menino. Dessa forma os mestres e foliões tem nesse folguedo, a possibilidade de visitar e presentear os devotos dos Reis Magos com a presença da bandeira em suas casas e com os cantos das *profecias*, o elemento chave para podermos entender as ferramentas que permitem a manutenção da identidade destes participantes. Esses ritos se mostram construtores e reconstrutores de identidades, guiados por uma narrativa de função pedagógica, da visita dos santos, mas que se estende aos dias atuais pelas formas representadas nas narrativas.

> [...] estes dois lugares contrários, esta partida duplicada com um retorno, este fora que se completa encontrando um dentro, designam um não-lugar. Um espaço espiritual se indica pela contrariedade destes movimentos. A unidade do texto se prende à produção de um sentido pela justaposição de contrários – ou para retomar uma palavra dos místicos, por uma 'coincidência dos opostos'. Mas o sentido é um lugar que não é um lugar. Remete os leitores a um 'além' que não é um alhures nem o próprio lugar onde a vida do santo organiza a edificação de uma comunidade. Freqüentemente produz aí um trabalho de simbolização. Talvez esta relativização de um lugar particular através da composição de lugares, como o desaparecimento do indivíduo por detrás de uma combinação de virtudes prescritas à manifestação do ser, forneçam a 'moral' da hagiografia: portanto, uma vontade de significar um discurso de lugares é o não-lugar. (CERTEAU, 2007, p.278).

Podemos perceber que a estrutura desta história, se relaciona com a experiência do passado, servindo de orientação para ser praticada. Estas práticas são articuladas, possibilitando a relação dos homens consigo e com o mundo. São apropriações de narrativas míticas que remetem a ancestralidade, tornando esta uma tradição oral, e, concomitantemente, proporcionando a esta uma legitimidade no fundamento da narrativa. Mas esta é também um instrumento gerador de identidade comunitária, se articulando através da repetição e se

tornando uma memória de grupo, estabelecendo lugares para seus praticantes e legitimidade em sua narrativa, tornado-se passível do estudo de suas representações e apropriações através de suas práticas de memorarem e re-memorarem. Como estas narrativas estão sendo praticadas em um determinado período no ano, elas são construídas e reconstruídas pelos mestres das Folias de Reis dando um caráter dinâmico. Além de revelar em suas representações as experiências dos sujeitos.

Os Reis foliões são apropriados e representados como os santos populares, se aproximando das experiências destas comunidades que encontram nestes folguedos um espaço de solidariedade e sociabilidade, legitimado pelo *fundamento* das folias.

Os três reis lá em Belém
fizeram a sua chegada
Adoraram a Jesus menino,
Deixando a virgem satisfeita
Por ter seu filho adorado
Se ajuelharam e se levantaram
Fizeram sua retirada
Voltando para o Oriente
pra sua terra natal
Saíram com muita alegria
E se despediram do pessoal[143]

3.2 No caminho do Rei Mago negro

3.2.1 Folia de Reis e identidade negra

Quando nos referimos à Folia de Reis como uma festa católica popular e suas diversas mediações, por vários territórios e planos, somos amparados por uma gama de estudos antropológicos e sociais. Porém, no campo da História temos algumas lacunas, no que se refere à questão da identidade negra, dentro desta festa.

O foco desta segunda parte do capítulo será justamente esta questão. Se retomássemos o que já foi trabalhado no primeiro capítulo sobre a historiografia das festas e a conjuntura histórica em que a Folia de Reis aparece, termos um material que nos mostra que este festejo

---

[143] SILVA, Antônio José. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

católico se tornou pano de fundo para a manifestação das apropriações e representações em sua prática.

Desta forma, para nos aproximarmos desta questão da identidade negra, vamos nos focar na figura que proporcionaria estas apropriações e representações: o Rei Mago negro.

Primeiramente, vamos estabelecer os laços de identidade criados dentro da bandeira Nova Flor do Oriente, sobre seus foliões e a relação de quantos são negros, se isto seria expressivo ou não. Além de procurar na descendência de alguns destes foliões se teria tido algum parente escravo e se a origem destes foliões influenciaria na prática da Folia de Reis.

Começamos analisando este quadro sobre a relação de negros nas Folias de Reis em São Gonçalo:

Quadro 8: Relação de foliões negros

Folia De Reis Bandeira Estrela Nova Do Oriente - Bairro Almerinda
Negros: 12 Brancos: 7
Folia De Reis Bandeira Nova Flor Do Oriente - Bairro Mutuá
Negros: 14 Brancos: 4
Folia De Reis Bandeira Flor Do Oriente - Bairro Rio do Ouro
Negros: 6 Brancos: 11
Folia De Reis Bandeira Estrela Do Oriente - Bairro Santa Isabel
Negros: 8 Brancos: 4

Fonte: ARAUJO, 2010.

A contribuição étnica estaria além dos expressivos números contabilizados na pesquisa de Cristiane Guimarães Araujo. Podemos ver que a Bandeira Nova Flor do Oriente se destaca mais uma vez por ter o incentivo familiar. Antes que possamos cair nas rotulações da padronização de quem é negro ou não, e, assim como Araujo, vamos ligar a etnia pela descendência do Mestre.

Outro fator a ser notado, e que pede uma maior atenção para a questão da identidade negra e sua contribuição para a Folia de Reis nos dias atuais, é a ascendência do Mestre Fumaça e do senhor Leobardino Vianna.

Ambos possuem muita coisa em comum, primeiramente pelo fato de terem nascido no município de Trajano de Moraes, onde começaram a sair nas Folias de Reis, posteriormente,

terem migrado para a Região Metropolitana e onde também foram foliões. Mas o mais intrigante é que estes dois foliões são descendentes de escravos. Quando Mestre Fumaça respondeu a esta pergunta, ele afirmou que sua vó teria sido escrava, mas que ele teve pouco contato com ela, pois além de morar distante de sua casa ele teria saído de Trajano de Moraes bem novo. A resposta do contramestre Leobardino Vianna foi: "*Da escravidão era a mãe da minha mãe, a minha vó, é, minha mãe morreu com 90 anos, não sei não, onde era nascida não.*"[144] Nenhum dos dois entrevistados quis manter este assunto, seja pela pouca vontade de trabalhar uma questão que eles não tiveram muito contato, ou até mesmo por se desinteressarem ao fato. Mas quando perguntados sobre se estes teriam tido influência familiar nas saídas nas bandeiras, ambos responderam que não, no caso do Mestre Fumaça, teria começado a sair na folia em que seu tio era um instrumentista, Leobardino afirma: "*Não o que eu aprendi lá no meu lugar, agora eu aprendi lá no meu lugar em Trajano de Moraes. E sai na Folia de Reis lá com Maneco, não ele não é parente meu não*".[145]

Sobre a religiosidade destes dois, o Mestre Fumaça, assim como os demais foliões, é católico, o Leobardino Vianna: *"Sou espírita, sou espírita, sou presidente titular, trabalho e boto os outros pra trabalhar, isso ai é pela federação, de Magé"*[146]. O importante de mencionar este fato é que podemos ver que dentro das Folias de Reis existe uma união entre as religiões que não inviabilizam nem invalidam uma a outra. A devoção aos santos Reis é mais forte que qualquer preconceito. Na saída da bandeira na jornada de 08 de janeiro de 2011, no bairro de Barracão em São Gonçalo, a folia do Mestre foi cantar dentro de um terreiro espírita de um devoto. É importante ver que estes festejos são capazes de criar laços de sociabilidade, dentro das mais variadas religiões.

Uma dissertação que trabalha a relação direta com as religiões católica e espírita dentro da Folia de Reis é *NA JORNADA DE SANTOS REIS*: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico, de Wagner Chaves. Este antropólogo acompanha a Folia de Reis de Francisco Victorino, da cidade de Rio das Flores, região do médio Paraíba, Estado do Rio de Janeiro, Mestre Tachico, como é apresentado. No questionário o Mestre responde que sua religião é católica, e como a pesquisa de Chaves aponta as características do catolicismo

---

[144] VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 10 de mar. 2012.

[145] VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 10 de mar. 2012.

[146] *Ibdem.*

popular presentes na Folia de Reis, um dos pontos abordados é a cantoria destes foliões diante de um cruzeiro, lugar que nas palavras do Mestre: "*onde mora as almas*".

Dentro destas práticas não teríamos a manifestação de uma atitude contraditória ou ambígua, como uma visão judaico-cristã ocidental nos proporciona, dentro desse catolicismo popular existiria a ambivalência. Pois estas práticas se complementam pelo mesmo fim, são apropriadas e representadas pelos foliões para a proteção da folia. Tal como as palavras de Wagner Chaves:

> A ida ao cruzeiro visa a estabelecer contato entre a Folia e as *almas*, tanto de antigos foliões quanto de pretos-velhos. Essas *almas*, os *invisíveis,* guiam aquela Folia, portanto, é fundamental agradá-las. A subida ao cruzeiro pode ser entendida como um ato de fé que reafirma e atualiza o contato com as *almas*. A Folia, católica, vai pedir proteção às *almas* no cruzeiro e aos pretos-velhos no *centro*. Ambas as práticas, na ótica de Tachico, não estão em contradição com outros momentos da Folia, como a *reza do terço,* por exemplo. Seguindo meu informante, podemos vê-las como recursos diferenciados que trabalham conjuntamente para um mesmo fim: trazer proteção para a Folia. Seja em uma casa, no *centro* de umbanda ou no cruzeiro, como diz Tachico, a *missão de Santo Reis é uma só*. (CHAVEZ, 2003, p.105)

Podemos ver que tais práticas não encontram barreiras para a manifestação de suas ambivalências, desta forma podemos nos alicerçar nas categorias já trabalhadas no primeiro capítulo desta dissertação, para estudarmos a Cultura Popular. Pois será através desta perspectiva que romperemos com as dicotomias que estabelecem barreiras intransponíveis de sagrado/profano ou de erudito/popular, mostrando que pode sim. em meio a uma manifestação religiosa católica, existir um mestre de Folia de Reis que pratique outra religião, como é o caso do Mestre Tachico, ou do Mestre Fumaça que tem como seu contramestre o presidente titular da federação espírita de Magé.

3.2.2 Tradição Oral e memória

> As tradições orais não podem ser guardadas com a ideia de determinar seus significados retrospectivamente; seus significados emergem do modo pelo qual são usados na prática. (CRUIKSHANK, 1998, p.157).

Com esta citação, de um trabalho de Julie Cruikshank, sobre um panorama da Tradição Oral na prática da História Oral, que vamos iniciar este tópico conclusivo. Trataremos de como estas apropriações são transmitidas e como tais tradições orais podem ser

estudadas para a compreensão de seus significados que emergem quando usados na prática. Primeiramente, precisamos compreender que todas estas informações são cruciais para entendermos como as identidades se mantêm nas memórias dos praticantes, como são adquiridas e, o mais importante, qual o seu papel para aquela comunidade praticante. Jan Vansina trabalha isto em seu texto: *A tradição oral e sua metodologia*, onde ele se preocupa em relatar que toda tradição oral: "tem sua própria superfície social. Para encontrar as tradições e analisar a qualidade de sua transmissão, o historiador deve, portanto, conhecer o mais detalhadamente possível, o tipo de sociedade que está estudando." (VANSINA, 2010, p.150).

Vamos analisar as representações do Rei Mago negro e a sua importância para a manutenção da comunidade negra em um novo território. As elaborações destas representações contribuem para a formação das tradições orais, se tornando um objeto de estudo importante para compreensão da história. No texto de Hebe de Mattos, Martha Abreu e Patrícia Brandão Couto: *"O meu pai contava..." tradição oral e identidade negra no sul fluminense,* vemos o quanto estas tradições orais passaram a concorrer com o conhecimento historiográficos:

> Memórias e tradições orais de grupos específicos passaram a concorrer com o conhecimento historiográfico e com as representações públicas do passado até então predominantes na mídia, nos livros escolares ou nas festas oficiais. A memória, entendida como presença do passado no presente, que em sentido largo inclui o conhecimento historiográfico e a tradição oral, tornou-se campo de disputas ainda mais intenso do que sempre havia sido. Trouxe também para historiadores e antropólogos novas questões de pesquisa, que lançavam luz sobre fatos e lutas esquecidos ou silenciados, muitas vezes pela violência e pela falta de oportunidades dos seus agentes sociais para levar adiante reivindicações e demandas por direito. (MATTOS, ABREU, COUTO, 2009, p. 2).

Neste texto as autoras se utilizam da perspectiva de Vansina sobre a tradição oral, sendo este muito mais do que um meio de comunicação diária, mas também um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais contendo informações, fontes que contribuem para a estruturação da memória de um grupo. Roger Chartier partilha desta mesma linha de pensamento, no tocante à oralidade nas questões dos contextos das representações, ao citar Michel de Certeau ele aponta:

> [...] é necessário relembrar que todo texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor: 'este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos uma coisa diferente daquilo que era a 'intenção' deles. Separa-os da sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria o desconhecido no espaço organizado pela capacidade que eles possuem de permitir uma pluralidade indefinida de significações' (CHARTIER, 1990, p.61).

Dentro dessa oralidade encontramos os traços fortes das apropriações e representações que foram criadas e recriadas em relação aos três Reis Magos, como o caráter destes personagens mitológicos foram guardando seus significados através das práticas das Folias de Reis. Para tal afirmação, lanço mão de alguns exemplos de apropriações contidos nas narrativas, dos integrantes das Folias de Reis.

3.2.3 Representando Baltazar: o Rei Mago negro

No documentário: *Jongos, Calangos e Folias* de Martha Abreu e Hebe de Mattos trata o relato de dois entrevistados – descendentes da última geração de escravos e africanos no Estado do Rio de Janeiro – que dão uma ênfase maior a figura do Rei Mago Negro.

Neste ponto, ao apresentarmos os dois relatos do documentário nas citações 1 e 2, a citação 3 será a tradição oral do Mestre Fumaça sobre os três Reis Magos. Dando um foco nestas narrativas míticas poderemos criar uma análise de tradição oral embasado em Jan Vansina. Este autor relata que a tradição oral seria uma forma de preservação da sabedoria dos ancestrais, sendo transmitida de uma geração para outra. Ao ver a existência de uma ligação muito forte com a figura do rei negro para com estes entrevistados e sua tradição oral, podemos perceber suas representações e apropriações devido aos nomes de santos citados:

> Citação 1:
>
> Esse negro, sabe quem que é? É o Rei Gaspar, que é o São Domingos filha, que naquele presépio lá da rua, não quero nem que vocês contem a ninguém não, quero nem que vocês contem a ninguém. O Reis preto tá lá atrás, ele tinha que estar na frente porque quando o Reis branco chegou o preto já estava. (Jongos Calangos e Folias)
>
> Citação 2:
>
> Teve um que ensinou o Baltazar o caminho errado, né... Porque ele era escuro, então eles não quiseram que o escuro... Não quiseram que o escuro acompanhasse eles ... Mas quando chegaram lá, aquele já tava. O escuro chegou na frente. (Jongos Calangos e Folias).
>
> Citação 3:
>
> mas só que os três reis não era tudo do Oriente, no Oriente morava o rei Baltazar. E o reis Gaspas era de uma país e o Berquior era do país dos negro das terras negras do Egito.
> [...]
> Ai ficou o outro guarda. Porque eram três guardas de plantão no palácio dele, porque no palácio dele tem três guardas... Ai o guarda foi lá e chamou, ai foi o nego:
> -Sim senhor, bom dia.
> Ele falou assim:
> -Até você nego, velho desse jeito cansado entrar nessa, nessa bobeira ai.
> E disse:
> -É, que posso fazer minha conversa é nisso, minha conversa é a mesma.

Ai levou ai... foi isso ai...

Dentro destes três casos vemos, primeiramente, que o nome do Rei Mago negro oscila entre os três nomes dos Santos Reis representados pela cultura ocidental.

Quadro 9: Quadro comparativo

Santo Rei Negro		
Citação 1	Citação 2	Citação 3
Gaspar	Baltazar	Belchior

O que é muito comum que ocorra na transmissão da tradição oral, Vansina relata, que já houve casos de uma pessoa recitar duas tradições diferentes se referindo ao mesmo processo histórico da formação de um povo. Para resolver o impasse das várias versões de um mesmo mito, este autor mostra que as tradições vão muito além de depoimentos, crônicas genealógicas de uma sociedade segmentária, mas toda a literatura oral fornecerá detalhes sobre o passado "muito valiosos por se tratar de testemunhos inconscientes, e, além do mais, fonte importante para a história das ideias, valores e da habilidade oral" (VANSINA, 2010, p.142).

Ou seja, dentro desta tradição temos a possibilidade de refletir e trabalhar a representação coletiva, as identidades inseridas no *corpus* do texto oral (VANSINA, 2010, p.140). Nestas três representações a chave seria este Santo Rei negro, que representaria a figura do subestimado, na citação 1: "O Reis preto tá lá atrás", aquele que estaria sendo o enganado, citação 2: "Teve um que ensinou o Baltazar o caminho errado. né... Porque ele era escuro, então eles não quiseram que o escuro... Não quiseram que o escuro acompanhasse eles ...". A figura do Rei Mago que seria desdenhado, citação 3: "Até você nego, velho desse jeito cansado entrar nessa, nessa bobeira ai."

Mas, este seria o mesmo personagem que dribla estas indiferenças e consegue realizar sua jornada para presentear o menino Jesus, Citação 1: "ele tinha que estar na frente porque quando o Rei branco chegou, o preto já estava", assim como na Citação 2: "Mas quando chegaram lá, aquele já tava. O escuro chegou na frente." Que, independente do que os demais o diminuam, tem o seu posicionamento diante do rei Herodes, citação 3: "É, que posso fazer minha conversa é nisso, minha conversa é a mesma."

Para complementar este argumento, podemos trazer à luz, uma fonte que se encontra na dissertação de mestrado de Cristiane Guimarães de Araujo, na parte em que esta

pesquisadora visa buscar a origem da história dos Santos Reis, com o Mestre José Soares, mestre da bandeira de Lourival do Mutuapira, São Gonçalo. Araujo relata que após o relato do Mestre, ele passou-lhe um manuscrito sem autoria.

> Quando Jesus nasceu, surgiu no firmamento uma cruz onde estava escrito: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". É o anjo Glória que segura uma faixa com esses dizeres.
> O galo do céu cantou e o da terra que estava sobre a manjedoura também cantou: – "Jesus nasceu!" O boi que passeava perguntou com seu mugido: - "Aonde?" Um carneiro branco, que era do redil de São João Batista, respondeu: - "Em Belém!" Um cabrito que pastava por alí, não acreditou, zombou e berrou.
> Fazia frio. A vaca e a jumenta começaram a bafejar sobre o Menino para aquecê-lo, e por isso foram abençoadas. Uma raposa foi ao rio, banhou-se para tirar o mau cheiro, e veio oferecer seu leite para Maria dar ao menino. Esta agradeceu e abençoou-a, dizendo que ela pariria sem dor e seus filhos nasceriam numa bolsa.
> Uma estrela brilhou no Oriente. Os pastores que estavam apascentando suas ovelhas, vendo os raios da luz caírem sobre a manjedoura, para lá se foram. Dois deles tocando seus instrumentos e um levando seu cordeirinho. Este pastor era Dimas o bom ladrão que mais tarde morreu ao lado de Cristo. Uma camponesa foi levar seus presentes de frutas e flores, visitar e adorar o Menino. Mais tarde o povo da Judéia levou patos, frangos e frutas de presente. São essas as prendas que também se pode dar aos foliões para as festas de encerramento das folias.
> Os animais que aparecem no Presépio são abençoados, com exceção do burro e do cabrito. O cabrito porque disse uma blasfêmia e o burro porque comeu a grama do estábulo, a e sua maldição é de que terá que comer o dia inteiro sem parar. Há versões também de que o animal que comeu a grama foi a mula, e por isso ela terá que morrer sob carga e será estéril.
> A estrela que brilhou no Oriente foi o sinal dado aos Reis Magos. Eram da classe sacerdotal. Muitos dizem que os Reis Magos são: Rei Branco, Caboclo e Congo. Belquior ou Melquior é o Rei Branco. É mais velho, usa barbas brancas e longas. A sua oferta foi ouro que simboliza Jesus é Rei. Gaspar é Rei Caboclo, jovem e corado, ofertando mirra ao Menino, que significa Jesus é homem. Baltazar é o Rei Congo, negro e barba espessa. Sua oferta foi incenso, que significa Jesus é Deus.
> Quando os Reis Magos viram a estrela começaram a seguí-la. O Rei Congo perguntou os outros dois o caminho, e estes por maldade ensinaram-lhe errado. No dia da Adoração, porém ele chegou primeiro.
> Ao passar pela casa de Herodes disseram que iam visitar ao Rei dos Reis que havia nascido. Herodes ficou com muita inveja e raiva. Como tentou matar Jesus, pediu-lhes que visitassem e, quando de volta, ensinassem o caminho, pois ele também queria vê-lo. Nisso a estrela desapareceu do céu. Saíram da casa de Herodes e, depois de caminhar um pouco, a estrela voltou a brilhar. É por isso que a Folia de Reis só sai à noite, porque os Reis Magos só andavam guiados pela estrela.
> No dia seis de janeiro, a estrela que os conduzia em um momento parou, então acharam onde estava o Deus Menino. Embora enganados pelos outros dois reis, Baltazar foi o primeiro a chegar. Aproximando-se da manjedoura ele não tentou entrar, de medo de assustar o Menino por causa de sua cor. O Menino disse que chegasse, pois todos são iguais. Chegou depois o Gaspar e por último Belquior. Eles adoraram ao Menino, deram seus presentes e para não passar pela casa de Herodes, tomaram outro caminho. Após a visitação, os Reis vão se afastando da manjedoura com as costas voltadas para esta, montados em seus cavalos.
> (ARAUJO, 2009, p.37-39)

Nesta fonte temos novamente a representação do Rei Mago negro, como rei do Congo, e que este teria passado pela mesma situação mostrada na Citação 1 e 2, presente no tópico 1.4, na tradição oral, encontrada no documentário.. Onde: "... os Reis Magos viram a estrela começaram a segui-la. O Rei Congo perguntou aos outros dois o caminho, e estes por maldade ensinaram-lhe errado. No dia da Adoração, porém, ele chegou primeiro".

Nesta fonte também temos uma ênfase na opressão que a figura do negro estaria remetido, pois além de terem ensinado o caminho errado para este, ele não se sentiria à vontade de estar na presença do "Deus menino", por medo de assustá-lo: "Embora enganados pelos outros dois reis, Baltazar foi o primeiro a chegar. Aproximando-se da manjedoura, ele não tentou entrar, com medo de assustar o Menino por causa de sua cor". Mas como resposta para isso: "O Menino disse que chegasse, pois todos são iguais".

A dinâmica da transmissão destes conhecimentos é apresentada na tese de Wagner Chaves: *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José*. Este antropólogo trata, em uma parte de sua obra, como as tradições orais são preservadas tanto nos cantos, quanto nos manuscritos:

> Através desse movimento, em que o canto se transforma em livro e este nos cadernos, os três tempos – dos Reis, antigos e presente – se articulam e também se diferenciam. Por meio dessa cadeia de mediadores, a folia, iniciada pelos Reis, chega aos homens. Observa-se que o canto dos Reis é fundamental para movimentar essa passagem, já a escritura foi feita a partir dele. Seja enquanto "adoração" ou "anunciação", o canto dos Reis é que se inscreveu, se transformando em livro, e posteriormente, em um segundo movimento, nas cópias. No entanto, como não se trata de uma cadeia linear, de etapas ou movimentos que se sucedem no tempo, e sim ao modo de um movimento circular, a cada novo ano, especialmente durante os ritos de saudação das lapinhas, os foliões e devotos se reencontram com as origens do ritual. Rememorando uma história e também assumindo uma parte ativa em sua encenação, os foliões de hoje se tornam, quando saúdam as lapinhas, os próprios Reis diante do menino Jesus. (CHAVES, 2009, p.51).

Temos nestes casos uma prática de transmissão das tradições orais que podem variar de um lugar para outro, mas que permite ser acessada através de sua característica mais importante, a dinâmica. Dentro delas haveria as apropriações e representações de muitos dos praticantes de reisados que tornariam o entoar de seus cantos, em versos escritos, nas páginas de um livro sem autoria. Não há dúvida sobre os questionamentos que se manifestariam ao analisar esta fonte, porém, o caso do Rei Mago negro se revela como um caminho muito intrigante. O forte caráter de preto velho, nas narrativas do Mestre Fumaça, o indesejado entre os demais Reis Magos nas citações 1 e 2, também nominaria este Rei Mago negro, e o identificariam como uma nação, o Rei do Congo.

3.2.4 O Rei do Congo

Outra característica importante é a apropriação das identidades deste Santo Rei negro, elas variam nas representações entre os próprios santos negros, como é o caso da Citação 1: "Esse negro, sabe quem que é? É o Rei Gaspar, que é o São Domingos filha". Segundo Mary Karasch, em seu livro, *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, de 1808 a 1850,* este santo seria: "São Domingos: fundador dos dominicanos; representado como um monge, com um rosário; igreja e irmandade com o seu nome" (KARASCH, 2000, p.359). Podemos ver que, mesmo com algumas alterações no relato do mito, estamos diante de uma tradição oral que foca nestes três personagens e em seus estereótipos de santos míticos, ligados à identidade negra.

Retomando o livro de Mary Karasch, ao focar na participação dos negros nos grupos sociais e religiosos, os santos negros exerceriam uma forte influência entre os negros, principalmente: "Os santos negros, desnecessário dizer, eram muito populares entre os escravos. São Benedito reinava na igreja do Rosário, enquanto Baltasar, que se acreditava ser o terceiro rei mago e rei do Congo, era o soberano da Lampadosa." (2000, p.373). No quadro de descrição dos santos no o período trabalhado por Karasch, vemos novamente o Rei Mago negro sendo descrito como: "São Baltasar Rei do Congo, um dos Três Reis Magos; imagem no altar principal da Lampadosa." (2000, p.360).

Neste ponto da representação do Rei Mago negro, como Rei do Congo, somos amparados por uma gama de informações historiográficas sobre tal apropriação. No livro de Marina de Mello e Souza, *Reis Negros no Brasil Escravista,* vemos que dentro das coroações dos reis do Congo tem a representação do mito de um herói-fundador, ligando as comunidades que o coroavam à África natal, abrindo possibilidades de negociações dentro da sociedade escravista. Revelando para os negros as reafirmações de identidades africanas e também sua ligação à fé religiosa, já para os senhores era uma forma de reafirmar uma sociedade escravista e suas relações patriarcais. Estas coroações eram feitas nos dias de reis, dia 6 de janeiro.

Outro autor a trabalhar esta questão de apropriação do Rei Mago negro, seria José Ramos Tinhorão, em seu livro, *Os negros em Portugal.* Ele conclui que o culto dos negros

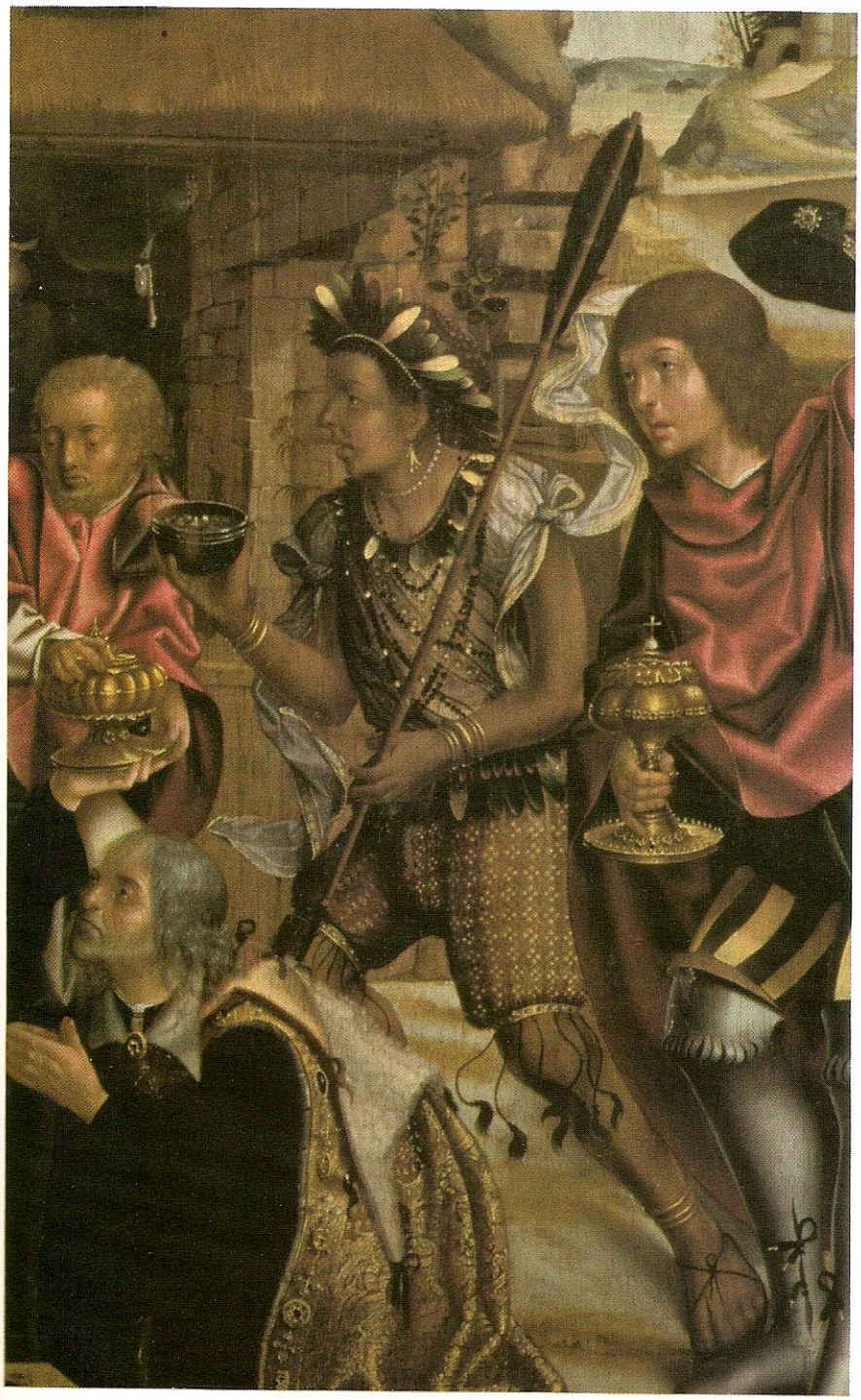
aos Santos Reis, teria sido estimulado pela presença do rei Baltasar, representado como negro, no: “retábulo que representava a visita dos Reis Magos a Belém na Igreja de São Domingos.” (TINHORÃO, 1997, p.151).

Devido à dificuldade em encontrar a imagem presente no retábulo da Igreja de São Domingos, vamos analisar duas imagens que são contemporâneas a esta e retratam exatamente a apropriação e representação destes três Reis Magos, vindos do Oriente. Elas servem para mostrar o quanto as representações do Oriente variavam de acordo com as visões de mundo dos europeus, ora representa as possibilidades de riquezas, ora representa o selvagem. Este foco na representação dos Reis do Oriente pelos artistas pode estar ligado às profecias contidas no Antigo Testamento, mas mais precisamente em Salmos 72: 10-11: “Os reis de Társis e das ilhas lhe trarão tributo; os reis de Sabá e Seba [Arábia] oferecerão presentes. Todos os reis se prostrarão perante ele, e todas as nações os servirão”. Provavelmente as apropriações das características do Rei Mago negro estão intimamente ligadas a esta passagem bíblica e expostas em suas representações.

As duas imagens tratadas abaixo, servem como exemplos de como tais apropriações estão sendo representadas nas imagens que retratam a adoração dos três Reis Magos, ao menino Jesus. Este seria um terreno fértil para as mais variadas representações dos Reis Magos, podendo exercer a figura de um possível índio brasileiro, ou de um mulçumano com suas riquezas.

Fonte: MAGALHÃES, 1995, p.95
Figura 1: Vasco Fernandes (c. 1501 - 1503)

Esta pintura trata-se de pormenor do quadro de Vasco Fernandes, *Adoração dos Reis Magos* (c. 1501 - 1503), e está no museu Grão Vasco, Viseu.



Fonte: MAGALHÃES, 1995, p.282.
Figura 2: Jorge Afonso (c. 1520-1530)

A segunda imagem é de autoria de Jorge Afonso, (c. 1520-1530), Museu de Setúbal. Repare bem que, na primeira estampa, o detalhe do índio deve-se, provavelmente, ao fato de que o quadro foi feito com o Brasil tendo sido recentemente descoberto. Estes casos servem

de exemplo de como a apropriação e representação da imagem dos Reis do Oriente oscilam de acordo com a sua conjuntura histórica.

Estas duas pinturas foram escolhidas justamente pelo período em que datam, podemos ver o quanto as apropriações destas imagens pintadas, dos santos Reis, serviram para representar o Oriente, no período da Expansão Marítima. Repare nas ornamentações do Rei Mago negro da primeira pintura, tem traçados fortemente ligados aos estereótipos da península arábica, sua espada ornamentada em ouro e joias, seu turbante na cabeça, o presente oferecido ao menino Jesus nos remete ao ouro, os demais reis levaram mirra e incenso. Tais representações podem estar ligadas às riquezas promissoras do Oriente.

Já na segunda pintura vemos a apropriação da imagem do indígena para representar o Rei Mago de pele mais escura, uma figura mais mística ligada à natureza, com os seus penachos e seus cordões de bolinhas pretas, que, possivelmente, são sementes. Trazendo um bastão (ou flecha?) em sua mão esquerda e seu presente oferecido nos remetem à visão européia do nativo encontrado no Brasil. Mais uma vez mostrando o quanto o oriente é representado como o outro (CERTEAU, 2007), ora promissor ligado às suas riquezas, ora místico com uma ligação forte à natureza.

Duas imagens que servem para reforçar a afirmação de José Ramos Tinhorão, de como a representação do Santo Rei negro serviu para estimular o culto, a estes reis pelas irmandades leigas em Portugal. Uma herança herdada pelas irmandades leigas no Brasil, que estaria ligada a esta necessidade de uma identidade, um símbolo para ser apropriado e representar o herói mítico que origina aquele determinado grupo. Em resumo, representar o elemento aglutinador daquela comunidade religiosa.

Para apresentarmos melhor esta conjuntura histórica, mencionando os fatores que possibilitou a apropriação das imagens nas formações das irmandades de negros, em Portugal, além das obras já citadas, citamos um trecho do artigo de Lucilene Reginaldo: *"África em Portugal": devoções, irmandades e escravidão no Reino de Portugal, século XVIII*. Neste trabalho a pesquisadora procura discutir a história das irmandades que congregavam escravos e libertos africanos e seus descendentes em Portugal neste período. Mas, para isso Lucilene traça um panorama geral da historiografia da escravidão no contexto português, trabalhando com as possibilidades conjunturais para a formação das irmandades de negros e suas identidades. E é neste contexto que encontraremos o período que possibilitou essa apropriação da imagem do Rei Mago negro.

> Na década de 1580, surgiram em Lisboa duas confrarias exclusivamente de negros: a de N. S. de Guadalupe, mais tarde denominada N. S. de Guadalupe e São Benedito, no convento de São Francisco, e uma outra, sob a invocação de Jesus Maria José, no Convento do Carmo. Nos séculos XVII e XVIII, Lisboa assistiu ao nascimento de mais irmandades de negros. No início do XVII foi criada a irmandade do Rosário dos Pretos no Convento do Salvador; e a partir daí, até meados do século XVIII, os negros em Portugal instituíram mais três confrarias: a do Rosário a Resgatada, no Convento da Trindade, N. S. do Rosário dos pretos, no Convento da Graça e, finalmente uma outra confraria sob a invocação de Jesus, Maria, José, esta agora no Convento de Jesus, dos religiosos franciscanos (LAHON, 1999B: 140-141). Ainda no século XVIII, foi criada a Confraria de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos Reis Magos; teve vida efêmera, mas renasceu, sob a mesma invocação, na primeira metade do século XIX. O surgimento das confrarias de negros expressa o crescimento desta população em Portugal, e, sobretudo, a importância que este tipo de associação foi adquirindo entre os africanos e seus descendentes no Reino. (REGINALDO, 2009, p.296-297)

Desta forma, podemos compreender como existiram mecanismos dentro da sociedade escravista, que davam possibilidades aos negros de se reorganizarem e rememorarem suas identidades, dentro do seio da religião católica. Em Portugal assim como no Brasil, estas irmandades religiosas leigas serviam como sociedades de sepultamento, organizações de ajuda mútuas e centros de vida devota em todo o mundo ibérico, como relata Elizabeth Kiddy, em seu texto: *Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil*. Esta autora menciona que estas irmandades leigas patrocinavam muitas das festas que permanecem até os dias atuais. Kiddy diz que:

> A familiaridade dos centro-africanos com os símbolos, rituais e organizações católicas, combinada com uma crença na estrutura hierárquica da sociedade e no papel de ritual dos reis, fez das irmandades religiosas leigas um lugar ideal para recriar uma comunidade africana no Brasil (KIDDY, 2009, p.170).

São estas as características que permitem enxergar, que tais práticas religiosas, estão longe de ser inventadas ou impostas por uma cultura europeia, em detrimento da africana. Na realidade estes espaços de apropriações e representações se revelam um processo que data desde os primeiros dias da escravidão no Brasil e em Portugal. Estas ações conjuntas que se transformam em tradições não sobrepõem à cultura ou religião africana à europeia, nem as práticas europeias em relação à africana, mas servem para manter a comunidade africana no seio de uma sociedade escravista. É na realidade um prosseguimento de um processo de síntese cultural combinadas de uma forma criativa que funcionavam para os africanos em uma nova terra gerando a manutenção da comunidade escrava. (KIDDY, 2009, p.191). E, que se mantem até os dias atuais, nas memórias e na tradição oral dos praticantes destes festejos.

Ao retomarmos os aparatos teóricos metodológicos de Chartier, poderemos compreender como as práticas se tornam elementos que permeiam as relações sociais. Segundo este autor: “o ‘sentido prático’ que regula as condutas cuja trama define as

identidades e as relações sociais" (CHARTIER, 1995, p.191). Em seu livro *A História Cultural*, este historiador cita o exemplo do estudo de Michel de Certeau, sobre como as práticas de consumo também revelariam as apropriações e representações:

> Ler, olhar ou escutar são, efetivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem à toda-poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência. [...] Estas tecnologias da vigilância e da inculcação têm de fato de estar em sintonia com as táticas de consumo e de utilização daqueles que elas têm por função modelar. Longe de terem a absoluta eficácia aculturante que se lhes atribui com demasia frequência, esses dispositivos de todas as ordens (de que fazem parte numerosos materiais que são geralmente objeto da história cultural) concedem necessariamente um lugar, no momento em que são recebidos, ao distanciamento, ao desvio, à reinterpretação. (CHARTIER, 1990, p.59-60).

Desta forma, vemos como as práticas de consumo de Certeau se tornam um lugar para o desvio, reinterpretação, tal qual podemos aplicar esta interpretação, no caso da Folia de Reis, e as táticas e usos deste folguedo religioso. Tornam-se um espaço para a apropriação da festa e representação dos praticantes, mostrando que em seu sentido prático existe muito mais que um processo de aculturação, uma tecnologia de vigilância, se mostra um espaço para a manifestação da cultura popular. Um âmbito que permite a fluidez das figuras dos santos, onde são Baltazar pode ser representado o rei do Congo.

4 CONCLUSÃO

Nestes três anos acompanhando o Mestre Fumaça pude conhecer um pouco mais dos caminhos dos mestres das Folias de Reis. Revelam-se como uma jornada realizada com ardor, dificuldades, sacrifícios e complicações, na manutenção do grupo. Mas também se mostra como um ato de devoção que representa o cumprimento da *missão deixada pelos santos Reis*, apropriado pelos foliões que embebem estas festas com a construção e reconstrução de suas identidades. Um desafio superado de maneira festiva por um senhor de setenta anos que leva, junto à sua família e amigos, a bandeira da Folia de Reis, Nova Flor do Oriente, à casa dos devotos anualmente. Agradecendo aos santos a possibilidade de realizar sua festa do arremate, e participar das dos demais mestres, redistribuindo as dádivas recebidas.

Este território da festa se tornou nas páginas desta dissertação um objeto da História, o que contemplamos aqui foi uma aproximação do tema junto a historiografia das festas, mostrando que estas também são meios de compreensão do social, revelando, através de suas apropriações e representações, a história daquele determinado grupo. Nas Folias de Reis, estas festas seriam espaços de rituais rígidos para com todos os componentes do grupo, até mesmo aquele que representa o caos, o palhaço. O mestre e o palhaço são as figuras mais expostas dentro destes festejos, vimos a questão da manutenção da autoridade destes dois componentes, mesmo que, de maneira inversa, porém, um expressar de maneira errônea das profecias ou as chulas pode representar a fragilidade de todo o grupo.

As análises das festas foram embasadas nos três conceitos chave de Roger Chartier, apropriação, representação e prática. Dentro destas categorias fizemos uma relação com as outras ciências sociais, o que permitiu dar a voz aos integrantes da Folia de Reis, bandeira Nova Flor do Oriente. A estruturação das narrativas dos fundamentos do Mestre Fumaça foi amparada pelos elementos da História Oral, através das representações e apropriações, que analisamos a Tradição Oral do Mestre. Esta tradição permearia, não apenas o rito, mas a vida dos foliões e devotos.

Os espaços das festas não estão confinados aos integrantes das Folias de Reis daquela determinada bandeira, muito pelo contrário, as saídas das bandeiras de Reis montam um circuito que garante a manutenção das relações sociais, se estendendo aos mais variados

grupos. O compromisso dos foliões de realizar a missão sagrada ao levar a bandeira à casa dos devotos, representaria a realização dos santos Reis de levar os presentes ao menino Jesus. Esta responsabilidade de partilhar as bênçãos concedidas recai para a figura em destaque da folia, o mestre. Mas a participação de cada folião instrumentista é crucial para a realização deste feito.

Os circuitos das festas realizadas pelos foliões, seja as festas do arremate, seja nas jornadas das folias, mostram um espaço de sociabilidade que permite a manutenção do rito dentro daquele grupo. Em alguns casos, os devotos que abriram as portas de suas casas foram integrantes de folias paradas. Essa relação do Mestre Fumaça para com estes também seria uma forma de manutenção de sua autoridade, trazendo alguns integrantes de folias inexistentes para a bandeira, Nova Flor do Oriente.

Assim como as festas, os foliões foram estudados no capítulo dois desta dissertação e vimos que os mais antigos partilham de uma experiência migratória. Essas experiências são revidas pelos reiseros, no momento da entrega de suas bandeiras, nos terreiros, na mesa posta pela folia anfitriã, na festa do arremate, nas casas mais humildes visitadas pelos foliões. São suas vivências que vem à tona, na prática deste rito. São lugares de re-memorações, re-presentificações, comemorações, elemento aglutinador entre os praticantes, todos eles manifestados na realização das missões dos Reis Magos. Tais práticas culturais são ritos de construção e reconstrução da identidade destes indivíduos no âmbito urbano, Stuart Hall faz uma analogia sobre esta questão de manutenção da identidade e esta experiência migratória:

> Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de 'tribo', diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligado ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de 'tradição', cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua 'autenticidade'. É, claro, um mito – com todo o potencial real de nossos mitos dominantes de moldar imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2003, p.29).

São práticas de enraizamento destes, nas cidades. Recriando a identidade e partilhando a experiência de grupo, remontando seu território em outra localidade. Tudo isso proporcionado pela Folia de Reis. É o seu território sendo reconstruído nos terreiros dos mestres, ou na casa dos donos das folias, se preparando para as suas saídas no período de jornadas, ou então nos recintos dos devotos, que abrem suas portas de suas casas para a entrada da bandeira, recebendo as bênçãos dos mestres. Também nos terreiros das festas do arremate que se preparam para redistribuir as dádivas recebidas naquele ano, para todas as folias mais próximas.

Toda esta estrutura ritual está amparada por um mito de origem destas festividades, assim como a citação de Hall menciona, capaz de influenciar e moldar o caráter do grupo de foliões. Esta foi a pretensão do terceiro capítulo desta dissertação, o exercício de buscar na narrativa do Mestre Fumaça os caminhos contidos na sua tradição oral para a realização da jornada de sua Folia de Reis.

Encontrar no mito de origem dos santos Reis Magos, não uma contradição, pois ao analisar as memórias do Mestre e dos foliões não encontramos uma dicotomia excludente entre o sagrado e o profano. Estas memórias repercutem nas narrativas do mito, que não inviabilizam o caráter festivo da devoção. Afinal, o realizar das folias seria, "as missões deixadas pelos Santos Reis", que mostram estes santos, não como exterior e distante dos foliões, mas próximo à realidade destes participantes do folguedo. Os santos se tornam o elemento chave na construção da narrativa, refletindo o sujeito da narrativa, um santo folião.

Também pudemos ver a perpetuação de determinadas características importantes, contidas dentro dos fundamentos, a figura do Rei Mago negro associado ao Rei do Congo. Essa informação nos abriu o caminho para a compreensão de como este festejo católico foi apropriado e representado entre os grupos que o realizaram se tornando um foco de resistência da memória dos negros, remetendo no espaço deste folguedo um potencial de manifestação da experiência diaspórica. Tais manifestações puderam ser manifestadas em uma conjuntura histórica de negociações e conflitos, seja no período colonial, sociedade de corte, Brasil Império ou Brasil República.

Desta forma, procurar o caminho dos mestres não foi apenas tentar acompanhar os detentores das tradições orais e a relação destas com suas vidas, foi tentar inserir estes mestres no caminho acadêmico. Incluir seus conhecimentos junto à metodologia histórica para a validação desta, nas instituições, compreender suas práticas como representações e apropriações, chaves de leituras da Cultura Popular.

As lutas pelo processo de patrimonialização parecem estar à parte do cotidiano destes foliões, o estudo do segundo capítulo demonstrou quem seriam estes brincantes e suas relações dentro das Folias de Reis. A participação neste universo religioso traz questões de inter-relações familiares, as visitações nas casas dos devotos de bandeiras paradas que possibilita a manutenção destes grupos religiosos, suas resistências encontradas nas saídas das bandeiras e nas dificuldades de manter o grupo unido. É dentro desse quadro que se estabelecem as dificuldades de uma projeção política destes praticantes de reisados, não há

este tipo representatividade entre os foliões, as batalhas dentro do campo das leis são exercidas por outra camada da sociedade. Verônica Cruz menciona que:

> Embora esses brincantes não expressem verbalmente essa luta, talvez por não pertencerem à camada social que compõe a 'norma culta' da sociedade (geralmente esses foliões não tiveram acesso a escolarização e consequentemente não frequentam os mesmos espaços da elite) (CRUZ, 2011, p.81).

A possível ausência dos praticantes de Folias de Reis, no campo da patrimonialização, estaria expressa nas suas ocupações. A falta de escolarização dos integrantes, a dura realidade dos migrantes, do estado do Rio de Janeiro, acaba por redirecionar para as elites a tarefa de representá-los, neste âmbito político. A questão da profissão destes reiseros, abordada por Cristiane Araujo, pode se revelar como um possível fator para a desarticulação política destes foliões:

> Aposentados, pedreiros, domésticas, auxiliares de serviços gerais. Essas são as profissões da maioria ds foliões. Pessoas com empregos de médios a baixos salários, e alguns, ainda, com vida precaria, como o próprio mestre Lourinho, que mora num bairro de difícil acesso e em difíceis condições de saneamento básico. O grau de escolaridade não foi pesquisado, mas com a observação durante as perguntas colocadas, ficou percebido que esse perfil se repete com clareza: pouca escolaridade, em sua maioria. Não há uma assimetria perceptível entre os integrantes quanto à questão econômica, portanto são os saberes e as vivências que balizam a posição do folião no grupo. (ARAUJO, 2010, p.100)

A resistência para a manutenção das Folias de Reis, no município de São Gonçalo, está expressa nestes festejos como espaços de religiosidade e sociabilidade, que possibilitam os relacionamentos entre os integrantes das folias. Os incentivos familiares são essenciais para dar continuidade a estas vivências. No caso da bandeira do Mestre Fumaça, foi com a contribuição de suas filhas, que sua bandeira voltou a sair. Após o abandono por parte dos filhos e parentes do gênero masculino, que as "mulheres da casa" tomaram a iniciativa de fazer com que o Mestre Fumaça voltasse a sair com sua bandeira. Por isso a questão de gênero ser tão forte nos relatos encontrados sobre a bandeira, Nova Flor do Oriente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, São Paulo: FAPESP, 1999.

_____. Cultura Imaterial e Patrimônio Histórico Nacional. In: _____; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. *Cultura Política e Leituras do Passado*: historiografia e ensino de história. Editora Civilização Brasileira, 2007.

_____. Festas Religiosas no Rio De Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 183-203, 1994.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral.* 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.*). Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ARAUJO, Cristiane Guimarães de. *Celebrações populares em São Gonçalo – RJ*: folia de reis. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. As Formas e imagens da festa popular na obra de Rabelais. In: _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993 p. 171-241.

BAUMANN, Gerd. Ritual implicates 'Others': rereading Durkheim in a plural society. In: DE COPPET, Daniel. *Understanding Rituals.* London: Routledge, 1992, p. 97-116.

BITTER, Daniel. *A Bandeira e a Mascara*: A circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/ CNFCP, 2010.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd; BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola.* Petrópolis : Vozes, 1981.

BRIGGS, Charles L. The Politics of Discursive Authority in Research on the ´Invention of Tradition. *Cultural Anthropology*, v. 11, n. 4, p. 435-469, 1996.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*, São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia.* Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *A invenção do cotidiano: 1*, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n. 16, p.179-192. 1995.

_____. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José.* Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2009.

CHAVES, Wagner Neves Diniz, *Na Jornada de Santos Reis*: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico. Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2003.

COUTINHO, Delzimar do Nascimento; NOGUEIRA, Marcus Antônio Monteiro. *Folias de Reis Fluminenses*: Peregrinos do Sagrado. Rio de Janeiro: INEPAC. 2009.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição Oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CRUZ, Verônica Inaciola. *Folias de Reis em São Gonçalo*: irmandade e patrimônio. Rio de Janeiro: São Gonçalo Letras, 2011.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos. In: _____. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 35-66.

DARNTON, Robert. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto. In: _____. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, p. 141-190.

DOSSIÊ das matrizes do samba no Rio de Janeiro. Documento elaborado pelo IPHAN. Disponível em: <www.iphan.org.br>. Acesso em: 20 jul. 2008.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa.* 3. ed. São Paulo: b Martins Fontes, 2003.

FRADE, Cássia. *Folclore.* São Paulo: Global, 1997. (coleção para entender, 136).

_____. (Coord.) *Guia do Folclore Fluminense*. Rio de Janeiro: Presença; Inepac/Divisão de Folclore, 1985.

FREIRE, Renato Coelho Barbosa de Luna. *Cidades da cidade*: práticas e representações da política municipal da nova São Gonçalo/RJ – 1950–1954. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

GOMES, Tiago de Melo. Para além da casa da tia Ciata; outras experiências no universo cultural carioca, 1830-1930, *Afro-Ásia*, v. 29/30, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: Istvan Jancso; Iris Kantor. (Orgs.). *Festa*: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 2001, v. 2, p. 969-975.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (Orgs.). *Território, territórios*: ensaios sobre ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: _____. *Da diáspora*. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

HARVEY, David. A experiencia do espaço e do tempo. In: _____. *Condição pós-moderna.* São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEYWOOD, Linda M. (Org.*). Diáspora negra no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2009.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições.* Rio de Janeiro Paz e Terra, 1997.

KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850).* São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

KIDDY, Elizabeth. Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil. In: HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

LUICINI, Marizete; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira; MIRANDA, Sonia Regina. Na esteira da razão histórica: olhares e diálogos com a obra de Jorn Rüsen. In: ZAMBONI, Ernesta. *Digressões sobre o ensino de história.* Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007. p. 19-71.

MAGALHÃES, Joaquim Romero (Org.). *História de Portugal*: Volume 3 - No Alvorecer da Modernitade. Lisboa: Estampa, 1995.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; BRANDÃO, Patrícia Couto. *O meu pai contava...*: tradição oral e identidade negra no sul fluminense. Relatório encaminhado ao INCRA, 2009.

MEIHY. Luis Carlos Sebe B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993.

NUNES, Clarice. *Das políticas públicas à história da formação docente e às memórias dos professores do estado do Rio de Janeiro* (Volume 1). Rio de Janeiro: UFF, 2007.

ORTIZ, Renato. Cultura *popular*: românticos e folcloristas. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985.

PEREIRA, Luzimar Paulo. *Os Giros do Sagrado*: Um Estudo Etnográfico Sobre as folias em Urucuia - MG. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2009.

PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres da Caixa e da Viola. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 26., 2003, Poços de Caldas (MG). Apresentado no Grupo de Trabalho 06 Educação Popular.

POLLAK, Michel de. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REGINALDO, Lucilene. África em Portugal: devoções, irmandades e escravidão no Reino de Portugal, século XVIII. *Histõria* (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), São Paulo, v. 28, n. 1, pp. 289-319. 2009.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: Jacques Revel (Org.). J*ogos de escalas*: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

_____; CERTEAU, Michel de; JULIA, Dominique. A beleza do morto: o conceito de cultura popular. In: _____. *A invenção da sociedade.* Lisboa: Difel, 1989. p. 49-75.

RIOS, Sebastião. Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 9, n.1, pp. 65-76, jan./jun. 2006.

RONCAYOLO, Marcel. Território. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. V. 8. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986.

RÜSEN, Jörn. *História viva*: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Unb, 2007. p 103

RÜSEN, Jörn. (2009). *"¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*". Culturahistórica. [Versión castellana inédita del texto original alemán en K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rüsen, eds. (1994). Historische Faszination. Geschichtskultur heute. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, pp. 3-26.

SANCHIS, Pierre. A caminhada ritual. Religião e Sociedade, v.9, pp. 15-26, jun. 1983

SANTOS, Milton. A *Natureza do Espaço*: técnica e tempo / razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SLENES, Robert W. Malungo, Ngoma vem: África coberta e descoberta no Brasil. *Revista USP*, 12. 1991/92.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na Corte do Rio de Janeiro (1809-1890). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.), *Carnavais e outras f(r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campinas, Ed. Unicam: Cecult, 2002. pp. 281-310.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em Comum*: estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

_____. Folclore, antropologia e história social. In: _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.* Campinas: Editora da Unicamp, 2001. pp. 227-267.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Negros em Portugal*: uma presença silenciosa. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

_____. *As Festas no Brasil Colonial.* São Paulo: Editora 34, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 189-241.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História geral da África I*: metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p. 139-166. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese-1/>. Acesso em out. 2011.

VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão*: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964) Rio de Janeiro: FUNARTE : Fundação Getulio Vargas, 1997. p. 39-74.

_____; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5. p. 75-92. 1990.

Fontes

Catálogo do INEPAC

COUTINHO, Delzimar do Nascimento; NOGUEIRA, Marcus Antônio Monteiro. *Folias de Reis Fluminenses*: Peregrinos do Sagrado. Rio de Janeiro: INEPAC. 2009.

Entrevistas:

BILAC, Nélio dos Santos. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

CONCEIÇÃO, Bruno de Farias. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

MARTINS, Niraldo. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

MÁXIMO, Jorge Soares. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 04 de jun. 2010.

SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

SILVA, Geraldo da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

SILVA, Lucimar Barcellos José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

SILVA, Vera Lúcia Barcellos José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011

SOUZA, Maria da Penha. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 01 de out. 2011.

VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 02 de jan. 2011.

VIANNA, Leobardino. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 10 de mar. 2012.

Fotos:

Fotos tiradas nas festas dos dias: 27/06/2010 Bairro Antonina São Gonçalo: 63 fotos; 04/12/2010 Bairro Mutuá em São Gonçalo: 132 fotos; Centro Cultural Joaquim Lavoura dia 12/09/2010 com 200 fotos; Jornada no Bairro do Mundel em São Gonçalo: 169 fotos; Campo Grande: 237 fotos).

IBGE:

http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj

Internet:

Prova de seleção do magistério de 2007 realizada pela Fundação Ceperj (Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) prova de docente I:
http://www.ceperj.proderj.rj.gov.br/concursos/saogoncalo/Docente%20I_comum.pdf

Legislação:

Lei nº 1989 de 23/04/92 isenta os grupos de Folias de Reis da obrigatoriedade da licença especial expedida pelas Delegacias de Policia.

Lei nº 4509 de 13/01/2005, passa a vigorar com a seguinte redação em seu Art. 1º
Art. 1º- Ficam os grupos de Folias de Reis expressão de cultura popular das mais significativas do Estado do Rio de Janeiro, isentos da obrigatoriedade da "Licença Especial" expedida pelas Delegacias de policia, desde que organizados em associação, sem fins lucrativos e com objetivo de preservação, conservação e incentivo ao folclore brasileiro".

Projeto de Lei nº 132/2008de autoria do Vereador José Augusto Abreu.

Projeto de Lei n° 155/2007 do Deputado José Nader.

Vídeo:

JONGOS, Calangos e Folias. Hebe Mattos; Martha Abreu. Niterói, 2007. 1 DVD

ANEXO A - Tradição Oral de Mestre Fumaça

SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Mendel Souza. Rio de Janeiro, 07 de abr. 2010.

Foi 1810, 1801. Desculpa ai, mas foi nascida em 1801. Vinda de Portugal pro Brasil, que o Brasil trouxe um pessoal lá de Portugal para construir obra aqui no estado de Minas. Ai chegou ai assim, aquela turma né. À noite eles... quer dizer, chegava fim de semana eles não tinham o que fazer ai, quer dizer, vem aqueles de lá que na aldeia portuguesa tocavam o reis lá, formaram aqui em Minas e começaram né. Ai eles seguiram, foram, foram fazendo, ai dos mineiros passou para os capixabas, que é do Espírito Santo, ai do Espírito Santo atravessou ai chegou aqui no Rio de Janeiro. Mas só que cada um teve a sua origem, os mineiros tem uma origem, os capixabas tem outra e aqui no Rio tem outra. Só que o pessoal do interior, eles cantam reis, tipo assim, lá em minas tem pouco tempo eles saiam assim dia 24 de dezembro ai sai e vai embora, aonde eles param aqui, quem dá comida para, para os outros comerem, interior né. Mas nas cidades, por exemplo, o povo não pode fazer isso porque eles tem o compromisso de trabalhar, pois na cidade é... de segunda até sábado, até sexta a maioria tudo tem compromisso então as pessoas que gostam coitadas, e uma vez muitos né, não podem, um é motorista de ônibus, outro é vigia, outro trabalha de porteiro, como que eles podem cantar reis. Então, o nosso reis aqui é aproveitado por pessoas assim, aposentadas, pelas pessoas assim de menor e agente vai catando assim, aquelas pessoas que gostam que tenham condições de acompanhar, né. Então aonde que as pessoas vai, gosta e quer manter aquela responsabilidade, forma aquele grupo só que tem lugar as vezes que tem pessoas as vezes, vamos supor assim aqui em São Gonçalo por exemplo, nós tínhamos doze folias de reis, vindo de anos atrás, doze folias de reis.

E você chegou a participar?

Dessas de São Gonçalo? Participei, assim eu brincava de palhaço.

Tem idéia de que década, de mil novecentos e quanto?

Da época daí? Ai eu rodo no Reis de São Gonçalo desde... de 1960.

E desde então tinha os 12 reisados?

Tinha, São Gonçalo tinha. Os mestres daquela época, os mestre daquela época 60, 65, 68 por ai assim, foi passando os tempos né? Foram morrendo, foram morrendo e as famílias dos que ficaram, ninguém quis manter, o negócio é a responsabilidade que o reis dá trabalho, o reis é uma coisa que, pouquinha, pequenininha, mas dá trabalho agente. Você, assim no sábado nó vamos sair [por exemplo] ficamos esperando até que um chega o outro não chega, a cabeça da gente esquenta, até você ver tudo formado dentro de casa, até você botar na rua e fazer a viagem, é uma luta, é uma luta, sua cabeça se preocupa, a responsabilidade as vezes, o folião não vem, mas vezes vem outro, você tem que estar modificando tirando um que faz uma coisa pra fazer outra, as vezes esquenta muito a cabeça da gente. A pessoa tem que ter responsabilidade, se não tiver responsabilidade você não cria não. Principalmente começando daí encurtar a bebida. Chegamos em um lugar, comemos e bebemos e coisa e tal, mas só que nossa missão é uma missão religiosa, nós não podemos entrar em botequim, o reis é uma coisa para se cantar assim em salão particular, em casa de família. Nós não somos pessoas de chegar e parar em porta de botequim e ficar cantando, nós passamos, se você tem um botequim, se quiser receber o reis, você tem que, pela obrigação de você pedir...

Você tem a casa do senhor? Tem [exemplo]. E tem a casa dele e agente vai te receber você lá, particular, porque reis não é para parar em porta de bar, tomando cerveja, bebendo fazendo estas coisas e coisa e tal né, como carnaval, pagode não né. Nós temos responsabilidade com o nome de Deus, o nome dos magos né, que nós rezamos para os três reis magos em nome de Jesus, que aquilo dali foi a visita de Jesus quando nasceu, quando veio ao mundo determinou, mandou o profeta Jeremias anunciar que seu filho vinha ao mundo para ensinar o povo o caminho da salvação. Então os magos nasceu ali, os três reis foram avisados pelo anjo que quando o messias nascesse, que eles ia... que seria, visasse que os pastores iam ser avisados depois. Portanto quando Jesus nasceu o anjo foi a Belém, avisou os pastores, dali foi ao Oriente e avisou os reis magos, os magos foram avisados, Belém... em Jerusalém, lá no Oriente que Jesus era nascido. Aí primeiramente a chegar a Jesus, os pastor de Belém, os pastor de ovelha de Belém, que eles quando recebeu o anuncio pelo anjo, o

profeta João Batista pregava que estava próxima a vinda de Deus numa família, que ia vim em uma família, mas não sabia quem né, não esperava que seria anunciada Maria de Davi. Ai foi rolando, foi esperando, esperando, o tempo foi chegando, foi chegando, foi chegando, ai foi nessa época o Cesar Augusto e o Isaías os homens que davam as ordens das leis na cidade de Belém. Aí eles ficaram assim... nunca descobriram, não sabiam que por onde via, por aonde ia vim, coisa e tal. Então, olha só, o que eles fizeram, promoveram uma festa em Belém, uma páscoa em Belém pra... mandou chamar o povo todo, as famílias todas o povo ficou assim, o município né. Vamos supor assim, para entender assim: Você, nós moramos em São Gonçalo né? No município de São Gonçalo, pensa em alguma coisa, em uma família do município o que eles faz? Eles começam a convidar o povo, dá uma ordem ao povo para poder ver a família que... né? Assim eles fizeram, não tinha por que, as famílias que... eles não esperavam que Jesus viessem por uma virgem, que não conhecesse o varão e pá, pá.

Ai começou a chamar todo mundo, ai deram uma ordem, para eu as famílias todas viessem antes do dia 24 de dezembro, que as famílias viessem pá, pá, para que as famílias viessem fossem a Belém no cartório para se alistar para quando se assiná seu messias, mas qual família [exemplo]: família de fulano de tal, ai já ia saber,mas como foi uma coisa ao contrário.

Ai, são José era carpinteiro de... da... era carpinteiro, da carpintaria de Belém. Ai José era namora... era ... carpinteiro de Belém, ai ele foi... só que ele morava em, digamos assim, vamos supor assim que: que aqui é o centro de São Gonçalo, ele morava lá para os cantos de Santa Izabel, lá para um lugar deserto... até então os trabalhos dele ela para lá com aquele povo, cortar madeira para um, cortava para outro, ai quando José tinha... Maria, quando chegou aquele decreto para ele assim:

- Ih, já está em cima do prazo, o prazo termina dia 24!

Diz que o menino nasce dia 25, o prazo ia até o dia 24. Ele falou:

- Maria, nós vamos lá cumprir esse dever! Que é ordem da lei.

Quando ele chegou em casa e falou com Maria, para ela pega e se arruma amanhã que eu vou para o trabalho faço uma ordem até o meio dia, ai quando eu voltar, nós vamos trajar e vamos a Belém se alistar. Ai saiu de casa e quando voltou, ai se encaminharam para Belém, no cartório para se alistar, que ele era ainda, ainda, ainda casado, porque era de família desconhecida. Ai caminharam, mas só que Maria já tinha o prazo vencido da gravidez, ai caminharam. E quando, porém, assim, quando ela recebeu a mensagem pelo anjo, mas essa foi uma coisa antes...

Eu to passando para você um detalhe da viagem da noite do nascimento deles.

Ai quando eles chegaram em Belém, conseguiram chegar lá, e ela estava com o prazo da gravidez vencido. Quando eles conseguiram chegar lá em Belém no cartório, o cartório estava fechado, e tinha uma faixa escrita: Prazo terminado. Ai José, isso era seis horas da tarde, ai José falo assim:

- Poxa, o que, que eu vou fazer?

Ai ele foi já eram seis horas da tarde, ele ia voltar lá para a Judéia, eles saíram de lá meio dia, de onde eles moravam, conseguiram chegar, andando hein!? Conseguiram chegar em Belém seis horas da tarde. Quantas horas eles andaram para chegar lá? Se imagina, você daqui a São Gonçalo, você faz 20 minutos. Imagina quantos eles andaram a pé, e a mulher grávida e o tempo em cima.

Ai ficou pensando, como ele não tinha amizade do pessoal assim da cidade, né. Eles foram criados assim no sertão, não tinha amizade com o pessoal da cidade. Ai saíram andando pela cidade a dentro perguntando se alguém dava uma pousada a eles para passar uma noite. E só recebiam "não, não, não tem aqui não tem, só recebia não". Quando conseguiu chegar... ai ele pensou assim, se sentiu acanhado envergonhado e voltou para trás, ai Maria falou para ele assim:

- Sabe de uma coisa José? Vamos se embora para casa, seja o que Deus quiser.

E foram andando, forma andando. Foram andando assim por fora da cidade e viram assim um pequenininho, uma estrebaria, estrebaria que hoje seria, como se diz assim, falava... estrangeira, um curral de boi, assim, foi ficava assim... ele foi e:

- Vou entrar aqui. E foi, vou entrar aqui.

Ai chamou a Maria:

- Vamos entrar aqui, vamos passar a noite aqui, que não chove nem nada.

E a... a cidade fazia frio era época de tempo frio, ai tava aquele, ai começou a trovejar e formar aquele temporal e armando para chover. Ai com medo né, ai ele entrou ali, naquele curral de boi ai deu um jeitinho lá né? Naquele capim sequinho, ai ela ficou ali deitada dormindo do lado assim tinha um gado, e ele ficou acordado, vigiando ela, e o tempo formou aquele temporal e a chover, querer chover e fazendo frio e gelo que a tendência do lugar lá, na Judéia... o frio lá... é muito frio né? Aquelas terras deles, estrangeiras lá.

Ai foi, quando foi daí a pouco ia passando e pá e pá, e deu meia noite, e quando deu meia noite ela se sentiu mal e a criança nasceu. Nasceu e ela ficou maluca sem saber o que fazia e ai

começou, e aquele gado e ela sozinha, e coisa e tal e [José] foi andando para ver onde tinha uma casa, uma pessoa, um agasalho alguma coisa, mas preocupado por ter deixado ela lá a trás, ai ficou assim, mas não saiu, ficou ali preocupado, esperando, aguardando. Ai rapidinho também passou a madrugada amanheceu, ai começou a passar gente e ele chamando e começou a chegar... Ai começou né? E o pessoal se declarando ai perguntou:

-José você mora aonde?

-A eu moro lá na... na... confim da Judéia.

Que é lugar longe da cidade né. Tipo uma fazenda né. Tipo chega á em Araruama tem aqueles cantão lá. Naqueles cantão assim, ai você aquelas casinhas lá assim, então eles moravam em um lugar mais ou menos assim.

Ai daí o menino nasceu, ai começou assim aquele povo a se ajuntar e por milagre de Deus as pessoas começou a se ajudar ai depois, né. Seja feita a vontade de Deus.

Isso foi essa parte que eu to te falando é a parte da viagem, quando eles estiveram, e vieram a atender no cartório de Belém eles viajaram dos confins da Judéia e vieram pá a cidade e chegaram lá e aconteceu esse ato que o menino nasceu. Ai que se diz assim: isso é a viagem. Agora daí para a frente nós temos, quer dizer, ai para a frente nós temos a anunciação do nascimento. Que os pastor anunciaram.

Anunciação do Nascimento

Ai nesse intermédio que o menino nasceu, o anjo caminhou pra...que o anjo caminhou pra Belém, pra avisar os pastor que esperava a tempo, que os pastor seguia, orava e pedia a Deus para quando o messias nascer eles queriam ver. Os pastor de Belém, os pastor de ovelha. Ai o anjo foi lá e avisou a eles, que começou a dar aquela estrela, os astro assim, como um grande farol, parecendo e brilhando em cima deles, ai passou pra eles assim, quando ia ver era um anjo do Senhor. Ai ficou assim, pro pastor para eles não se abalar que era um anjo do senhor e ai trazer a mensagem que o messias era nascido na cidade de Belém. Que fossem procurar ai os pastor ta lá, o pastor ta lá que já morava perto de Belém. Ai partiram e encontraram o menino e oraram... e daí que vem a tradição.

Ai agente vamos voltar... daí pra frente que vem a tradição dos magos. Que o anjo desceu aos pastor de Belém, adorando o menino, tratando visitando, foi avisar os magos lá no Oriente nas terra do Oriente. Ai já era coisa longe! Pra você ver, era tão perto que eles fizeram em doze dias, andaram por doze dias, fizeram montados em camelos, sabe por quê? Porque camelo era o bicho que mais aguentava em viagem, e a distancia era tão longa que. La naqueles tempos não tinha condução né. E eles andavam por intermédio de cavalo e essas coisas assim, ai quer dizer eles foram, ai... eles foram, mas só que eles foram, mas só que os três reis não era tudo do Oriente, no Oriente morava o rei Baltazar. E o reis Gaspas era de uma país e o Berquior era do país dos negro das terras negras do Egito.

Ai, quer dizer eles trabalhavam, cada um com o seu serviço, dizia assim, encontrou dava nos astros comunicava que aguardassem que ia vim o filho de Deus os messias que ia ensinar o povo o caminho da salvação, todos os três achou. Ai os outros dois... ai então essa parte é assim por exemplo, você sabe que assim: em São Gonçalo tem um médico... bom mesmo assim na medicina... não tem o médico formado, faz clinico geral o cara estuda ele entende de tudo né? Ai, vamos supor assim, um cara de coração... do não acha nada no coração do cidadão, ai o cara tá sentindo alguma coisa, ai ele vem ao clínico geral perguntando isso assim, assim ,assim, quer dizer, o cara do clínico geral, o cara é mais especializado ele sabe de tudo ele é mais do que ele, ai ele faz esse pain... Assim foi o caso do... dos magos.

Um que veio de lá para encontrar o outro que o prazo estava vencido e o outro veio de lá, ai então o Baltazar que era o mago lá do oriente ele era mais diligente no trabalho deles... então: você sabe? Os três reis... até não é bom dizer essa parte, não é bom porque você pode dá essa gravação e depois descobrir o mistério, toda a arte tem um mistério, sabe por que eles eram reis?

Que nas terras deles lá todo mundo que tem um trabalho, uma graduação é um rei um trabalho de um rei, aqui no nosso país é diferente, aqui é diferente, tipo aqui em São Gonçalo, a Aparecida Panisset, ela é prefeita né? Lá na terra deles é o rei prefeito, vamos supor assim e tem uma coroa, tipo médico eles trabalham com uma coroa. Tipo uma deputada ela também é um rei deputado tal, tal. Aqui, tipo deputado João, deputado Manel, deputado Chico, deputado José, né? Lá na terra deles era tudo rei, então tinha os três reis, o rei Baltazar, rei Gastas e o Berquior, Berquior era do Egito da aldeia negra, lá da terra deles... mas... Baltazar que era mais forte, mas estudos, tinha mais alguma coisa a dizer ai eles foram reunir com eles para provava aquele mesmo trabalho que eles acharam no céu deles mas o trabalho deles lá na terra deles, como é que fala, como é o nome desses homens que fazem... “amanhã a tarde chove”? “terça feira sol, pá, pá” eles fala... é

meteorologista. Na terra deles é que falam era um rei meteorologista, mas em um outro sentido outra palavra estrangeira lá, então por isso que eles são conhecidos como reis existe ai.

Então quando eles vieram então lá tinha uma praça lá na praça da butina, aonde esse Baltazar sentava pra uns estudos assim para ele passar o dia estudando o tempo, olhando com os aparelhos dele ali naquela praça assim, então a noite ele fechava ele ia para a casa e se desposava e de dia ele vinha ali sentava e estudava ai ia para a casa. Então, ali que os outros dois vieram e se encontravam ele ali, ai eles conversaram e diz assim:

-Já está tarde, não vamos tomar seu tempo e ficar aqui!

-Nós vamos se recolher lá para casa que lá agente...

Ai eles foram lá para a casa dele quando conversaram, conversaram e quando viu já era onze horas da noite, e falou assim:

-Já está na hora da gente desposar.

Ai deram alimentação a eles... deu alimentação a eles, eles se alimentaram, ai quando eles dormiram, eles sentiu aquele estalo, estalou o teto da casa dele. Aquele clarão diferente clareou a casa dele e dali clareou lá a cidade. E eles ficou assim:

-Poxa! Clareou a cidade como assim? É muita distância!

Ai o povo... ai falou assim... ai levantaram... Ai o Baltazar disse assim... o Berquior o rei:

-O anjo nos disse a nós que a estrela ia vim avisar, olha ela ai, já nasceu o messias.

Disse Baltazar:

-Vamos procurar?

-Vamos!

-Pera ai mas como nós vamos?

Disse:

-Vamos arrumar uma maneira de agente ir.

Ai correu para lá, correu pra cá:

-E vamos prepara os camelos!

Que os camelos são animais que agüentam a viagem, os camelos bebem água uma vez por ano, comer eu não sei de nada não, mas só que água eu sei que eles só bebem uma vez por ano, e agüenta e para andar no deserto, na areia, eu sei que agüenta mais longo!

Ai eles arriaram os camelos preparam. Eu sei que eles andaram noite e dia, ai quer dizer vamos supor assim, andaram as partes da Judéia, andaram as partes da Judéia até chegar em Jerusalém, na casa dos reis Herodes. Quer dizer, nesse tempo né?

Herodes era quem dava as leis do mundo, então tudo que as pessoas quisessem saber, viajavam e perguntava, porque ele é que dava as leis do mundo naquela cidade, aquela, naquela, naquela e naquela e tudo era o reis Herodes.

Ai eles foram embora para lá. Ai quando chegaram lá eles foram viajando e passaram uma parte da Judéia e foram, foram, foram, gastaram mais ou menos uns seis dias andando de camelo de noite e de dia. Ai eles paravam assim e perguntava as pessoas a noite e como eles saiam para a viagem, ai eu vou...

Mas quando eles saiam para a viagem, ai eu vou... mas ai falou assim:

-Quem que vai dar sinal de quando chegarmos na cidade de nos reconhecer?

Ai disse Baltazar:

-Eu tenho aqui uma caixa, um triângulo e uma viola e ai nós fazemos assim que agente faz com os amigos!

Como eles diziam assim, uma palestinha:

-Agente faz assim uma palestinha.

Ai que, que ele fez, ele garrou e deu ao negro o triângulo, o Baltazar, o Gaspas levou uma caixa e o Baltazar levou a viola, porque ele que tocava a viola.

Então, o dia eles perguntavam e a noite eles chegavam nas casas da Judéia nos deserto nas casinhas assim para não caminhar errado eles cantavam, normal né? Eles cantavam e perguntavam:

-Como que nós fazemos para nós chegar até Belém?

Ai passou e diz assim:

-Para chegar até Belém vocês tem que ir e tem que passar primeiro na cidade de Jerusalém e depois que vai chegar a Belém.

Da onde, do Oriente da onde que eles vieram.

Ai eles foram, ai eles foram seguindo assim, até que quando fez seis dias as sete horas da manhã, eles chegaram na cidade de Jerusalém, ai perguntaram se sabiam onde tinha nascido o messias, pra Belém, como é que faz pra chegar até lá, ai o povo diz assim:

-Se quer saber de alguma coisa cê (você) vai na casa do rei, porque é rei que sabe das leis do mundo, ele é que da as ordens as leis, tudo que passa no mundo ele é quem sabe, ele é que sabe das coisas, ele é quem sabe onde é que nasceu esse rei.

Ai eles foram caminhando, para a casa do reis Herodes ai bateram palma chamaram, ai o guarda perguntou:

-Quer falar com quem?

-A quero falar com o rei.

-Só com o rei?

-Só com o rei.

Ai o guarda foi falar com o rei:

-Seu rei tem três homens que quer falar com o senhor.

Ai ele falou:

-Comigo? Três?

Ai falou:

-É? Então traz um aqui.

Ai trouxe um, o Baltazar chegou lá na hora, falou pá. Ai falou para o outro guarda:

-Fica você ai e traz lá o outro.

O outro guarda, o outro guarda levasse o outro rei lá o Gaspas. Ai chegou lá:

-Cadê o outro?

Ai ficou o outro guarda. Porque eram três guardas de plantão no palácio dele, porque no palácio dele tem três guardas... Ai o guarda foi lá e chamou, ai foi o nego:

-Sim senhor, bom dia.

Ele falou assim:

-Até você nego, velho desse jeito cansado entrar nessa, nessa bobeira ai.

E disse:

-É, que posso fazer minha conversa é nisso, minha conversa é a mesma.

Ai levou ai... foi isso ai...

-Eh, bom, eu não sei... novo rei, que rei? Rei nesse mundo que eu conheço sou eu, eu quem dou as leis, eu não to sabendo disso!

Ai falou assim:

-Como vocês fizeram pra chegar até aqui?

Eles falou assim:

-Até aqui a sua casa viemos seguindo a estrela.

-Vieram seguindo a estrela?! Agora cadê essa estrela?

-A não, até agora ela sumiu.

Ai o que eles falou para eles então:

-Já que vocês seguiram a estrela até aqui vocês voltam e seguem a sua estrela, se caso ela aparecer, e se vocês achá o novo rei e adorar ele, quando voltar avisa que eu também quero adorar.

Ai os três reis dispidiu da casa dele e saíram do palácio dele e dispidiram e seguiram em frente. Nisso que eles saíram ele [Herodes] não sofreu de esperar ele [os reis magos], eles de irem lá e voltarem, que... que ele fez? Garrou e mandou um dos guardas dele:

-Você o primeiro, você acompanha eles até aonde eles encontrar o novo rei entendeu? Ai eles seguiram, ai não fez e nem desfez:

-Ta bem seu rei muito obrigado, agradecido e até a próxima.

E seguiu a viagem e o guarda junto ali coisa e tal, deles foi acompanhado e quando passou o dia e coisa e tal, mas quando bateu a parte da noite e todo o lugar que chegava o guarda se escondia e quando chegava à parte da noite... na parte da Judéia 2 ai lá tinha muita casa e já era noite assim na beira da estrada todas as casas que eles chegava eles batiam, batia e cantava as pessoas via assim pra receber, ai encontrava eles cantando aquela música. O dono da casa ia, a família pra receber ali abria a porta, aquela lampar... aquele lampião né.

Ai o soldado de Zerodis gostou dá música ficava dançando pra lá e para cá, ai e coisa e tal, ai mas... por vergonha do povo lá dos interior por que é um cidadão já puro tomava conta da portaria do reis Herodes... Ai eles iam muito bem vestidos e aonde eles iam chegava e cantava ele ia lá e dançava ficava pulando em volta dele... a pessoa que chegava não aceitava, em vez de dar atenção a eles, dava atenção aquele palhaço que ficava lá dançado em volta deles pulando, ai falava assim:

-Puxa, olhe só um cara vestido de guarda, dançando e esses homens ai, como é que pode uma coisa dessas? E veja só?

E o cara tapava a cara pra ninguém conhece ele, né. Ficava com a cara tapada, pegava a roupa e tapava a cara e gostava de mode dançar os cara parava e ele parava também ai o pessoal perguntava:

-Porque que esse rapaz acompanha vocês?

-Não por que nós passamos na casa do reis Herodes lá em Jerusalém e o rei mandou eles seguir agente.

Ai dava esse recado, ai tudo bem né, ai perguntando dali informando e seguia pelo caminho, aonde parava produzia a mesma coisa, ai então aquele palhaço que nós carrega na folia de reis, é esse guarda que foi da casa de Herodes, ta lá ali que nasceu o palhaço da folia de reis. Na passagem dos magos de Jerusalém, na casa do reis Herodes ai quer dizer, portanto, nós temos o direito de carregarmos na folia de reis três palhaços, quem carrega mais já é de mais, já não está no direito da missão

Para representar cada um dos soldados?

Isso! Os três cada um representa um, então nós temos esse direito, de carregar três, ai o pessoal bota mais, bota dez, bota doze... já faz o... já passa do limite, então...

Quem versa é o palhaço?

Quem canta quem versa é o responsável da jornada, o mestre, ele é quem canta, quem reza a profecia.

A parte do palhaço faz a parte dele, a parte do palhaço é artista, faz a propaganda o negocio dele é fala batatá [?] fazer o povo rir, fazer graça, isso é a parte dele. Agora a parte, honestamente, em profecia é nossa o mestre tem direito, e o acompanhante é que acompanha agente.

Ai quando chegou na casa de... ai eles foram quando chegou, quando estava próximo da casa de Herodes, a estrela lá não apareceu mais. Ai eles foi até o trevo X da Judéia, o trevo X que se fala é uma coisa assim mais ou menos assim: você seque daqui de Niterói e vai quando você chega lá em cima que você parte, deixa eu ver, o itinerário aqui Itaboraí, Rio Bonito, vai segue assim passa Araruama, Cabo Frio, Friburgo ai né, segue então ai é o trevo né, então ai chegou ao lugar mais ou menos assim ali os... os magos, quando eles chegaram ali certinho naquele trevo ali:

-E agora o como nós fazemos?

Mas ai o nego respondeu assim:

-Mas o anjo falou que a estrela... antes de nós chegar ao menino a estrela que a estrela aparecia.

Quando ele acabou de falar a estrela apareceu... mas sendo assim por exemplo assim: o soldado de Herodes não estava acostumado com aquilo aquela coisa bonita no céu assim e coisa e tal e nunca tinha visto, aquele clarão deferente, clarão das estrelas assim, tudo brilhando tudo fazendo assim, ele ficou inibido olhando:

-Como é que podia?

Então a estrela podia, então ela rodava, ela rodava assim, ela estava andando, mas para ele ela estava parada, mas ela estava rodando assim e foi levando os magos estava acompanhando para

onde ela foi. E ele ficou parado quando chegou um determinado tempo que eles já estavam fora do soldado de Herodes né? Para ele não sabia aonde, a estrela apagou pra ele, pro soldado de Herodes.

Nisso que a estrela sumiu no céu apagou ele ficou perdido, olhou, caminho pra cá, caminho pra lá, caminho pra cá, caminho pra lá ele não sabia qual o destino. Ele se perdeu, se perdeu, a solução que ele teve? Foi voltar para Jerusalém, voltou, mas eles seguiram em frente a procura do messias. Ele voltou pra Jerusalém, quando chegou lá Herodes perguntou:

-Você, cume os homens acharam?

Ele disse:

-Não!

E disse:

-Não porque rapaz?

-Não porque a estrela apareceu, ai quando a estrela apagou, eu não vi mais eles. E ele falou assim:

-Rapaz, então você vai ficar de castigo ai.

Não tinha outra solução eles tem que ir lá em Belém e voltar, eles tinham que passar por aquele trevo.

-Então você fica vigiando eles, quando eles volta, vai chama aqui eles pra perguntar. Você mesmo vai ficar ai vigiando.

E eles foram e seguiram foram lá fizeram a adoração, adoram o menino, voltaram ai na volta o guarda foi e:

-Ei, ei, ei! O rei quer falar com vocês!

E eles tocaram para lá, chegou lá Herodes perguntou para eles, perguntou pra:

-Cume, encontraram lá o novo rei?

Eles disseram:

-Encontremo.

-E fizeram o que queriam?

-Fizemos, adoramos i rapaz i... mas é um anjo lindo.

Ai ele falou assim:

-Poxa, mas é aonde?

E eles falou assim:

-Passe...

Ai respondeu o Baltazar:

-Pra encontrar, tem que seguir a estrela conforme nós fizemos.

-E como é que ele ia seguir essa estrela se a estrela não aparecia para ele?

Ele ficou... ai Herodes ficou pensando, ai falou assim:

-Cume que eu faço?

-Ué tem que seguir a estrela por onde nós seguimos! E até amanhã seu rei, e muito obrigado pela atenção, que deu nós, obrigado pela atenção né...

Mas não, ele zombou da cara deles, ai pagou com a mesma moeda. E os três reis ô, cantou peneu. Foram embora pro oriente, como se diz assim a volta dos três reis para o oriente. Quer dizer em profecia eles ai que falam os mestres... cume:

Os três reis lá em Belém

fizeram a sua chegada

Adoraram a Jesus menino,

Deixando a virgem satisfeita

Por ter seu filho adorado

Se ajuelharam e se levantaram

Fizeram sua retirada

Voltando para o Oriente

pra sua terra natal

Saíram com muita alegria

E se despediram do pessoal

Ai quer dizer, foram embora né. Ai como nasceu à folia... Ai como chegaram no Oriente, lá na... passaram na praça aonde Baltazar ficava fazendo os trabalhos dele e o povo perguntava assim:

-Cume encontraram lá o messias?

-Ih, encontremos.

-Foi bom lá?

-Foi! Foi muita alegria, mas é uma coisa muito boa, um lugar muito bom, Oh mas que beleza!

Origem da folia na Bíblia

Ai eles foram e foram acompanhando né. Ai eles começaram da praça pra lá, eles começaram a cantar e de alegria e de baterem até chegarem na casa de Baltazar. E cantando e o povo acompanhando. Quando eles chegaram na casa de Baltazar, ai levaram um tempo cantando pro povo, e o povo... Ai eles dançavam e os outros pulavam ai o nego falou assim:

-Você veja só essa visita que nós fizemos, que alegria para nós né. Veja só esse povo que folia que formou? Né? Que folia que formou? Mas formada por quem? Formada por nós três reis!

Ai batizou a missão. Então ai que tá a nossa origem e por ai vai, por ai tem muita coisa isso ai é a passagem que tem na bíblia dos magos. A passagem, na bíblia, na bíblia consta a vinda dos três magos que você vai ver a vida dos três reis magos, diz na bíblia. Então é isso ai que nós, então essa ai que é a origem da folia de reis, mas tem por ai é que vai

A enunciação

Enunciação, quando o anjo anunciou, anunciou a Maria, na anunciação quando ele chegou a Maria, José não estava em casa, Maria estava sozinha. O anjo chegou e aposou em uma pedra assim e chamou por ela, quando ela olhou disse: É... fazemos assim ... uma trelação (?)e faz outro, faz outro, faz outro cada um faz um... faz de um jeito, mas tem um trecho que diz assim:

25 de março

um anjo que Deus marcou

De cima do alto do céu

Desceu um anjo do Senhor

O anjo desceu a terra

Na cidade de Nazaré

Nos pés da virgem Maria

Esposa de são José

A virgem estava rezando

Quando o anjo apareceu

Aquele anjo de Deus

chegou a Maria e falou

Vós será anunciada

Para mãe de Salvador

Obra do pai

Pra obra do Espírito Santo

Que Pai eterno mandou

Isso é anunciação, anunciação do nascimento de Jesus, ai daí que né? A obra engrandeceu e tem a mensagem, as palavras da mensagem, tinha as palavras da... consagrando a mensagem as palavra. E ai ficou... ai depois que veio a viagem, é por ai... mas é por ai, mas por hoje vamos ficar por ai.